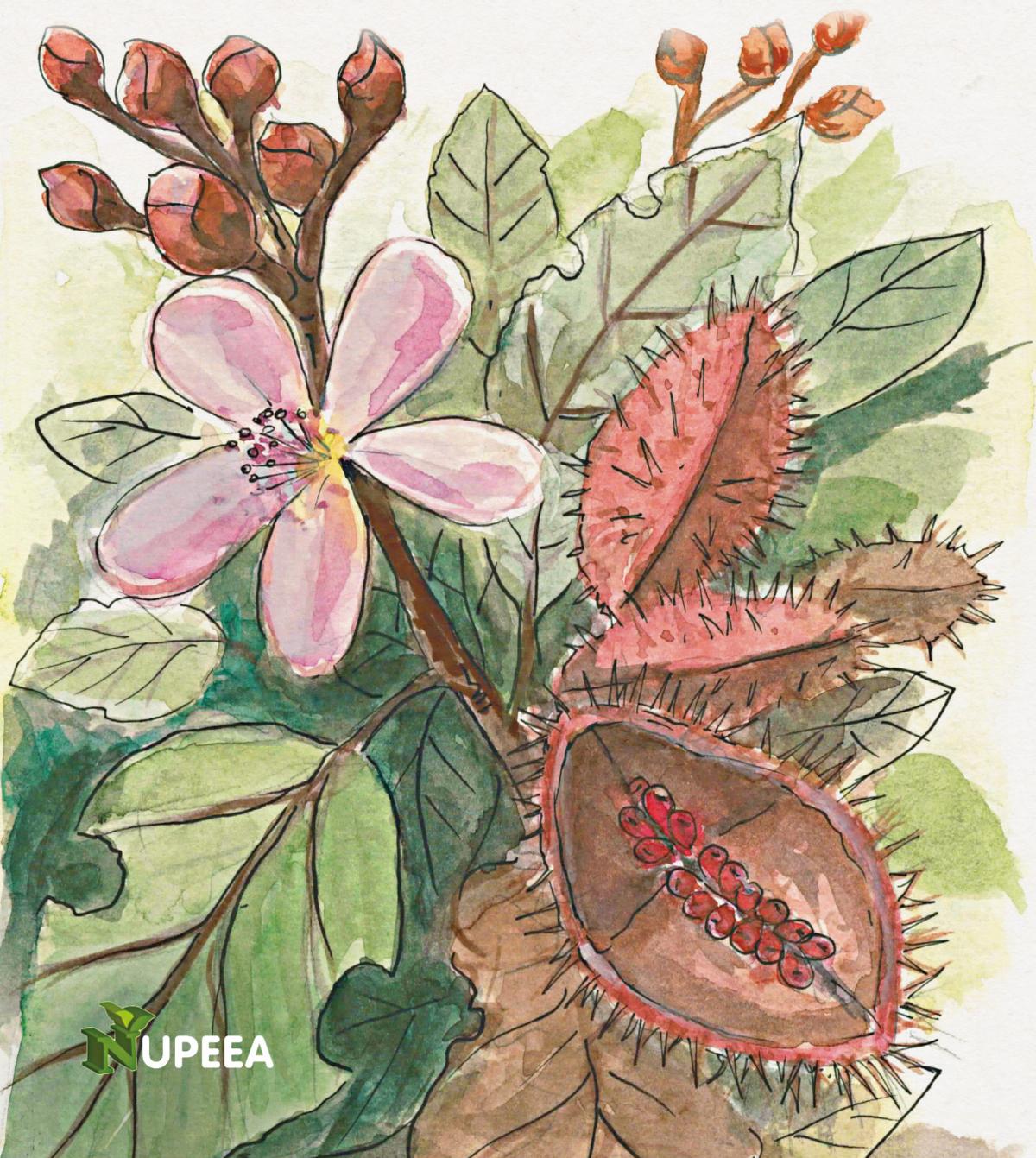


Angelo Giuseppe Chaves Alves editor

DOCÊNCIA EM ETNOCIÊNCIAS

Um caminho com o coração





Angelo Giuseppe Chaves Alves editor

DOCÊNCIA EM ETNOCIÊNCIAS

Um caminho com o coração

Coedição

canal6 editora



Este é um e-book distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License (CC BY). O uso, distribuição ou reprodução em outros fóruns é permitido, desde que o(s) autor(es) original(is) e o(s) proprietário(s) dos direitos autorais sejam creditados e que a publicação original seja citada, de acordo com a prática acadêmica aceita. Não é permitido nenhum uso, distribuição ou reprodução que não esteja em conformidade com estes termos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Benitez Catalogação Assessoria Editorial)

D665 Docência em etnociências : um caminho com o coração / [editor] Angelo
1.ed. Giuseppe Chaves Alves. – 1.ed. – Recife, PE : Nupeea : Bauru, SP : Canal
6, 2022.
156 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-7917-569-5 (impresso)
ISBN 978-85-7917-568-8 (e-book)

1. Etnociências. 2. Etnoecologia. 3. Professores – Formação. I. Alves,
Angelo Giuseppe Chaves.

04-2022/33

CDD 370.71

Índice para catálogo sistemático:

1. Professores : Formação : Educação 370.71

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

“Não há prática docente que não seja ela mesma um ensaio ético e estético”
Paulo Freire

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
----------------	---

ETNOCIÊNCIAS E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES

EDUCAÇÃO E ETNOECOLOGIA: PAIXÕES COMPARTILHADAS	13
---	----

Angelo Giuseppe Chaves Alves

ELOS ENTRE AS ETNOCIÊNCIAS E A EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DO OLHAR DE ETNOBIÓLOGAS E EDUCADORAS	18
---	----

Márcia Freire Pinto

Maria Carolina Sotero

Taline Cristina da Silva

DOCÊNCIA EM ETNOECOLOGIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

PROFISSÃO DOCENTE	31
-------------------------	----

Marilian Boachá Sampaio

DO ESTÁGIO À VIDA DOCENTE	41
---------------------------------	----

José Ribamar de Sousa Júnior

QUANDO COMECEI A ABRIR A CAIXA-PRETA DA CIÊNCIA	47
---	----

Daniele Claudino Maciel

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA DISCIPLINA DE ETNOECOLOGIA	56
---	----

Washington Soares Ferreira Júnior

A ETNOECOLOGIA QUE EDUCA BIÓLOGOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA.	61
<i>Roberta Monique Amâncio de Carvalho</i>	
ETNOECOLOGIA NA UFRPE: COMO UM ESTÁGIO DE DOCÊNCIA SE TORNOU UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA?	70
<i>Rafael Ricardo Vasconcelos da Silva</i>	
EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM ETNOECOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DO PROFESSOR-ESTUDANTE	77
<i>Maria Carolina Sotero</i>	
ETNOCIÊNCIA COMO OPÇÃO PEDAGÓGICA E CIENTÍFICA.	87
<i>Henrique Fernandes de Magalhães</i>	
ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM ETNOECOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL.	93
<i>Mariana Cavalcanti Gomes da Silva</i>	
DRAMA ETNOBIOLÓGICO	101
<i>Daniel Carvalho Pires de Sousa</i>	
RECORTES DE UM ESTÁGIO DE DOCÊNCIA	111
<i>Mariana Giraldi</i>	
RELATO DE SUBSTITUTO: UMA EXPERIÊNCIA SUBSTANTIVA.	123
<i>Alyson Luiz Santos de Almeida</i>	
SER DIFERENTE EM UM MEIO TÃO IGUAL: UM “ETNO” NA ZOOTECNIA	134
<i>Rosalia de Barros Nascimento de Medeiros</i>	

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

IMAGENS DE UMA AULA ETNOECOLOGIA NO CAMPO	142
<i>Angelo Giuseppe Chaves Alves</i>	
<i>Renata Manzi de Souza</i>	

PREFÁCIO

Nas últimas décadas, a Educação e sua interatividade com as Etnociências, em especial a(s) Etnoecologia(s), vem se desenhando como um objeto de reflexão epistemológica. A formação de professores nesta perspectiva vem se deslocando de uma concepção convencional do processo educacional para um questionamento contínuo deste mesmo processo. Paradoxalmente, a hegemonia de padrões de conduta das relações sociais da pós-modernidade, e o redimensionamento destes padrões pelo pós-colonialismo se apresentam num lugar de destaque na concepção do conhecimento e experiência na formação docente.

Dentre estes novos espaços de questionamento da formação de professores, merece um comentário a complementaridade existente entre o enfoque do Estágio de Docência e a Memória. O conjunto de capítulos preparados para este livro se coloca justamente neste espaço interativo, em que os saberes docentes em rede, se conectam para a construção de uma ambiência favorável tanto para a Educação quanto para a Etnoecologia. Há uma dinâmica própria na condução da sua escrita assentada nos agenciamentos do dispositivo da memória individual sobre as experiências do estágio de docência com o Professor Dr. Ângelo Giuseppe Chaves Alves, responsável pela componente curricular Etnoecologia, na Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Transcorridos os anos, as vivências aqui expressas através de autobiografias de suas jornadas acadêmicas no estágio de docência há pouco referenciado, os então discentes, trazem uma nota de que todos comungam, qual seja, o tratamento da memória entre a racionalidade da consciência e a emotividade.

Podemos depreender que das linhas escritas transcorre uma forma imagética da memória plenamente sensorial, emotiva, natural e espontânea

e, ao mesmo tempo, igualmente articulada. Percebemos que possivelmente, sem incertezas sobre o que deveria ser lembrado sobre as experiências de seus estágios de docência, os autores nos deixam perceber que, naquele momento, tinham opinião acerca daquilo que se deveria ser preservado e sustentado para além do estágio experienciado. A presença das lembranças nas narrativas, nos descortina elementos marcantes que se deslocaram para as habilidades que assumiriam mais tarde em suas histórias de vida, em maior ou menor grau de consciência, quando já no exercício cotidiano da interatividade entre Educação e a(s) Etnoecologia(s).

A reunião destas memórias individuais neste livro ***Docência em Etnociências: um caminho como o Coração*** tem a ação de nos colocar em face com a memória coletiva, como um elemento reflexivo para a identidade do “Coletivo: Professores Etnobiólogos e Etnoecólogos”.

Assim, a jornada de leitura desta obra certamente nos conduz à reflexão sobre a formação e prática docente, e à discussão em que medida estas narrativas nos impelem a criar vínculos na relação teórico-prática dos profissionais etnobiólogos e etnoecólogos.

Profa. Dra. Maria Franco Trindade Medeiros

Laboratório Interativo em Etnobotânica (LinE), Departamento de Botânica, Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro

ETNOCIÊNCIAS E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES



EDUCAÇÃO E ETNOECOLOGIA: PAIXÕES COMPARTILHADAS

ANGELO GIUSEPPE CHAVES ALVES

Universidade Federal Rural de Pernambuco / Departamento de Biologia

Sempre achei que as ciências em geral representam um ramo muito atraente e um pouco “misterioso” da experiência humana. Assim é que eu vejo. Sendo filho de uma educadora do campo e de um agricultor, pode até parecer óbvio que eu tenha me interessado pelo universo das ciências e pelos processos educativos em geral. Mas daí até chegar na Etnoecologia, foi um longo caminho. Pedras rolaram. O fato é que estou aqui, escrevendo uma parte de um livro que trata de Educação e Etnoecologia. Tudo conectado. Já pensou? Pense!

A Educação para mim está no campo dos desejos. Que grande prazer eu sinto por exercer a tarefa de educador! Refiro-me a um prazer num sentido bastante amplo. Seguindo a tradição grega de Sócrates e Platão, gosto de considerar que “educar é nutrir com Eros”, como diz a psicanalista brasileira Márcia Neder Bacha (2006). Também nessa abordagem de encarar o aspecto erótico na educação, a educadora estadunidense bell hooks (2013: 258) considerou o seguinte:

A compreensão de que Eros é uma força que auxilia o nosso esforço geral de autoatualização, de que ele pode proporcionar um fundamento epistemológico para entendermos como sabemos o que sabemos, habilita tanto os professores quanto os alunos a usar esta energia na sala de aula de maneira a revigorar as discussões e excitar a imaginação crítica.

Dito de outra forma: A aventura do saber instiga o prazer. Prazer em conhecer! Este é o recorte, o foco principal deste livro.

Quando olho por este viés, tudo se mostra mais conectado ainda, desde o começo da minha/nossa jornada, pois a mesma pessoa que me facilitou o acesso às letras me deu também o leite materno. Me explico: minha mãe era uma “professora primária” quando mamei em seu peito por vários meses na segunda metade dos anos 1960, num tempo em que as reviravoltas da contracultura chacoalhavam o mundo ocidental e o meu pai fabricava cachaça no Agreste da Paraíba. E, pouco depois, fui estudar num “Grupo Escolar Municipal” em que minha mãe atuava como docente do ensino fundamental. Não tenho como não ser grato por essas conexões entre *Eros* e *Logos*.

A partir dessa gratidão, sinto-me “energizado” para encarar os contrastes e conflitos socioambientais que encaramos no campo da Etnoecologia. Quero chamar atenção para um determinado ângulo que me impressiona bastante a esse respeito: refiro-me ao contraste entre a diversidade e a monocultura. Por um lado, cerca de 15 espécies vegetais proporcionam mais de 90% da alimentação consumida no planeta. Por outro lado, há casos em que uma determinada etnia amazônica chega a conhecer e utilizar mais de 100 espécies, mesmo quando se considera apenas aquelas listadas para fins medicinais. Esse estado de coisas era já bem conhecido no meio acadêmico na segunda metade do século passado (Paoletti 1992), mas não encontro evidência de que esta situação esteja se atenuando, em termos globais. Muito pelo contrário!

A monocultura do sistema agroalimentar que acabo de descrever é análoga (e relacionada) àquilo que o sociólogo português Boaventura Santos (2002) chama de “monocultura do saber”. A cultura erudita e a cultura científica mantêm-se hegemônicas, globalmente, apesar dos debates e críticas. Quando grupos neofascistas e negacionistas do clima ganham mais poder em várias partes do mundo, muitos daqueles que se opõem a essa tendência acabam recorrendo a argumentos científicistas, encastelando-se numa postura acadêmica arrogante, muito solitária e pouco solidária. Nas disputas entre negacionistas e científicistas ferrenhos, os saberes dos povos tradicionais ou locais continuam à margem e são vistos como meramente “alternativos”. Neste sentido, Boaventura Santos propõe que a monocultura do saber científico seja substituída por uma ecologia de

saberes. Segundo ele, “esta ecologia de saberes permite não só superar a monocultura do saber científico, como a ideia de que os saberes científicos são alternativos ao saber científico” (Santos 2002).

Estar no mundo como etnoecólogo e educador implica em encarar esses e outros conflitos sem adotar posturas academicistas que reforcem (ainda mais) o poder daquela ciência que é culturalmente associada ao poder branco masculino ocidental e heteronormativo. O neofascismo e o negacionismo não serão suficientemente superados através do recurso à ciência cartesiana. É claro que a visão etnoecológica não é em si suficiente, nem é o único caminho para o enfrentamento desses conflitos. Outras racionalidades e variadas afetividades têm entrado em cena. A própria etnoecologia também é diversa e talvez seja melhor considerá-la(s) no plural: *etnoecologias* (Alves & Souto 2010).

Obviamente, não há etnoecologia sem ecologia. Portanto, uma visão etnoecológica do mundo passa, necessariamente, pelo aprendizado da questão ecológica, inclusive quando se pretende discutir aplicações educacionais da etnoecologia. É por isso que precisamos, neste momento da conversa, fazer uma curva para estabelecer, como a personagem Alice (de Lewis Carroll) diante do gato risonho: qual é o caminho que desejamos seguir? Ou melhor: qual é a visão ecológica que nos pode ser útil para manter em marcha as nossas Etnoecologias? Neste ponto, é oportuno buscar o auxílio do ecólogo Eugene Odum (2013). No prefácio do livro “Basic Ecology” (cujo título na versão brasileira é simplesmente “Ecologia”) ele firma que “a ecologia, como uma integração entre ciências naturais e sociais, tem grande potencial para aplicação nos assuntos humanos, uma vez que as situações do mundo real quase sempre incluem um componente de ciência natural e um socioeconômico e político” (o grifo é nosso). Daí, compreende-se que a própria ciência ecológica, mesmo quando não lhe antepomos o prefixo “etno”, já prevê uma abordagem ecológica que valoriza conexões sistêmicas e complexas, sem desconsiderar as particularidades sociais e políticas da espécie humana.

Como poderíamos caracterizar em maior detalhe essa visão ecológica que desejamos trazer para o centro da prática etnoecológica e educacional? Vou enfatizar aqui alguns aspectos que considero fundamentais neste sentido:

(a) Ecologia não é somente um conjunto de assuntos, mas também uma forma de ver o mundo.

(b) Esta visão de mundo baseia-se no conhecimento relacional e no estabelecimento de pontes entre biótico e abiótico; social e natural; local e global.

(c) A visão ecológica enfatiza também o caráter finito dos bens da natureza e a dependência que os seres vivos (inclusive humanos) têm em relação às fontes finitas desses bens.

(d) Ecologia não é mero sinônimo de ambiente, nem de conservação, mas está intimamente ligada à conservação dos diversos ambientes.

(e) Esses princípios podem ser concebidos e adotados, inclusive do ponto de vista pedagógico, em qualquer ambiente, desde florestas relativamente bem preservadas até salas de aulas urbanas.

Uma visão ecológica que valorize os aspectos acima descritos tem uma clara confluência com a teoria geral de sistemas e com a respectiva noção de causalidade mútua: Todas as coisas (vivas ou não) estão apoiando (e influenciando) umas às outras o tempo todo. Esta noção de causalidade mútua, que nos permite ir além da visão de linear de causa e efeito, vem sendo desenvolvida e aplicada tanto no meio acadêmico (como é o caso da teoria geral de sistemas), como em culturas antigas (Macy 1991) e tradicionais (Cajete 1999). E quando falamos em culturas tradicionais, sabemos que estamos, mais uma vez (ou ainda), no âmbito das Etnoecologias.

A partir deste ponto, alguém pode muito bem trazer uma pergunta provocativa, daquelas que movimentam uma aula e fazem o docente tomar ânimo: *mas, professor, você poderia trazer exemplos concretos de aplicação dessa visão (etno)ecológica na educação?* É aí que entra em cena este livro, que traz, na maior parte do seu conteúdo, uma compilação de relatos autobiográficos¹ de estudantes de mestrado e doutorado, a respeito de suas experiências de Estágio de Docência na disciplina Etnoecologia, ministrada desde 1997 em nível de graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). No início, ela era uma disciplina obrigatória do curso de Ciências Sociais e com o passar dos anos tornou-se também

1 Para maiores detalhes e exemplos de aplicações da abordagem autobiográfica em processos educacionais e de pesquisa, ver Wilson (1995) e Jurin & Hutchinson (2005).

uma disciplina optativa para os cursos de Bacharelado e Licenciatura e em Ciências Biológicas, sempre na UFRPE.

O que sobressai nesses relatos dos pós-graduandos é a emoção, a narrativa apaixonada e apaixonante. Aquela mesma paixão inundada de *Eros* que ressaltai no início deste texto. Para mim, isto parece indicar que talvez já estejamos suficientemente maduros para sublinhar o elemento *Eros* (desejo, prazer) na prática etnoecológica, especialmente quando se trata da interface da Etnoecologia com a Educação. E você? O que acha? O que sente? O que deseja?

Referências

- Alves AGC; Souto FJB. 2010. Etnoecologia ou etnoecologias? Encarando a diversidade conceitual. In: Alves AGC; Souto FJB.; Peroni N. (eds.) Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação. Recife, NUPEEA. p.17-40.
- Bacha MSCN. 2006. O Mestre e Seus Feitiços. Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor 1: 58-67.
- Cajete G. 1999. Native Science: natural laws of interdependence. Santa Fe, Clear Light.
- hooks b. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo, WMF Martins Fontes.
- Jurin RR, Hutchinson S. 2005. Worldviews in transition: using ecological autobiographies to explore students' worldviews. Environmental Education Research 11: 485-501.
- Macy J. 1991. Mutual causality in buddhism and general systems theory: the dharma of living systems. Albany, Suny Press.
- Paoletti MG; Pimentel D; Stinner BR; Stinner D. 1992. Agroecosystem biodiversity: matching production and conservation biology. Agriculture, Ecosystems & Environment 40: 3-23.
- Odum EP. 2013. Ecologia. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.
- Santos BS. 2002. Para uma sociologia das ausências e das emergências. Revista Crítica de Ciências Sociais 63: 237-280.
- Wilson RA. 1995. Ecological Autobiography. Environmental Education Research 1: 305-314.

ELOS ENTRE AS ETNOCIÊNCIAS E A EDUCAÇÃO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS A PARTIR DO OLHAR DE ETNOBIÓLOGAS E EDUCADORAS

MÁRCIA FREIRE PINTO

Universidade Estadual do Ceará

MARIA CAROLINA SOTERO

Rede Estadual de Educação de Pernambuco e Prefeitura
Municipal de Vitória de Santo Antão (Pernambuco).

TALINE CRISTINA DA SILVA

Universidade Estadual de Alagoas

Para onde vão as pessoas com formação em etnobiologia e etnoecologia?

Etnobiologia e Etnoecologia são campos de conhecimento científico que buscam entender a complexa relação entre as sociedades e a natureza, através das percepções, cosmovisões e conhecimentos construídos por indivíduos e grupos sociais a partir dessa interação.

Em ambientes formais de aprendizagem, esses conhecimentos locais ou tradicionais conectam-se com os científicos, influenciando para que o processo de ensino-aprendizagem seja dinâmico e inclusivo. Sendo assim, existe uma confluência entre as Etnociências e a educação nessa construção de novos saberes.

Dessa forma, essa estreita ligação entre Etnociências e educação caracteriza-se como um elo importante no campo do ensino de Ciências, principalmente no Brasil. Tomando como referência o perfil dos egressos de Mestrado e Doutorado do Programa em Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGEtno)², nota-se que a maioria dos etnobiólogos e etnoecólogos brasileiros atua no campo das ciências naturais.

No entanto, Etnobiologia e Etnoecologia não se restringem às ciências naturais. Pelo contrário, elas possuem caráter multidisciplinar, pois lidam com fenômenos complexos (relações entre sociedades e natureza) e, por isso, vêm sendo abordadas também por profissionais das ciências humanas e da saúde. Daí a importância de estudar o perfil dos etnobiólogos e etnoecólogos (Wolverton et al. 2014).

Por apresentar uma rica sociobiodiversidade (Lopes et al. 2019), distribuída nos seus mais diversos ecossistemas (Barbosa et al. 2004), o Brasil torna-se um excelente cenário para estudos etnobiológicos e etnoecológicos e, talvez por esse motivo, o país também tenha atraído estudantes para essa área do conhecimento. Na América Latina, por exemplo, o Brasil tem se destacado no cenário etnobiológico e etnoecológico, tanto na formação de profissionais, quanto na produção científica (Albuquerque et al. 2013). No país existem alguns programas de pós-graduação, cujas pesquisas podem abordar Etnobiologia e Etnoecologia como os programas de Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA), de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente, de Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente, de Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis e de Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGEtno). Além, disso, dissertações e teses direta ou indiretamente associadas a Etnobiologia têm sido produzidas também em programas de pós-graduação dedicados a áreas específicas das ciências naturais como ecologia, botânica e zoologia.

Muitos dos pesquisadores formados em Etnobiologia e Etnoecologia no Brasil obtiveram seus diplomas de graduação em cursos de bacharelado e têm sido inseridos no mercado de trabalho como docentes, tanto no setor público como no privado, inclusive formando outros professores, pois muitos desses profissionais atuam em cursos de licenciaturas.

2 Programa de Pós-graduação criado em 2012, formado pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e Universidade Regional do Cariri (URCA). Site: <http://www.pgetno.ufrpe.br>

Assim, é preciso refletir sobre a formação de etnobiólogos e etnoecólogos no país, levando em conta as possíveis implicações dessa formação na educação. Neste sentido, uma análise dos currículos disponíveis na Plataforma Lattes permitiu acessar informações relevantes de 50 dos 57 estudantes formados ou cursando mestrado ou doutorado no PPGEtno entre 2012 (primeiro ano do programa) e 2020³. Observou-se que mais da metade (28) daqueles 50 vinham atuando como professores em universidades e institutos federais e três na educação básica. Portanto, a carreira docente é uma realidade para mais de 60% dos egressos cujos currículos foram avaliados.

Porém, nós etnobiólogos e etnoecólogos apesar de estarmos atuando como professores, muitas vezes, não obtivemos uma formação direcionada para a necessidade de lidar com a interface dos conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem. Ao perceberem essa falha, alguns procuram complementar a sua formação e outros tentam aprender na prática, através dos estágios de docência, que são obrigatórios, por exemplo.

Embora os estágios de docência no mestrado e doutorado sejam importantes para que os estudantes vivenciem o ensino nas universidades, nos programas de pós-graduação supramencionados não há discussão aprofundada sobre teorias pedagógicas, métodos e técnicas de ensino, didática, inter e transdisciplinaridade, entre outros aspectos relevantes para quem pretende atuar como professor.

É necessário que os etnobiólogos e etnoecólogos sejam educadores críticos e reflexivos, que saibam trabalhar com a contextualização, a pluralidade epistemológica e o diálogo de conhecimentos. Para isso, é importante repensar a formação desses futuros profissionais, para que a discussão no campo educacional possa ser inserida em sua abrangência.

Sabe-se que a educação atravessa os muros epistemológicos e que a conexão com os diferentes conhecimentos é necessária para uma aprendizagem significativa, que propicie a formação e o exercício da cidadania, com uma visão holística da realidade em que estamos inseridos.

3 O PPGEtno foi escolhido como universo de análise devido a especificidade da Etnobiologia no programa.

Estamos capacitados para assumir a docência?

Tendo em vista que a maioria dos etnobiólogos e etnoecólogos formados, sobretudo no Brasil, exercem a atividade de docentes, como já mencionado, cabe aqui levantarmos o seguinte questionamento: Os etnobiólogos e etnoecólogos têm formação suficiente para atuar como educadores?

Com formações diversas não direcionadas à educação, sem experiências prévias com esse ofício e sem formação específica para docência, os etnobiólogos e etnoecólogos se veem dentro das salas de aula assumindo esse desafio.

Alguns pontos favoráveis a estes profissionais podem ser destacados em relação a este último questionamento tais como: a contribuição da formação multidisciplinar e de pesquisador do etnobiólogo e do etnoecólogo para sua atuação na docência e a multidisciplinaridade da Etnobiologia e da Etnoecologia, que permite ao profissional dessa área ter uma visão ampla sobre os fenômenos que envolvem sociedades e natureza, aspecto de extrema relevância para atuação em sala de aula.

Vale destacar que nem sempre esses profissionais ministram disciplinas ligadas diretamente à Etnobiologia e à Etnoecologia ou aos recursos naturais, pois no Brasil são escassos os concursos públicos específicos para Etnobiologia ou Etnoecologia. Conseqüentemente, os docentes com essa formação são aprovados em concursos em outras grandes áreas das Ciências Biológicas como Botânica, Zoologia e Ecologia ou das Ciências da Saúde, como Farmácia, por exemplo.

Dessa maneira, é imprescindível uma boa formação acadêmica do etnobiólogo e do etnoecólogo, como um suporte que garanta sua atuação também como educador, já que essa, de maneira geral, é voltada para sua atuação enquanto pesquisador, mas sabemos que as funções docentes, mesmo em cursos técnicos ou de bacharelado, vão além da transmissão de conteúdos aos estudantes.

Dentre os princípios do ensino e aprendizagem estão: enriquecimento e estímulo aos processos cognitivos, dialogicidade e valorização do conhecimento prévio (Freire 2005, p 90):

[...]No fundo, ninguém chega lá partindo de lá, mas de um certo aqui. Isto significa, em última análise, que não é possível ao educador desconhecer, subestimar ou negar os “saberes de experiências feitos” com que os educandos chegam à escola.

Esses princípios dialogam com a prática etnobiológica e etnoecológica, uma vez que a Etnobiologia e a Etnoecologia trazem, idealmente, a perspectiva da dialogicidade, valorizando os diferentes tipos de saberes e estimulando os processos cognitivos e perceptivos dos povos com quem interagimos nas pesquisas de campo.

Tanto a Etnobiologia e Etnoecologia quanto o modelo pedagógico freiriano priorizam a aproximação entre os saberes científicos e os saberes locais. Assim, é possível que existam práticas pedagógicas contextualizadas com as diferentes realidades culturais e que respeitem as diferentes crenças e sistemas cognitivos, preparando o estudante para a participação em uma complexa comunidade científica e cultural.

Mas, afinal, que características um educador deve possuir? As habilidades e competências construídas pelos etnobiólogos e etnoecólogos os ajudam de alguma forma nessa missão?

Para o primeiro questionamento é preciso ressaltar que SER professor é estar em eterna mudança, em eterno aprendizado. Freire (1997) elenca posturas importantes a serem desenvolvidas por educadores em sua prática docente. Podemos destacar entre elas: estudo constante dos conteúdos que se pretende ensinar; construção de qualidades como humildade, amorosidade e tolerância; capacidade de conhecer os contextos socioculturais e econômicos que envolvem a escola; valorização da identidade cultural dos educandos e através dela compreender seus gestos e ações; convencimento de sua importância social e política, trazendo aos estudantes, inclusive, o “padrão culto”, que os instrumentará para a luta contra injustiças e discriminações de que são alvos.

O segundo questionamento já foi levantado e provisoriamente respondido anteriormente pelo etnoecólogo-educador Prof. Dr. Ângelo Alves (2014), ao afirmar que existe uma influência positiva da formação em etnoecologia no exercício da prática docente. De acordo com ele, a contribuição da formação de etnoecólogo para o trabalho do educador está na oportunidade desse profissional ou estudante de ter contato com diferentes culturas

e diferentes áreas do conhecimento (disciplinas); de exercitar a capacidade de descobrir outras formas de estar e explicar o mundo, no jogo de distanciamento/aproximação da realidade observada para melhor explicar os fenômenos observados e vivenciados com o outro e assim entender melhor a nossa própria cultura a partir da experiência do outro.

Com isso, contemplando os relatos apresentados pelos autores deste livro em seus estágios e em suas práticas atualmente e diante do que foi formulado por Freire (1997) e Alves (2014) sobre a formação docente, destacamos algumas experiências trazidas pelos autores que exemplificam a influência da Etnobiologia e da Etnoecologia na construção de suas posturas enquanto professores.

A importância de o docente manter-se atualizado quanto aos conteúdos que ministra, tendo como hábitos a leitura e o estudo, foi expressa no relato de Daniel Carvalho Pires de Sousa (“Drama etnobiológico”), ao afirmar que mesmo estando inserido dentro da Etnobiologia. Ao se deparar com o questionamento sobre a diferença entre a Etnobiologia e a Etnoecologia, ele se “forçou” a uma imersão maior na epistemologia dessas duas ciências.

Também verificamos essa característica de forma bem marcante no relato de Daniele Claudino Maciel (“Quando comecei a abrir a caixa-preta da ciência”), que nos mostrou a sua satisfação em reler os textos básicos no campo da Etnoecologia, anteriormente utilizados em sua graduação, além de descobrir obras importantíssimas fora de sua formação nas ciências naturais, como as do sociólogo Bruno Latour, por ela citado. A construção de qualidades como humildade, amorosidade e tolerância trazidas por Freire (1997) e a capacidade de descobrir outras formas de ver o mundo, tratada por Alves (2014), também ficaram evidenciadas no mesmo relato de Daniele Claudino Maciel, no trecho em que a autora trata dos conhecimentos aprendidos durante as visitas guiadas junto às catadoras de aratu (*Goniopsis cruentata*), durante o trabalho de campo da sua pesquisa de graduação. Através da frase “o aratu escuta”, a autora narrou lindamente a experiência de ver as catadoras assobiarem e “chamarem” os aratus para serem capturados, uma característica que até então não havia sido relatada para crustáceos na literatura especializada.

Ainda nesse sentido da descoberta de que a ciência é uma das formas de ver o mundo, mas não a única, a autora Mariana Giraldi (“Recortes de

um estágio de docência”) traz indagações sobre a importância do conhecimento local pertencente às benzedeadas, aos extrativistas de pequi e às catadoras de aratu, concluindo que são “pesquisadores da vida”.

Sobre a característica do docente de estar ciente da sua importância social e política (Freire 1997) e a capacidade do docente de se aproximar e se distanciar da realidade estudada (Alves 2014), podemos refletir sobre o relato de José Ribamar de Souza (“Do estágio à vida docente”), que ressaltou a importância de sua formação sob o olhar da Etnoecologia na construção de sua aprendizagem enquanto formador, preocupando-se em fazer seus alunos refletirem. Por sua vez, o autor Rafael Silva (“Etnoecologia na UFRPE: como um estágio de docência se tornou uma experiência transformadora?”) também destacou a importância dessa formação para seu entendimento da sala de aula enquanto espaço de reflexão crítica e de transformação e não, apenas, de transmissão unidirecional de conhecimento.

Por fim, os relatos apresentados pelos autores corroboram para concluir que uma formação docente sob o olhar da Etnobiologia e da Etnoecologia traz ao professor em construção características importantes que podem diminuir a sua defasagem inicial para docência.

São características valiosas construídas por esses profissionais e que os tornam diferenciados enquanto docentes: a formação multidisciplinar (abrangendo o campo das ciências naturais e das ciências sociais); o fato de terem como objeto de estudo o conhecimento local de diferentes povos; o reconhecimento da importância de cada cultura; a percepção da influência dos fatores socioeconômicos e ambientais sobre os indivíduos e a sensibilidade para notarem as relações afetivas das pessoas com seus lugares, seus recursos e seu povo.

O que emerge do encontro das etnociências com a educação?

Os frutos oriundos dessa formação multidisciplinar e crítica que o etnobiólogo e do etnoecólogo deve ter, podem envolver diferentes atividades voltadas às relações entre ensino, pesquisa e extensão. No que diz respeito a pesquisa, ser educador e etnocientista apresenta certas vantagens, à medida que o educando pode se tornar parte de alguns estudos e os resultados desse tipo de pesquisa podem retroalimentar as práticas

educacionais inclusivas e contextualizadas com a realidade escolar (ver Silva et al. 2010). Além disso, por meio da aproximação do conhecimento científico e tradicional emerge um conhecimento único em seu significado e linguagem.

Ser etnobiólogo ou etnoecólogo, na maioria das vezes, requer diálogo e contato direto com pessoas, além de muitas pesquisas terem caráter de pesquisa-ação (Silva & Ramos 2020). Algumas pesquisas são voltadas a resolução de conflitos (Narchi et al. 2014), geração de produtos que visam a melhoria da qualidade de vida das comunidades estudadas (Coelho-de-Souza et al. 2006) e até pesquisas que buscam construir ferramentas didático pedagógicas voltadas à valorização do conhecimento tradicional (ver Sotero et al. 2020).

Sendo assim, a partir das premissas que norteiam os trabalhos de extensão, como elencadas por Freire (1983) a Etnobiologia e a Etnoecologia são disciplinas que podem se aproximar de tais ações, pelos exemplos pontuados acima. Além disso, do ponto de vista ético, é muito comum nos trabalhos etnobiológicos e etnoecológicos a preocupação com o compartilhamento (muitas vezes também chamado de “retorno”) das pesquisas às comunidades estudadas (Patzalaff & Peixoto 2009), o que mais uma vez aproxima as etnociências de ações extensionistas, inclusive embasando tais ações do ponto de vista científico e cultural.

Já o professor etnobiólogo ou etnoecólogo inevitavelmente tem ancoradas em sua formação as premissas básicas para garantir uma educação inclusiva e que valorize as diferentes formas de saberes e práticas culturais. No entanto, a depender da formação que recebeu, do tipo de prática docente que exerce, das disciplinas que ministra, do nível educacional que leciona, da estrutura pedagógica da instituição de ensino na qual atua, entre outros fatores, nem sempre é possível garantir uma forma de ensino culturalmente apropriada, embora seja necessário.

Às vezes, apenas ser etnobiólogo ou etnoecólogo não é suficiente para ações e práticas pedagógicas e educativas adequadas, pois é preciso formações específicas e experiências diversas para embasar tais ações. Dessa forma, é importante refletirmos o tempo todo sobre que tipo de educadores, pesquisadores e extensionistas somos e queremos ser, e sobre o que falta em nossa formação para explorarmos em sua totalidade os princípios da Etnobiologia e da Etnoecologia em suas relações com a educação como

um todo. Por isso, devemos ter sempre em mente que: “Ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que nos tornamos parte” (Freire 2005).

Referências

- Albuquerque UP, Silva JS, Campos JLA, Sousa RS, Silva TC, Alves, RRN. 2013. The current status of ethnobiological research in Latin America: gaps and perspectives. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 9:1-9.
- Alves AGC. 2014. Não perguntem apenas o que devemos ensinar em etnoecologia; perguntem primeiro o que a etnoecologia tem a nos ensinar. In: Baptista GCS, Vargas-Clavijo M, Costa-Neto EM. (eds.) *A etnobiologia na educação ibero-americana: compreensão holística e pluricultural da biologia*. Feira de Santana: UEFS Editora. p. 501-511.
- Barbosa FAR, Scarano FR, Sabará MG, Esteves FA. 2004. Brazilian LTER: ecosystem and biodiversity information in support of decision-making. *Environmental Monitoring and Assessment* 90: 121-133.
- Coelho-de-Souza G, Kubo R, Guimarães L, Elisabetsky E. 2006. An ethnobiological assesment of *Rumohra adiantiformis* (samambaia-preta) extractivism in southern Brazil. *Biodiversity and Conservation* 15: 2737-2746.
- Freire P. 2005. *Paulo. Pedagogia do Oprimido*. São Paulo, Paz e Terra.
- Freire, P. 1997. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo, Editora Olho d'Água.
- Freire, P. 1983. *Extensão ou comunicação*, 8°. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Lopes E, Soares-Filho B, Souza F, Rajão R, Merry F, Ribeiro SC. 2019. Mapping the socio-ecology of Non Timber Forest Products (NTFP) extraction in the Brazilian Amazon: the case of açai (*Euterpe precatoria* Mart) in Acre. *Landscape and Urban Planning* 188: 110-117.
- Narchi NE, Cornier S, Canu DM et al. 2014. Marine ethnobiology a rather neglected area, which can provide an important contribution to ocean and coastal management. *Ocean & Coastal Management* 89: 117-126.
- Patzalaff RG, Peixoto AL. 2009. A pesquisa em etnobotânica e o retorno do conhecimento sistematizado à comunidade: um assunto complexo. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 16: 237-246.

- PPGEtno. Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza. 2020. <http://www.pgetno.ufrpe.br/?q=pt-br/o-programa>. 01 dec 2020.
- Silva TC, Medeiros PM, Araújo TAS, Albuquerque UP. 2010. Northeastern Brazilian students' representations of Atlantic Forest Fragments. *Environ Dev Sustain* 12:195-211
- Silva JA, Ramos MA. 2020. Contribuições da etnobiologia para formação continuada de professores de ciências da educação escolar quilombola. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias* 19: 132-158.
- Sotero MC, Alves AGC, Arandas JKG, Medeiros MFT. 2020. Local and scientific knowledge in the school context: characterization and content of published works. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 18: 1-20.
- Wolverton S, Nolan JM, Ahmed W. 2014. Ethnobiology, political ecology, and conservation. *Journal of Ethnobiology* 34: 125-152.

**DOCÊNCIA EM
ETNOECOLOGIA: RELATOS
DE EXPERIÊNCIAS**



PROFISSÃO DOCENTE

MARILIAN BOACHÁ SAMPAIO⁴

“O que é ser e como me tornar uma professora?”, sempre me questiono. Apesar de parecer uma pergunta relativamente simples, venho descobrindo que, na verdade, ela carrega um conjunto de significados que vai além da prática docente. Vai além da responsabilidade de transmitir os conteúdos formais predeterminados no contexto escolar. Vai além, inclusive, de guiar o pensamento dos discentes pelos diversos caminhos possíveis. Ultrapassa, ainda, os aspectos didáticos e metodológicos que aprendemos na universidade e na prática em sala de aula. Por isso, não é minha pretensão com este relato esgotar todas as possibilidades de resposta que esse questionamento exige, mas apenas fazer um pequeno recorte do que aprendi durante a minha vivência no estágio de docência em Etnoecologia.

No início da graduação, objetivava atuar apenas como pesquisadora. Apesar de ter escolhido a licenciatura (pura e simplesmente pelo mercado de trabalho e pela possível aptidão para ensinar), o que me encantava era a ideia de ser “bióloga de campo” e de descobrir os porquês do mundo natural. As dificuldades que encontrava no convívio social, por ser introspectiva, e a desvalorização da profissão docente diminuíam minha vontade de seguir essa profissão e, ingenuamente, me mostravam que ser bióloga de campo era a única alternativa para que eu me realizasse profissionalmente nas Ciências Biológicas.

4 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Doutorado no PPG Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Antonio da Silva Souto (UFPE)

Para mim, a vida, seja ela qual for, é sagrada, e, como pesquisadora, eu acreditava que poderia ajudar a salvar a biodiversidade ou ao menos parte dela. A Biologia da Conservação parecia, assim, o caminho a seguir. A ideia de ser uma bióloga um pouco mais radical, participando de grupos ativistas como o *Greenpeace*, apesar de utópica, era o que me motivava no início da graduação. Contudo, mesmo tendo a imagem de que, por meio das pesquisas de campo, poderia promover a conservação da natureza, eu sabia que não poderia protegê-la sozinha e que precisaria me engajar na educação das pessoas para que tivesse êxito nesse propósito.

Não obstante, ainda na graduação, descobriria que os biólogos de campo, como qualquer outro profissional, inevitavelmente precisam interagir com outras pessoas em seus trabalhos e que não podemos escapar dos conflitos daí decorrentes. Além disso, a visão utópica de defensora da natureza acabou se esvaindo por ver recorrentemente, seja pela população em geral, pelos governantes ou por pessoas próximas a mim, a desvalorização de questões ambientais. Acrescenta-se a isso a desvalorização da ciência e das práticas de pesquisa sobre o meio ambiente, assim como do profissional docente. Diante dessa nova realidade, como poderia contornar a frustração dos sonhos que tanto idealizei na graduação? Qual caminho poderia seguir que aliasse a minha vontade de trabalhar com conservação da natureza, sem perder a lucidez quanto à pouca importância que as pessoas dão para o meio ambiente, à possibilidade de promover a mudança que eu esperava? Sabia que atuar na educação de pessoas com o propósito de mudar suas concepções e práticas danosas ao meio ambiente era urgente, pois a degradação da natureza na velocidade atual não permite perspectivas de qualidade de vida para as futuras gerações. A docência passou a figurar, então, como uma alternativa.

Finda a graduação, comecei a refletir sobre essa nova perspectiva na esfera educacional. Inicialmente, me questionei acerca de como adquirir a base para entender o pensamento e as ações das pessoas em relação ao meio ambiente e, assim, saber os pontos que devem ser trabalhados para promover uma mudança na forma como elas se relacionam com a natureza. Infelizmente, eu não obtive essa resposta tão cedo quanto esperava, pois não tive a oportunidade de conhecer a Etnobiologia nem a Etnoecologia durante a graduação. Na verdade, não sei se foi por falta de oportunidade ou se foi porque meu olhar para os motivos das atitudes das pessoas

em relação à natureza não era complacente. Naquela época, bastava tão somente condenar as práticas nocivas ao ambiente e propor ações que as eliminassem.

Foi no IV Encontro Pernambucano de Etnobiologia e Etnoecologia, ocorrido na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em 2011, na cidade do Recife, que descobri ser possível buscar a conservação da natureza sem deixar de lado as necessidades humanas. A palestra inicial do professor Ulysses Paulino de Albuquerque, cujo tema era Etnobiologia, me direcionou a uma nova perspectiva em relação às práticas científicas e educativas para entender e transformar as pessoas. Após esse momento, comecei a imergir nos conceitos e estudos relacionados à Etnobiologia. Embora a graduação tivesse me mostrado que, na natureza, todas as relações ecológicas têm uma razão de ser, pessoalmente, eu não tratava a relação entre seres humanos e meio ambiente como relação ecológica, analisando os seres humanos apenas sob a ótica socioeconômica. Para mim, a racionalidade humana transformara as pessoas em únicas responsáveis pelos seus atos, seguindo fielmente os desmandos do mercado financeiro com a extração de matérias-primas para seu usufruto. Assim, a Etnoecologia foi uma disciplina revolucionária que transformou esses conceitos: por seu intermédio, passei a olhar os seres humanos também como seres naturais, que não são somente o agente modificador do ambiente, mas também partícipes que causam mudanças e sofre com elas. Foi com essa disciplina que pude entender os motivos que levam as pessoas a serem da forma que são, compreendendo seus pensamentos, suas crenças e seus medos. Antes, para mim só havia um lado na história das degradações ambientais. Agora, de um lado, estava a conservação da natureza; do outro, estavam seres altamente complexos cujas atitudes podem ser motivadas por suas necessidades básicas, seus conhecimentos e seus valores.

Ante essa nova temática, ressurgiu a vontade de iniciar o mestrado. Ingressei, então, no curso de mestrado em Ecologia, pois buscava uma visão mais holística sobre as relações ecológicas, inclusive aquelas em que os seres humanos estão inseridos. Nesse sentido, buscando entender como as crianças percebem e se relacionam com o ambiente que as rodeiam, propus verificar se a proximidade com uma floresta contribuiria para o conhecimento delas sobre a biodiversidade. Obtive resposta positiva para essa pergunta, e com isso a Etnoecologia se tornou mais próxima, consolidando

o pensamento de que ela poderia ser um leme às minhas ações para a conservação da natureza. O próximo passo foi, então, a escolha do curso de doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza para aprofundar o conhecimento das relações entre seres humanos e meio ambiente.

Com a realização do estudo junto às crianças no mestrado, passei a olhar com mais carinho para o processo educativo, com o intuito de formar aliados para a conservação da natureza. A partir desse momento, busquei entender melhor como poderia acessar, motivar e sensibilizar as pessoas para o debate sobre as causas ambientais. Além disso, eu me perguntava: de que maneira seria possível formar multiplicadores desses pensamentos, a fim de propagar a vontade de conservar a natureza? Essas novas questões me direcionaram para o estágio de docência com o professor Ângelo Giuseppe Chaves Alves, pois sabia que ele ofertava a disciplina de Etnoecologia na graduação. Acreditava que esse estágio contribuiria para um conhecimento mais aprofundado sobre Etnoecologia e sua atuação na conservação da natureza, mas, para minha surpresa, essa experiência me mostrou, também, novas formas de enxergar e vivenciar a prática docente. Foi, então, que a pergunta com a qual iniciei este relato ganhou força e sentido, e, a partir daí, passei a buscar o entendimento do que é ser professor e como poderia me tornar uma.

Antes mesmo de começar a disciplina, o professor responsável me mostrou uma nova forma de olhar a educação. Regadas com o cheiro confortante dos cafés servidos em uma cafeteria, as conversas iniciais me revelaram não só como planejar uma disciplina para alunos de graduação, mas também como romper com o estigma do sistema educacional formal que tradicionalmente acontece em sala de aula. Nesses primeiros encontros, pude perceber como é indispensável transportar as práticas educacionais para qualquer ambiente, pois o aprendizado faz parte de nossa vida cotidiana. Enquanto escutava seu relato sobre a luta para incorporar a disciplina de Etnoecologia à grade curricular do curso de Ciências Biológicas anos atrás, as respostas para o que é ser professor começaram a se formar em minha mente – não de forma concreta e definitiva, apenas clarificando como a profissão docente também era feita de batalhas que devem ser travadas para propor mudanças em seu sistema.

Nas aulas iniciais, a preocupação do professor consistia em conhecer seus alunos e dar os primeiros passos para explicar o que era a Etnoecologia.

Vários debates foram propostos pelo professor para elencar o papel da Etnoecologia nos estudos sobre as questões ambientais. Desde a primeira aula, com a construção da definição de Etnoecologia, seja no âmbito etimológico, epistemológico ou eminentemente prático, os alunos puderam perceber que essa disciplina parte de um caráter realista das relações das pessoas com o meio ambiente. Com textos cuidadosamente escolhidos, o professor propunha em todas as aulas reflexões sobre como poderiam se aplicar os aspectos teóricos da Etnoecologia no entendimento da relação entre seres humanos e natureza, inclusive propondo pesquisas que auxiliassem a gestão dos recursos naturais.

Enquanto aprendia mais sobre os aspectos teóricos da Etnoecologia, não pude deixar de observar a gama de possibilidades didáticas que eram utilizadas pelo professor, que incluíam exibição de filmes e outras expressões artísticas, leitura individual e coletiva de textos, atividades em grupo, apresentação de seminários, debates ao ar livre e uma frequente relação entre a Etnoecologia e a Arte. Em todos esses momentos, ele sempre buscava evidenciar a etnoecologia de nosso cotidiano, aquela que podemos vivenciar em nosso dia a dia. Como exemplo, cito o uso do texto escrito por Marques (2005), que demonstrava como as crenças religiosas levaram as pessoas a preservar uma espécie de inseto popularmente conhecida como “esperança” (Orthoptera: Tettigoniidae), e do artigo escrito por Souto & Marques (2006), que evidenciava como uma população local atua na pesca de crustáceos. A cada aula e a cada texto, os alunos visualizavam a Etnoecologia como a disciplina que respondia às práticas das suas vidas.

Na perspectiva de contextualização da Etnoecologia e sempre atento às notícias, o professor trouxe também, para debater em sala de aula, uma reportagem do jornal *El País*, publicada em 23 de julho de 2016, sobre evidências quanto à comunicação entre seres humanos e aves. Com essa proposta de exercício baseada em uma reportagem, pude perceber a importância de propor atividades didáticas que tragam fatos do cotidiano dos alunos para uma construção conjunta do conhecimento, abrindo espaço para que estes possam expor seus conhecimentos prévios. E, assim, seguiu-se toda a disciplina: não existia um conceito pronto, imutável ou que não pudesse ser aditado e contextualizado pelos próprios alunos.

No que diz respeito aos aspectos do estágio de docência, existia uma grande liberdade para opinar sobre cada atividade. A partir de um

conteúdo básico montado nos mais de 20 anos em que a disciplina foi ministrada, era conferida a mim a possibilidade de sugerir mudanças e complementações que pudessem tornar a disciplina mais dinâmica e atual. Ser partícipe na elaboração das aulas endossavam-me responsabilidades que somente poderia ter ao assumir uma sala de aula. No entanto, com essa pequena prévia, já pude ter uma noção de como cada detalhe era importante para que os alunos se sentissem motivados e engajados no seu processo de aprendizagem.

Nesse sentido, durante o estágio de docência, visualizei alguns dos ensinamentos do educador Paulo Freire estudados na graduação. De acordo com Freire (1967), os discentes devem ser conhecidos em suas subjetividades, encorajados a ter uma visão crítica sobre os conhecimentos e tratados como protagonistas da construção do saber. Digo isso porque, desde a primeira aula, houve uma preocupação por parte do docente responsável pela disciplina em conhecer cada estudante, o que, a meu ver, deixava-os mais à vontade para opinar sobre os conteúdos. Não se tratava apenas de saber o nome de todos eles, mas também de conhecer um pouco de suas personalidades. Esse processo, que no início era mais tênue pela própria timidez da classe, se consolidou com o aumento da confiança tanto dos alunos para com o professor quanto deste para com os alunos por reconhecer as capacidades de cada um.

Para que se torne mais claro o modo pelo qual o professor encorajava e motivava os alunos, detalharei aqui as aulas ministradas sobre *cosmos*, *corpus* e *práxis*. De acordo com um dos textos utilizados durante a disciplina, da autoria de Toledo e Barrera-Bassols (2010), enquanto o *cosmos* está relacionado ao conjunto de crenças e valores de uma população, o *corpus* concerne aos seus conhecimentos, e a *práxis*, às suas estratégias produtivas, ou seja, suas ações. No geral, todos os textos utilizados durante a disciplina estavam escritos em língua portuguesa. Contudo, como esse texto em especial havia sido redigido em espanhol, o professor propôs, inicialmente, fazer a sua tradução em conjunto, o que demandou engajamento de todos e uma atenção maior ao texto. Somente essa atividade, que pode ser vista como simplista, já possibilitou aos alunos se apropriarem dos conceitos mais claramente, exemplificando-os a partir de suas próprias vivências. Nesse sentido, guiados pelas asserções do professor, os alunos relatavam suas experiências a partir de suas crenças, como, por

exemplo, evitar a combinação de certos alimentos (como manga com leite) e a influência direta dessa combinação em suas práticas. Era como se os alunos fossem encorajados a encontrar sentido em suas próprias ações do dia a dia, em suas vivências desde a infância e em suas ações no meio ambiente. A partir daí, pode-se reforçar a importância de um olhar mais profundo sobre nossas crenças e nossos conhecimentos para os estudos etnoecológicos e sobre a forma como se justificam as ações no ambiente em que vivemos.

A interdisciplinaridade não só era utilizada pelo docente para mesclar e debater diferentes conteúdos, mas também era exigida dos alunos. Assim, nas atividades em grupo ou mesmo individuais, os estudantes precisavam correlacionar os conteúdos com atividades ligadas a outros ramos do conhecimento, como História, Língua Portuguesa e Arte. Propor uma análise de poemas, de trechos de músicas ou de fatos históricos, por exemplo, que correlacionasse esses elementos com os conceitos etnoecológicos era um modo de exibir essa disciplina de forma não isolada, tanto em termos estruturais quanto em termos de seus conteúdos. As atividades didáticas buscavam, assim, mostrar a relação da Etnoecologia com outras áreas do conhecimento, mas não eram realizadas apenas em sala de aula. Frequentemente, os discentes eram levados a uma área a céu aberto, uma espécie de pátio, criando uma nova atmosfera para a aprendizagem. Podia-se notar que essa atitude simples deixava os alunos mais atentos e mais envolvidos em participar dos debates.

Eu poderia relatar, ainda, diversos outros métodos utilizados pelo professor responsável por conduzir essa disciplina, mas nenhum me tocou tanto quanto a pausa que fomos obrigados a dar em função das repercussões políticas que culminaram em uma ocupação do prédio onde eram conduzidas as aulas. Após a deposição da Presidenta Dilma Rousseff, o Vice-Presidente Michel Temer assumiu a presidência e passou a propor uma série de reformas nos setores trabalhistas e previdenciários e na educação brasileira, em especial com a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, que limitaria os gastos com saúde e educação nos próximos 20 anos. Contrários a essas mudanças, alunos de diversas instituições de todo o Brasil ocuparam prédios das universidades públicas federais e estaduais, bem como de institutos federais. A partir do dia 24 de outubro de 2016, o prédio da universidade em que eram ministradas as aulas de Etnoecologia

foi tomado e utilizado como acampamento por estudantes (Portal Folha PE, 2016), inclusive por alguns alunos que cursavam a disciplina. Essa pausa inesperada na disciplina foi, ao mesmo tempo, danosa por quebrar o ciclo contínuo de debates, mas também foi uma oportunidade de mostrar que a Etnoecologia pode ser utilizada para tentar entender como nos relacionamos com problemas sociais que nos cercam.

Foi nessa linha de pensamento que o docente continuou seu trabalho. Em apoio às crenças, ao conhecimento e às práticas dos discentes exibidas durante a ocupação, o professor passou a acompanhar e auxiliar as necessidades dos alunos ocupantes e propôs debates que pudessem relacionar o momento crítico vivido aos conceitos aprendidos durante as aulas. Em uma dessas atividades realizada durante a ocupação, foi exibido o filme “También la lluvia”, dirigido por Icíar Bollaín e protagonizado por Gael García e Luis Tosar. A trama se passa na Bolívia, onde uma equipe cinematográfica tenta gravar um filme sobre as ações de Cristovão Colombo ao chegar às Américas, mas encontra no local escolhido para a realização das filmagens um conflito entre a população e o governo pela privatização da água. Durante o filme, é possível perceber as dificuldades iniciais da equipe de produção em entender os motivos da população local para se rebelar contra o governo transformando-se, com o tempo, em um envolvimento nos conflitos vividos pelos bolivianos. Essa escolha do professor me levou a refletir sobre como relacionar o que vemos no nosso dia a dia e até em nossos momentos de lazer, como quando assistimos a um filme, com um olhar crítico e contextualizado com nossas práticas docentes.

Essa obra cinematográfica me proporcionou, assim, duas reflexões. A primeira delas foi sobre as ações tomadas com base nas crenças e no conhecimento do povo, da mesma forma que os estudantes estavam a fazer. Com um diálogo bastante emocionado após o filme, alguns alunos puderam expor as dificuldades enfrentadas durante a ocupação, reforçando a importância do apoio de toda comunidade acadêmica, em especial dos professores. Comparando a ficção com a realidade vivida, os discentes reforçaram suas crenças de que muitos direitos somente foram conquistados por meio de luta, e era por isso que eles resistiam. Com base na fala dos alunos, ficou ainda mais clara a necessidade de uma atuação do professor a partir de um olhar sensível e participativo na vida cotidiana da academia. Nesse sentido, lembro-me novamente de Paulo Freire (2001), que percebia

a educação como um ato político, que deve estimular a todo instante o pensamento crítico e politizado. Freire afirma, ainda, que educar tem como principal propósito o exercício da cidadania, a qual está relacionada aos direitos políticos. E ali estava o professor, respeitando e estimulando o pensamento crítico dos alunos, bem como propondo discussões sobre o exercício de suas cidadanias.

Menciono aqui outra reflexão proporcionada por aquele filme: com base no que havia sido estudado durante a disciplina, os alunos fizeram uma analogia entre o modo como se comportou a equipe de produção cinematográfica durante o conflito, com suas visões externas em relação aos bolivianos, e o papel do etnoecólogo nas pesquisas etnoecológicas. Foi então que o docente trouxe à tona os conceitos de êmico e ético, vistos durante as aulas antes da ocupação, para embasar as atitudes dos protagonistas do filme. Explicou, para aqueles que não eram alunos matriculados na disciplina, de que se tratavam esses conceitos e, com a ajuda dos alunos que já os conheciam, passou a fazer discussões sobre como cientistas se comportam quando pesquisam comunidades locais. Aquela cena para mim parecia surreal: em meio a uma ocupação, os alunos estavam tendo aula, sentados no chão, pois as cadeiras haviam sido colocadas em um canto da sala para dar espaço às atividades lúdicas que aconteciam ali. Tratava-se de uma evidente subversão do sistema educacional tradicional, ou seja, da concretização etimológica da educação, que traz em seu bojo a formação física, intelectual e moral dos cidadãos. Independentemente do que esteja acontecendo ao nosso redor, toda vivência é um momento para aprender e, na perspectiva docente, para ensinar.

Diante dessa inesperada vivência no estágio de docência em Etnoecologia, volto à pergunta inicial: o que é ser professor e como posso me tornar uma. Mesmo sem ter ainda uma resposta concreta, o estágio de docência me mostrou apontamentos de alguns caminhos que devo percorrer para me tornar uma professora. Devo sempre considerar que todos os detalhes são importantes, incluindo a idealização das aulas, o conhecimento das crenças e dos valores dos alunos para servir de guia nas discussões, os locais, não somente a sala de aula, que serão utilizados em cada momento e a escolha de cada texto. Preciso, ainda, ter o domínio de todos os passos a serem dados, sem deixar de fora a fluidez e as mudanças que um planejamento didático possa ter. Além disso, como o próprio professor

me falou certa vez, é necessário saber que esse caminho nunca leva a um ponto final. Por mais experiência e tempo de atividade que o docente tenha, sempre é possível rever nossas formas de agir e traçar novas rotas para que se possa melhorar as práticas didáticas. Para isso, é preciso ter sempre a preocupação de não estar engessado, uma vez que, a cada semestre, os mesmos conteúdos deverão ser abordados, e estar pronto para os acontecimentos imprevistos, como as ocupações que às vezes somos obrigados a fazer para que a educação seja valorizada como ela deve ser.

Referências

- Freire P. 1967. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Freire P. 2001. Política e educação. 5º. ed. São Paulo, Cortez.
- Marques JGW. 2005. “É pecado matar a esperança, mas todo mundo quer matar o sariguê”. Etnoconservação e catolicismo popular no Brasil. In: Alves AGC, Albuquerque UP, Lucena RFP. (eds.) Atualidades em etnobiologia e etnoecologia. Recife, SBEE/Nupee. p. 25-43.
- Mediavilla, D. 2016. Primeiro caso de comunicação entre seres humanos e animais selvagens: uma espécie de aves se comunica com os membros de uma tribo africana para procurar mel. https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/21/ciencia/1469112502_711822.html. 02 mar 2022.
- Souto FJB, Marques JGW. 2006. O siri labuta muito! Uma abordagem etnoecológica abrangente da pesca de um conjunto de crustáceos no manguezal de Acupe, Santo Amaro, Bahia, Brasil. *Sitientibus Série Ciências Biológicas* 6: 106-119.
- Portal Folha PE. 2016. Estudantes ocupam prédio da UFRPE contra reformas do Governo Federal. 25 de outubro de 2016. <https://www.folhape.com.br/noticias/noticias/cotidiano/2016/10/25/NWS,3759,70,449,NOTICIAS,2190-ESTUDANTES-OCUPAM-PREDIO-UFRPE-CONTRA-REFORMAS-GOVERNO-FEDERAL.aspx>. 02 mar 2022.
- Toledo, VM, Barreira-Bassols N. 2010. Etnoecología y conservación en Latinoamérica. In: Alves AGC, Souto FJB, Peroni N. (eds.) Etnoecologia em perspectiva. Recife, NUPEEA. p. 50-55.

DO ESTÁGIO À VIDA DOCENTE

JOSÉ RIBAMAR DE SOUSA JÚNIOR ⁵

A vida na pós-graduação nos permite experiências inesquecíveis, as quais podem influenciar profundamente nossa vida profissional. Em meio à loucura de escrever uma dissertação ou tese, com etapas em campo, em laboratório ou em ambos, há um detalhe no meio do “caminho”: o estágio de docência. Normalmente, nos preocupamos demasiadamente em fazer boas pesquisas e escrever bons artigos em boas revistas. Entretanto, o estágio de docência, para algumas pessoas, acaba “passando batido”, isto é, sendo realizado apenas como mais uma disciplina da pós-graduação.

Diante disso, relato aqui minha experiência no estágio de docência durante o mestrado em Botânica, realizado na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Foi no segundo semestre letivo do ano de 2011 que iniciei meu estágio de docência junto a uma turma de graduação do curso de Ciências Sociais. Mas o que faz um mestrando em Botânica em um curso “das humanas”? A motivação foi a disciplina ofertada: Etnoecologia. Que maravilha!!! Eu estava desenvolvendo uma dissertação em Etnobotânica e agora teria uma oportunidade para aprender sobre essa “nova” área, que era a Etnoecologia.

A ansiedade para conhecer “os mistérios” dessa disciplina sucumbiu à curiosidade ao descobrir que o professor era um agrônomo lecionando para alunos de Ciências Sociais sobre Etnoecologia (que massa!). Em pouco tempo, percebi que todo o aprendizado transcenderia os conteúdos da disciplina. Para destacar alguns pontos (assuntos) cujo aprendizado foi

5 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Mestrado no PPG Botânica da UFRPE, sob orientação do Prof. Dr. Nivaldo Peroni (UFSC).

de grande importância, cito as discussões – quase infundáveis – sobre a perspectiva êmica e ética (ou fonêmica e fonética). Lembro bem que tais discussões causavam alvoroço nos alunos (inclusive em mim), tanto pela complexidade do tema quanto pela dinâmica de debate. Os textos usados para as discussões suscitavam indagações e reflexões constantes no que se refere ao conceito de etnoecologia e o da própria ecologia. Destaco aqui o texto de Lago & Pádua (1985), que me proporcionou conhecer diversos conceitos, com os quais tenho trabalhado até os dias de hoje.

Uma situação vivenciada no estágio de docência bem marcante foi minha primeira aula! Lembro bem quando o professor-orientador do estágio me informou que eu deveria conduzir uma atividade didática sobre etnotaxonomia (pense no nervosismo que me deu!). Fiquei ansioso, nervoso, preocupado – sim, seria minha primeira aula na turma, e o professor estaria presente. Nessa altura do campeonato, eu já havia assistido a algumas aulas desse professor e simplesmente caíra admirado por sua inteligência e, sobretudo, por sua maneira de ensinar. Eu sabia que em algum momento teria de ministrar uma aula em sua presença (afinal de contas, era um estágio de docência). Contudo, no dia da aula, o professor me ligou dizendo que não poderia comparecer ao encontro e me instruiu a desenvolver uma discussão com os alunos da disciplina sobre etnotaxonomia. Surgiu, então, um breve momento de tranquilidade: saber que ele não estaria. Apesar de toda a inspiração que seu modo de ensinar causava, eu me cobrava muito e tinha receio de não atender de forma adequada àquela missão. Medo de errar, de ter um branco, de não saber responder aos alunos etc. – tudo isso seria mais tenso na presença do professor. Finalmente, iria para a aula mais tranquilo, pois ele não estaria. Eis minha surpresa quando, logo após chegar à sala, chega também o professor. E agora, José?

Hoje eu entendo que a presença dele naquele dia foi crucial: a aula transcorreu muito bem, com boas discussões sobre o tema abordado. Meu maior aprendizado foi desafiar o próprio medo, a insegurança e a ansiedade. Também aprendi sobre etnotaxonomia, assim como sobre *corpus*, práxis e cosmos e sobre o fato de que ser educador vai além de ensinar, já que envolve a clareza da importância de um educador que, sabendo que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa (como dizia Paulo Freire), leva os discentes a pensar. Quando digo que o aprendizado no estágio de

docência foi para além da sala de aula, me refiro também aos momentos em que, algumas vezes após as aulas, ficava discutindo com o professor-orientador do estágio assuntos diversos, tais como o tamanho populacional das cidades. Certo dia, eu falava para ele que muitas pessoas contam vantagem pelo fato de sua cidade ser mais numerosa. Comparamos Recife a Teresina. Enquanto a capital pernambucana tem mais de três milhões de pessoas, Teresina não tinha na época – e ainda não tem – sequer um milhão. Quão vantajoso é morar em uma cidade com tanta gente? Mais lixo, mais poluição e mais desigualdade social e econômica. Se há vantagens, estas são superadas pelas desvantagens.

Aprendi muitas coisas além dos conteúdos sobre Etnoecologia: aprendi a questionar e me permitir ser questionado, aprendi que educação é um processo reflexivo, que o papel do professor vai muito além do ensinar, que a docência é uma atividade diária no aspecto formal e informal, que ser um professor inteligente é muito legal, mas ser inteligente, humanitário e humilde é mais legal ainda. Aprendi que a Etnoecologia é mais que uma disciplina: é reflexão e reflexo das nossas ações, do nosso empenho para uma sociedade cada vez mais igualitária e sustentável. Assim, ao término do meu estágio, saí com mais questionamentos que respostas, o que me fez amadurecer profissionalmente. Nunca esquecerei questionamentos do tipo: quem formará o formador? Quem pesquisará o pesquisador?. O estágio de docência na disciplina de Etnoecologia, particularmente sob a orientação daquele professor, abriu novos horizontes e novos olhares, tanto para meu fazer científico quanto para a vida docente. Naquela época, embora sonhasse com isso, não imaginava nem nos “melhores sonhos” que, em um tempo não tão distante daquele, estaria eu exercendo a docência na universidade em que me formei em Biologia: a Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Atualmente, estou em exercício docente na UFPI, no *campus* de Floriano, interior do Piauí, terra querida! Desfruto a alegria de poder compartilhar das experiências vivenciadas no meu estágio de docência, além de poder viver essa prática a cada dia, tentando sempre refletir acerca do nosso papel como formador. Particularmente, tenho tido a oportunidade de falar, inclusive, sobre Etnoecologia, uma vez que uma das disciplinas que ministro é Etnobotânica. Frequentemente, faço referência não apenas à Etnoecologia, mas também à Etnopedologia, Etnozoologia, Etnomicologia

e, no aspecto mais amplo, Etnobiologia. Tenho aprendido ou talvez buscado aprender a desempenhar o papel de formador, que se preocupa em fazer seus alunos pensarem, ou seja, refletirem. Não há como não fazer referência à pessoa do professor Ângelo e ao Ângelo como pessoa! A beleza com que ele nos levava (e ainda leva) a “viajar” nas discussões, seja em uma sala de aula, em um auditório ou mesmo em um corredor, constitui uma marca que trago desse aprendizado, até mesmo porque a disciplina de Etnoecologia é um objeto abstrato: não aprendi sobre Etnoecologia com a disciplina, mas aprendi com o etnoecólogo sobre a disciplina de Etnoecologia. É essa ideia de interdisciplinaridade que aprendi com ele: não são as disciplinas de Química e Biologia, por exemplo, que sairão para tomar um café e discutir sobre questões de interesse comum. São o químico e o biólogo que deverão tomar esse café ao mesmo tempo em que discutem sobre temas comuns. Esse aspecto interdisciplinar me acompanha desde o estágio de docência, ocasião em que estava eu (um biólogo) em um estágio com um agrônomo, em um curso de Ciências Sociais. Hoje, como docente, estou vinculado ao curso de Biologia da UFPI, mas ministro a disciplina de Educação Ambiental no curso de Pedagogia. É como se o *script* da vida do presente tivesse sido escrito na vida do passado (precisamente em 2011).

Muitos dos textos que discuto atualmente em sala de aula, tanto na disciplina de Etnobotânica quanto na disciplina de Educação Ambiental, são os mesmos discutidos lá na Etnoecologia. Muitos dos questionamentos também continuam os mesmos; afinal, quem educará o educador? Embora eu tenha vivenciado outras etapas de estágio de docência, o de Etnoecologia parece ter sido “desenhado” para a minha experiência atual. Hoje não é mais Recife a cidade grande que uso como referência ao número de habitantes e a todos os problemas ambientais relacionados. Estar em Floriano, uma cidade com pouco mais de 60 mil habitantes, faz Teresina parecer Recife. Apesar das perspectivas serem diferentes e do contexto ser outro, as referências são as mesmas: o aprendizado no estágio de docência.

Além de um excelente profissional, o professor-orientador do estágio, mesmo depois de findada essa experiência, continua a inspirar discussões favoráveis a um ambiente melhor para o aprendizado. Outro dia (em 2015, precisamente), ele me escreveu solicitando um relato sucinto da minha experiência do estágio. Ele desejava inserir esse relato em uma palestra que ministraria em um evento da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e

Etnoecologia, em Sergipe. Embora feliz por ele ter se lembrado de mim, fiquei sem saber como atender àquela solicitação. Então comecei a buscar na lembrança cada detalhe da minha experiência, cada acontecimento. Finalmente, consegui esboçar um breve relato como resposta, que transcrevo a seguir, e o enviei ao professor.

Para mim, foi mais que satisfatório (talvez uma questão de sorte) ter tido a oportunidade de tanto aprendizado durante o estágio de docência, sobretudo pelo fato de que eu, assim como os alunos, não sabia o que era Etnoecologia. Se bem que ainda hoje desconho se o sei, -de fato. E não é por não ter aprendido, mas pelas várias dimensões epistemológicas inerentes à definição de Etnoecologia. Mas isso também foi aprendido no estágio. Foi uma experiência que me marcou logo no início do mestrado e certamente levarei em minha formação. Para mim, falar de Etnoecologia é como uma “metalinguagem”: não se fala de algo distante, inacessível, mas, sim, de algo próximo de nós, feito por nós, constituído por nós, que somos nós mesmos!

*A disciplina de Etnoecologia foi uma grande experiência.
Proporcionou-me não apenas conhecimento,
Mas também outra consciência.
Desde o “emic” ao “etic”, passando pela percepção,
Aprendi que dialogar é bem melhor que impor uma visão.
Na aula sobre etnoecologia, discutimos com veemência
Que não adianta falar da sujeira do vizinho
Se no dia a dia com frequência
Minha sujeira eu deixo no caminho...
A lua está no céu. Mas qual é a lua que queremos ver?
Qual é a Etnoecologia que vemos?
E qual é a que queremos ver?*

Recentemente, eu reencontrei o professor, o orientador e a pessoa Ângelo em Teresina (minha cidade natal), em outro evento da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia. Para minha surpresa, a palestra de encerramento foi justamente a desse professor. Na ocasião, ele falava sobre relações entre educação e etnociências. Mais surpreso fiquei quando vi que aquele meu relato (que eu fizera em 2015) estava presente em sua palestra (que emoção!). Percebi que o aprendizado durante meu estágio não tinha sido unilateral, assim como não o é minha atividade docente atual. Meu estágio, portanto, foi uma etapa acadêmica tão importante

quanto a elaboração da dissertação, fazendo-se presente, inclusive, nas atividades de extensão que tenho desenvolvido como docente no magistério superior. Certamente, sem essa experiência tão marcante, “meu universo acadêmico” não teria se expandido tanto.

QUANDO COMECEI A ABRIR A CAIXA-PRETA DA CIÊNCIA

DANIELE CLAUDINO MACIEL⁶

A visão que eu tinha de um cientista – e acredito que seja esta a visão compartilhada pela maioria das pessoas – era de alguém em um laboratório, vestido com um jaleco branco, realizando um experimento ou, então, de alguém coletando amostras em campo, analisando-as em um laboratório e produzindo dados. Depois, esses dados gerados seriam aplicados em algo “produtivo”, e assim a ciência iria sendo produzida. Essa visão permaneceu comigo até meados de 2006, quando tive meu primeiro contato com uma realidade bem diferente, durante a disciplina de Ecologia Geral, ministrada pelo professor Ângelo Giuseppe Chaves Alves, do Departamento de Biologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Nessa época, eu ainda não tinha conhecimento algum a respeito da Etnoecologia nem ao menos sabia do que se tratava essa ciência ou mesmo que era uma ciência. Aos poucos, fui então apresentada a essa “nova” área do conhecimento, de forma espontânea e rápida e, a partir disso, meu interesse pela Ecologia e pelas Etnociências foi aumentando gradualmente.

Quanto mais aprendia e conhecia sobre Etnoecologia, mais me encantava por essa ciência que transcendia os muros da universidade e dos meios acadêmicos e científicos. Continuamente, eu era convidada a uma reflexão profunda sobre o que é ciência e o que é ser cientista dentro de um contexto

6 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Doutorado no PPG Oceanografia da UFPE, sob orientação da Profa. Dra. Eliete Zanardi Lamardo (UFPE).

social em que o ser humano é sujeito ativo em diversas relações, especialmente na do homem com o meio ambiente. Essa relação em particular, no meu ponto de vista, constitui um objeto de estudo fundamental para o entendimento das diversas interações ecológicas existentes e dos mais diversos conceitos que integram a própria Ecologia e as demais ciências.

Durante os quatro anos em que cursei bacharelado em Ciências Biológicas, na UFRPE (2004 a 2008), fui apresentada às diversas áreas das Ciências Biológicas e da saúde. Iniciei meus passos na pesquisa quando comecei a estudar a fauna de invertebrados bentônicos associados a algas marinhas. Foi durante esse estágio, em um laboratório “convencional” – no sentido do que se espera de um laboratório de Biologia, com microscópios, lupas, reagentes e um odor de formol –, que tive o primeiro contato com a Etnoecologia. Eu, que sempre fui inquieta quanto aos “conceitos formais” que aprendia rotineiramente na graduação, fiquei entusiasmada e rapidamente busquei saber mais sobre essa ciência tão singular e, ao mesmo tempo, tão integradora, que é a Etnoecologia.

Ao iniciar um estágio com o professor Ângelo, como “boas-vindas”, fui apresentada a uma série de livros e textos que travavam da relação entre homem e natureza de forma não convencional, diferente daquela a que eu estava acostumada até então. Nesse momento, dei meus primeiros passos na construção de uma ideia mais holística e integradora a respeito das mais diversas áreas das ciências. Aos poucos, à medida que estudava e era orientada pelo professor, fui compreendendo que o ser humano estava integrado a tudo e atuava como agente ímpar na elaboração do conhecimento científico. De certa maneira, esses contatos iniciais foram exaustivos, mas, ao mesmo tempo, instigantes, já que me deparava com um modo de escrita e com um conteúdo bem diferentes, que me forçavam a sair da minha zona de conforto. A partir de então, já estava começando a “pensar fora da caixa”.

Após os primeiros contatos com a Etnoecologia e as demais Etnociências, fui gradualmente realizando exercícios diários que me ajudavam a desconstruir a ideia do “cientista ideal”, do que era ciência e, mais especificamente, do local em que a ciência era produzida. A cada texto, cada artigo e cada capítulo de livro que lia, me encantava mais e me surpreendia por saber que a ciência estava sendo construída continuamente em locais que eu não imaginaria, seja em grupos de agricultores no sertão

e de pescadores no litoral ou em povos indígenas e quilombolas espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Vi quanto conhecimento vinha sendo gerado fora dos muros das universidades, dos laboratórios e das bibliotecas ou de qualquer local **convencional** onde se produzia ou se discutia “ciência”.

Algum tempo depois, também sob a orientação do professor Ângelo, iniciei uma pesquisa de abordagem etnoecológica, com um grupo de catadoras de aratu do litoral sul de Pernambuco. Hoje, como professora da rede federal de ensino, percebo o quanto essa experiência foi determinante para minha formação como docente e pesquisadora, que por sinal está em constante transformação. Durante alguns meses, estive em contato com senhoras muito simples e humildes, mas detentoras de um conhecimento singular a respeito do ecossistema manguezal e de muitos conceitos e práticas concernentes à relação do ser humano com a natureza. Pude, nesse período, realizar várias turnês guiadas com as catadoras ao manguezal que existia no local e, com elas, aprendi como “pescar” aratu. O aratu é um crustáceo Decapoda da espécie *Goniopsis cruentata* (Latreille), amplamente consumido e comercializado no Nordeste do país. Já nas primeiras visitas, pude observar o imenso arcabouço intelectual e prático que as catadoras possuíam acerca da espécie e foi a partir delas que desenvolvi a principal hipótese da minha pesquisa. Realmente, era impressionante o fato de aquelas senhoras, em sua maioria analfabeta, possuírem tão vasto conhecimento, por muitas vezes compatível com a literatura científica. E já em minha primeira ida ao manguezal, acompanhada por elas, vi algo que me deixou surpreendida. Em cima das gadeiras, como elas se referiam às raízes flutuantes das plantas de mangue, as catadoras assobiavam continuamente, e, como se fosse algo mágico, os aratus eram atraídos para perto delas, sendo então rapidamente capturados. Fiquei fascinada.

Diante disso, a primeira coisa que fiz, ao retornar, foi buscar nos livros didáticos de Zoologia informações sobre audição em crustáceos. E, para minha surpresa, não encontrei tais descrições. Foi aí que começamos a vasculhar a literatura sobre anatomia de crustáceos decápodes e encontramos registros antigos, alguns do século XIX, relatando a capacidade de “audição” nesses animais. Entretanto, por algum motivo, esses dados não constavam nos principais livros-texto de Zoologia que então utilizávamos na universidade – estes mencionavam apenas a presença de estruturas denominadas de estatocistos, mas não se referiam explicitamente à

possibilidade de audição em crustáceos. Isso foi somente um dos aspectos descobertos, dentre os vários levantados, pela colaboração das catadoras, com seu vasto conhecimento acerca do assunto. Elas afirmavam categoricamente: “O aratu escuta!”. E, assim, esse trabalho foi um divisor de águas, já que, a partir de sua realização, se fortalecia em mim a ideia de que o conhecimento dito científico tem origem nas ações e nos pensamentos cotidianos e que estes podem ser uma chave para melhorar o entendimento e o aperfeiçoamento de algumas teorias científicas.

Todas essas experiências vividas durante minha graduação em Ciências Biológicas foram determinantes para que, anos mais tarde, eu procurasse aquele mesmo professor que tinha me orientado na elaboração da monografia de conclusão de graduação para realizar o estágio de docência na disciplina de Etnoecologia, quando estava fazendo o doutorado em Oceanografia, no ano de 2011. Nesse mesmo período, sob a supervisão desse professor, orientei, pela primeira vez, um discente de Ciências Biológicas da UFRPE, em seu trabalho de conclusão de curso, na área de Etnoecologia. Assim, iniciava minha jornada como estagiária na disciplina, sendo essa, sem sombra de dúvidas, uma das experiências mais enriquecedoras da minha formação acadêmica e pessoal. Como aluna e estagiária daquele mesmo professor, durante a graduação, já tinha feito contato com um universo diferenciado dentro do meio acadêmico. Contudo, foi no estágio de docência que pude vivenciar de forma mais profunda a Etnoecologia nas suas diferentes perspectivas.

Durante minha experiência como colaboradora na docência da disciplina, participei de praticamente todas as aulas, auxiliei na elaboração das atividades e ministrei uma aula, sob a supervisão do professor, acerca de minha pesquisa com as catadoras de aratu. E foi no decorrer dessa experiência que me deparei com vários questionamentos em relação ao que é ciência, incluindo para que e para quem produzimos ciência. Essas indagações ainda estão presentes no meu cotidiano e hoje proporcionam reflexões que me ajudam a compreender melhor o meu papel no cenário em que estou inserida. Sou professora do ensino básico, técnico e tecnológico, do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), no *campus* de Piranhas, situado no sertão, a quase 300 km da capital do estado, Maceió. Atualmente, vivo uma realidade totalmente diferente da que eu estava acostumada, tendo me deparado, no meio do sertão, com um verdadeiro laboratório itinerante.

Na verdade, enxergo o Instituto e a sala de aula como um grande laboratório. Graças às minhas experiências vividas no contexto do ensino e da pesquisa em Etnoecologia, consigo vivenciar de forma positiva a docência e a pesquisa, especialmente no atual contexto em que me encontro.

Passo, agora, a comentar minha experiência efetiva durante o estágio de docência na disciplina de Etnoecologia. As aulas do professor responsável pela disciplina eram sempre preparadas com o intuito de “aproveitar” o conhecimento já existente em cada aluno presente, como também de instigar o questionamento acerca do nosso papel como futuros cientistas ou “fazedores” de ciência na sociedade. As discussões em aula desenrolavam-se em torno dos seguintes questionamentos: como, para quê e para quem fazer ciência? Assim, a disciplina de Etnoecologia oferecia uma gama variada de conceitos e práticas, que eram muito bem explanadas por meio, por exemplo, da leitura de textos e da discussão de artigos científicos.

Logo no início da disciplina, analisamos um maravilhoso texto do físico Ildeu de Castro Moreira, intitulado “O escravo do naturalista”. Minha primeira surpresa foi perceber que esse texto tinha sido escrito por um físico. Ainda presos aos preconceitos adquiridos durante nossa formação na educação convencional, vemos aí a necessidade de relativizar certas concepções rígidas, entendendo que a abordagem das relações entre natureza e cultura poderia ser empregada por qualquer pessoa, em qualquer área do conhecimento, inclusive nas áreas consideradas “ciências exatas”. E, ao nos debruçarmos sobre o texto, com as orientações do professor responsável pela disciplina, fomos verificando a importância do conhecimento empírico, detido pelos “não cientistas”, desde muitos anos atrás, durante as expedições científicas europeias no Brasil no século XIX. Aos poucos, os graduandos que eram alunos da disciplina iam expandindo suas visões e seus valores e iam compreendendo a importância dos saberes locais na construção do conhecimento científico formal.

Ao longo da disciplina, fomos discutindo vários textos, alguns dos quais eu já tinha lido durante a revisão de literatura para a minha monografia de conclusão da graduação. Contudo, ao relê-los, pude entender seu conteúdo de outra forma, fazendo outra abordagem e outra interpretação a respeito do mesmo texto. Já entre os textos inéditos para mim, alguns se mostraram como uma surpresa bastante positiva, como os textos do antropólogo, sociólogo e filósofo francês Bruno Latour, retirados do seu

livro “Ciência em ação”. O professor responsável pela disciplina nos apresentou alguns dos capítulos dessa obra, convidando-nos novamente a uma reflexão sobre o que é ciência e o que está por trás de cada “descoberta” científica. Os textos do Latour eram densos, e muitas vezes eu não conseguia compreendê-los em sua totalidade, mas as discussões em sala de aula e as mediações e colocações realizadas pelo professor auxiliaram e enriqueceram todo esse processo. Assim, de toda a disciplina de Etnoecologia, as discussões desses textos foram para mim os momentos mais importantes. Provavelmente, eu não teria tido acesso a esse material na minha formação “convencional” de bióloga ou talvez nem mesmo soubesse quem é Bruno Latour, o que acredito ser uma realidade comum para a maioria dos meus colegas.

Dessa forma, ter participado da disciplina possibilitou o meu contato com outras áreas do conhecimento. Logo no começo de seu livro, por exemplo, Latour nos convida a abrir a caixa-preta de Pandora e a tentar entender o que está por trás de cada descoberta científica, de modo que vamos compreendendo e reforçando a ideia da importância dos conhecimentos locais na construção da ciência, nas suas mais variadas formas e áreas. Aos poucos, fui construindo, assim, uma base sólida que me permitiria relativizar muitas concepções que eu tinha em relação ao que era ciência.

Tão importante quanto a análise desses textos era a transmissão dos conceitos fundamentais sobre a disciplina, como a tríade *cosmos-corpus-práxis*, oriunda da corrente mexicana da Etnoecologia. Aos poucos, integrando tudo que ali era apresentado, fui desenvolvendo um movimento contínuo de questionamentos, de forma que, ao final da disciplina, além de aprender sobre Etnoecologia, adquiri certa habilidade, se assim posso dizer, em entender a ciência para além do conhecimento formal acadêmico, como estava acostumada até então.

Entre as diversas maneiras de avaliação que o professor responsável pela disciplina utilizava para atribuir os conceitos aos discentes, constava a apresentação de seminários. Nessa atividade, cada grupo deveria apresentar objetivos e resultados de pesquisas etnoecológicas realizadas em diversos locais e em diferentes contextos, a partir de artigos publicados em periódicos ou capítulos de livros. E foi durante o ciclo de seminários que vivi uma das experiências mais positivas e interessantes do meu estágio

de docência. Um dos grupos, ao final de sua apresentação, nos convidou a formar um grande círculo para cantarmos juntos uma canção composta e interpretada em meados dos anos 1970 por Caetano Veloso, chamada “Canto do povo de um lugar”. Esse foi um momento ímpar. Dentro de uma sala de aula, entre paredes, carteiras e quadro-negro, acostumados a observar um professor vomitando seu conhecimento acerca de um tema específico a alunos enfileirados, demos as mãos, formamos uma grande roda e cantamos juntos:

*“Todo dia o sol levanta
E a gente canta ao sol de todo dia
Finda a tarde a terra cora
E a gente chora
Porque finda a tarde
Quando a noite a lua mansa
E a gente dança venerando a noite”.*

E por alguns minutos vivemos essa experiência de conexão com o outro e com algo por intermédio da música. Esse momento foi tão singular para mim que, anos mais tarde, embalava a minha filha cantando essa canção, que eu nunca tinha ouvido antes daquela aula. Esta era outra característica do professor responsável pela disciplina: utilizar arte, nas suas mais variadas formas, para nos fazer entender os mais diversos assuntos e, muitas vezes, nos questionar e nos provocar. Desse modo, ao longo da disciplina, éramos frequentemente convidados a observar obras de arte, como pinturas, e relacioná-las com o conteúdo que víamos em sala de aula. Foi assim, por exemplo, que nos deparamos com uma belíssima pintura do espanhol Diego Velázquez, intitulada “Las meninas”, e pudemos observar e contemplar a obra de forma diferente. Pudemos compreender o fato de que naquela pintura está o próprio Velázquez, que se representava trabalhando em uma grande tela, assim como o pesquisador e outras pessoas que estão por trás (e por dentro) de toda “descoberta” científica. Associando essas situações aos textos de Latour, fomos consolidando a ideia de questionamento do que está por trás de toda obra acabada, o que foi realizado até que a mesma atingisse seu estágio final e “apresentável”.

Posso afirmar, assim, que a minha experiência de estágio de docência durante a disciplina de Etnoecologia foi extremamente enriquecedora.

Posso dizer, ainda, que foi e é determinante na formação da profissional que me tornei hoje. Por muitas vezes, consigo enxergar além do que se vê, entrar na sala de aula e estabelecer uma relação com meus alunos, considerando-os como sujeitos ativos na construção do conhecimento. Percebo que hoje sou capaz de entender as relações entre humano e ambiente de forma mais holística, compreendendo mais claramente a interligação que existe entre tudo e todos. Além disso, essa vivência me ensinou, principalmente, o quanto preciso melhorar e ultrapassar muitas fronteiras para entender de maneira mais completa o nosso contexto e o nosso papel nesse cenário em que a ciência tantas vezes é reduzida a números, testes estatísticos e comprovações experimentais. Isso mostra que, embora ainda haja um longo caminho a seguir, temos nas disciplinas integradoras, como a Etnoecologia, ferramentas eficazes para a desconstrução daquela visão reducionista acerca do que é ciência.

Vivenciar, atualmente, a experiência da docência em um lugar tão particular como no meio do sertão já é algo único e enriquecedor. Definitivamente, sou convidada pela própria situação a superar vários obstáculos. Muitos dos meus alunos caminham quilômetros para pegar um transporte que os leve da zona rural para o Instituto. Muitos deles desempenham funções na lida da terra, ajudando os pais na lavoura ou na criação de animais em pequena escala. Perceber essa particularidade e, ao mesmo tempo, a imensa riqueza de conhecimento que esses discentes possuem é um trunfo para o professor. Valorizo cada conhecimento, prática e valor que expressam. Tento, durante o contato com eles, compartilhar conhecimentos e ideias que adquiri durante minha formação acadêmica, de forma interdisciplinar e respeitadora, oferecendo sempre uma visão ampla do que são as ciências e reforçando a importância de cada pessoa na construção de uma sociedade igualitária e sustentável.

Hoje, continuo a realizar pesquisas sobre a interação dos seres humanos com o meio ambiente. Em uma delas, junto a um colega, que é professor de filosofia, utilizo uma abordagem etnoecológica para avaliar os conhecimentos e as práticas de pescadores da região de Xingó, situados no baixo curso do Rio São Francisco. Essa é a primeira pesquisa que desenvolvo com um colega de outra área de conhecimento. Apesar de não a ter concluído ainda, sinto que teremos resultados importantes, não apenas

pelos dados riquíssimos que são e serão coletados durante a pesquisa, mas também pelo diálogo frutífero entre ciências humanas e da natureza.

De certa forma, há um sentimento de gratidão em mim, tanto por ter tido o professor Ângelo como verdadeiro mestre e orientador, no sentido mais amplo dessas palavras, quanto por ter sido apresentada às Etnociências e ter me contagiado com seus conceitos e práticas e com suas abordagens integradoras, que refletem bastante na profissional que me tornei. Desde aquele momento, tenho buscado integrar diversas áreas do conhecimento, valorizando o conhecimento do outro, especialmente dos meus alunos, e entendendo as ciências de uma forma bem diferente do que eu entendia nos anos iniciais da minha formação.

Olhando para trás, vejo o quanto evoluí como pessoa e como profissional e o quão indiscutível é a importância do contato que tive com a Etnoecologia, sobretudo naquela oportunidade que tive de ser colaboradora durante o estágio de docência. Vejo alguns de meus colegas com uma visão reducionista em relação a praticamente tudo, e não os culpo, mas penso como seria importante se mais profissionais da minha área pudessem ter acesso aos conteúdos e às práticas que integram as Etnociências.

Sei que tive uma formação diferenciada dos meus pares, graças aos momentos citados neste relato e a tantos outros que não mencionei. Isso não me faz uma profissional nem uma pessoa melhor do que as outras, mas com certeza me faz alguém feliz e em constante transformação. Sou uma mulher inquieta, que está constantemente tentando abrir a caixa-preta de Pandora, e é essa inquietude que me move. Assim, espero que este breve relato sobre minha experiência como colaboradora da disciplina de Etnoecologia e com as Etnociências em geral possa incentivar aqueles que buscam abrir a caixa-preta da ciência, ou melhor, das ciências.

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA NA DISCIPLINA DE ETNOECOLOGIA

WASHINGTON SOARES FERREIRA JÚNIOR⁷

Quando realizei estágio de docência na disciplina de Etnoecologia, estava no meu terceiro ano de doutorado, em 2013. Na época, eu estava conduzindo uma pesquisa no campo da Etnobiologia e me interessei por esse estágio porque eu nunca havia frequentado uma disciplina na graduação que envolvesse Etnobiologia e Etnoecologia; assim, tinha curiosidade sobre a forma como esses temas poderiam ser discutidos na graduação. Além disso, alguns colegas mencionaram que a disciplina de Etnoecologia era muito interessante, e eu já conhecia algumas ideias do professor que conduzia as aulas. Tudo isso contribuiu para que eu escolhesse essa disciplina para realizar meu estágio de docência no primeiro semestre de 2013.

Nesse semestre, a disciplina teve como objetivo “desenvolver nos participantes a compreensão das relações entre a espécie humana e os demais componentes dos ecossistemas, enfatizando aspectos cognitivos, comportamentais e cosmológicos”. Para atingir esse objetivo, foram realizadas aulas expositivo-dialogadas, discussões em sala mediadas pelo professor, exibição e debate de filmes, além de apresentações de seminários pelos estudantes seguidas de discussão. Na maioria das aulas, textos, entregues antecipadamente aos estudantes para leitura prévia, eram utilizados para discussão em sala e realização de atividades. No decorrer desta narrativa,

7 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Doutorado no PPG Botânica (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque (UFPE).

destaco alguns pontos que foram marcantes durante esse estágio de docência e que influenciaram minhas práticas atuais.

Algumas aulas que acompanhei e ministrei foram foco de relatórios contendo minha visão sobre essas experiências, relatórios esses que eram enviados ao professor. Recentemente, um desses relatórios me chamou atenção. Escrito em junho de 2013, tratava de uma aula ministrada por mim, em que houve apresentação de um dos seminários dos estudantes. Nesse relatório, destaco a participação dos discentes durante a discussão do seminário, o qual envolveu vários temas da etnoecologia, tais como as definições de *cosmos*, *corpus* e *práxis*, a discussão sobre *êmico versus ético* e a ideia da etnoecologia profunda. Contudo, no fim do relatório, apresento meu incômodo com o fato de ter ocorrido apenas uma discussão breve sobre a etnoecologia profunda, o que também se deve à minha intervenção, pois senti que os alunos ficaram um pouco inibidos com minhas tentativas de fazê-los discutirem o tema. De certa forma, essas situações sempre me fazem refletir como meu comportamento pode afetar positiva ou negativamente a discussão em sala de aula. Atualmente, como docente de uma universidade pública estadual, ouço o que os meus alunos estão argumentando e tento fazer pontes entre os discursos e explicar alguns contrapontos aos argumentos apresentados inicialmente pelos estudantes. Creio que, no dia desse seminário, eu não estava explicando claramente aos discentes as ligações entre as ideias discutidas; além disso, ante a ausência de debates sobre a etnoecologia profunda, eu não sabia apresentar provocações para movimentar um diálogo sobre o tema.

Para complicar ainda mais a situação, dois alunos franceses integravam a turma! Lembro que nas primeiras aulas isso foi muito desafiador, porque eu sempre precisava ajustar minha fala e prestar atenção neles para saber se estavam acompanhando as discussões que ocorriam em sala. Eu já havia feito estágio de docência uma vez, no mestrado, mas nunca havia me deparado com estudantes estrangeiros. As aulas fluíram, mas, às vezes, eu não sabia o quanto eles estavam conseguindo assimilar o conteúdo.

Nas primeiras aulas, o professor-orientador do estágio apresentou à turma um conjunto de sugestões para a preparação e apresentação dos seminários da disciplina. Essas sugestões estavam organizadas em três tópicos, considerando: (1) os materiais audiovisuais e impressos; (2) as relações do grupo entre si, com o professor e com a plateia; e (3) as orientações

para o conteúdo da apresentação. Tal experiência fez com que até hoje eu utilize, no meu trabalho como profissional da educação, uma organização baseada nesses três tópicos principais para orientar os estudantes em suas apresentações de seminários. O que na época me chamou muita atenção foram as orientações sobre as relações internas do grupo, em que cada componente deveria associar claramente nas apresentações o que estava sendo explicado com as outras partes do texto principal do seminário. Além disso, o grupo deveria relacionar o texto apresentado com outros temas importantes da etnoecologia e, ainda, apresentar alguma obra de arte diretamente ligada ao texto.

Essas orientações, em conjunto com as apresentações dos seminários, mostraram que a construção de conhecimento baseada nas relações entre ideias, envolvendo temas da nossa área e de outras áreas, tem um papel importante na formação dos estudantes, levando-os a serem mais criativos e a compreenderem a abrangência das discussões em sala a partir de debates interdisciplinares.

Preciso, ainda, mencionar o estilo dos exercícios que desafiavam os estudantes a construir respostas, e não apenas a escrever o que haviam decorado ou a copiar o que constava nos livros. A seguir, transcrevo como exemplo duas perguntas extraídas de alguns dos exercícios aplicados aos alunos:

1. *“Um filme será exibido em nossa aula do dia [...] 2013. O nome do filme não será divulgado com antecedência. Após assistir ao filme na sala de aula, você deverá identificar [...] as possíveis relações entre o filme exibido e o texto de Diegues (2001), respondendo a seguinte questão: indique uma cena do filme e um trecho do texto (Diegues, 2001) que sirvam para exemplificar as relações que você identificou entre o filme e o texto.”*
2. *“Elabore um texto [...] descrevendo uma situação real ou fictícia que sirva para exemplificar os termos **Kosmos** (sistema de crenças), **Corpus** (sistema cognitivo) e **Práxis** (comportamento, sistema de uso e manejo dos recursos naturais).”*

A primeira questão solicitava que o aluno relacionasse um dos textos da disciplina com um dos filmes apresentados. Para isso, o estudante deveria realizar uma transcrição literal de uma parte do texto e efetuar

uma descrição sucinta de um trecho do filme, para depois apresentar uma explicação sobre as relações entre ambos. Já a segunda pergunta esperava que o discente produzisse um texto de até 300 palavras para explicar uma situação real ou fictícia, exemplificando os termos “Kosmos”, “Corpus” e “Práxis”. Essa última questão desafiava o estudante a produzir uma narrativa concisa que fosse capaz de exemplificar os termos por meio do relato de uma situação real por ele observada. Nesse exercício, seria possível efetuar pontes entre a experiência prévia individual dos alunos e os novos termos discutidos em sala de aula.

Outro exemplo de atividade que desafiava os estudantes a buscarem relações entre ideias diz respeito à discussão em sala do filme “The Coconut Revolution”, dirigido por Dom Rotheroe. Essa obra cinematográfica retrata o conflito armado entre nativos da ilha de Bougainville, em Papua-Nova Guiné, e uma mineradora inglesa que era apoiada pelo governo do país durante a década de 90. As ações da mineradora ligadas às modificações dos ecossistemas e à retirada de povos tradicionais de seus territórios ocasionaram muitos conflitos entre a empresa e os povos locais, a ponto de os nativos se unirem e declararem independência do governo. Já que se tratava de uma luta armada, a população teve de se ajustar a esse novo contexto e passou a experimentar mais os recursos locais. Os nativos aprenderam, então, a produzir combustível a partir do óleo de coco e a potencializar o uso de plantas para o tratamento de feridas. O debate em sala envolvendo esse filme levava os estudantes a, além de discutirem como o conhecimento local pode se transformar diante de perturbações externas, relacionarem como fatores econômicos e políticos afetam povos locais e como isso pode criar respostas das pessoas envolvendo o uso de recursos.

Assim, com base nas atividades apresentadas e nos seminários realizados ao longo da disciplina, os estudantes eram desafiados a correlacionar suas experiências prévias, fatores sociais, políticos e econômicos e cenários biológicos, ecológicos e antropológicos para tentar entender as relações complexas entre seres humanos e seus ambientes.

Essa vivência no estágio de docência me mostrou também que a etnoecologia, por ser um campo de conhecimento interdisciplinar, auxilia o pesquisador, o educador e os estudantes a compreenderem outros cenários, conceitos e visões de mundo e a fazerem relações entre suas áreas de

pesquisa e outras áreas. No meu caso, vivia um período do doutorado em que era bastante desafiado, junto com o grupo de pesquisa de que fazia parte, a pensar como cenários teóricos ecológicos e evolutivos poderiam nos ajudar a entender as inter-relações entre pessoas e plantas, principalmente no que concerne ao uso medicinal desses recursos. Logo, tanto esse estágio quanto esse período de doutorado foram muito importantes para me incentivar a pensar “fora da caixa” e para fornecer as bases de pesquisa e de ensino com as quais atuo no momento.

Atualmente, estou lecionando a disciplina de Metodologia Científica em um curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Nessa disciplina, trabalho bastante com os estudantes o raciocínio crítico, a dedução e as relações entre diferentes áreas do conhecimento, sempre partindo da ideia de que compreender os métodos científicos envolve, também, examinar a história do desenvolvimento das formas de conhecer dos seres humanos e analisar o papel da filosofia, incluindo a filosofia da ciência, nessa construção.

Além disso, o estudante do curso de Ciências Biológicas precisa conhecer e avaliar alguns cenários teóricos biológicos, bem como algumas teorias físicas (ou de outra área), para compreender o papel das teorias na construção do conhecimento científico em diferentes áreas. Por essa razão, em um dos tópicos da disciplina, discutimos sobre o senso comum (e a construção do conhecimento popular) e sobre o conhecimento científico, debatendo paralelos e distinções entre esses tipos de conhecimento. Às vezes, utilizo exemplos dentro da área da etnoecologia para explicitar como o conhecimento popular e o comportamento das pessoas baseado nesse conhecimento podem ser alvo de investigações científicas e o quanto o conhecimento popular pode, inclusive, permitir a formulação de novas ideias para investigações científicas ou descobertas.

Essas reflexões sugerem que as ações do cientista no campo da Etnobiologia e Etnoecologia influenciam suas atividades de ensino, ao permitir o diálogo em sala de aula a partir de diferentes visões de mundo. Ao atuar como educador, o etnoecólogo pode incentivar o estudante a construir o conhecimento por um viés interdisciplinar. No meu caso, ressalto que a experiência vivenciada no ano de 2013 com o estágio de docência em etnoecologia e com minhas práticas no doutorado têm tido forte influência na forma como conduzo minhas atividades de ensino atualmente.

A ETNOECOLOGIA QUE EDUCA BIÓLOGOS: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

ROBERTA MONIQUE AMÂNCIO DE CARVALHO⁸

Cursar Ciências Biológicas em uma universidade pública brasileira é uma experiência plural e desafiadora. Plural porque estudar a biodiversidade e a complexidade dos ecossistemas leva a compreender as variadas relações entre componentes bióticos e abióticos de um modo abrangente, como talvez você nunca tenha percebido antes. Desafiadora porque, além de enfrentar as dificuldades estruturais e políticas das nossas instituições públicas, essa nova compreensão plural proporcionada pelas Ciências Biológicas estimula nós, estudantes, à defesa de menores impactos ambientais decorrentes do nosso modo de vida, buscando assim salvar a diversidade de relações naturais. É aí mesmo, nessa experiência, que a Etnoecologia se sobressalta.

Durante minha graduação, tive pouco estímulo curricular para pensar no papel do ser humano dentro da diversidade de relações naturais, com exceção da disciplina de Ecologia III, ministrada naquela época pela professora Dr.^a Myrna Friederichs Landim de Souza, na Universidade Federal de Sergipe (UFS). No decorrer dessa disciplina, a professora nos iniciou à discussão dos impactos causados pelo ser humano no ambiente, a partir do estudo de variados Relatórios de Impacto Ambiental e da

8 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o doutorado em Enobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Angelo Giuseppe Chaves Alves (UFRPE).

realização de aulas de campo em ambientes ocupados por populações locais e tradicionais. Ainda que essa disciplina tenha sido importante para auxiliar a refletir sobre os impactos humanos na natureza, ela não apresentava uma abordagem etnoecológica – a abordagem utilizada pela professora esteve mais relacionada à Ecologia Política e à análise dos diferentes grupos sociais e de suas interferências nos ecossistemas. Além disso, a disciplina também estimulou a pensar no nosso papel social como biólogos que, no futuro, poderiam atuar no desenvolvimento e cumprimento de políticas ambientais.

A Etnoecologia (ou áreas correlatas, como a Ecologia Humana e as Etnociências) não fazia parte do currículo do meu curso nem havia grupos de pesquisa em minha universidade que abordassem essas áreas do conhecimento. Assim, escolher um tema de pesquisa na área de Etnoecologia para desenvolver meu trabalho de conclusão de curso foi uma decisão ousada e que exigiu empenho.

Naquela época, participava do laboratório de Entomologia, e lá pesquisávamos o comportamento de dominância entre formigas da subfamília Ponerinae. Em uma busca por ampliar meu objeto de estudo, abrangendo a interação entre os seres humanos e esses insetos, fui apresentada à Etnoentomologia por amigos do laboratório que já tinham ouvido falar de tal área do conhecimento. Depois de algumas leituras com afinco e da participação em eventos da área, optei pela mudança de perspectiva sobre meu objeto de estudo e escolhi a Etnoecologia como base teórica e metodológica para estudar os insetos e suas relações com os seres humanos.

Terminada a graduação, resolvi continuar com a investigação etnoecológica, de forma que minha primeira experiência em sala de aula, ainda como estudante, com a Etnoecologia foi a partir da disciplina ministrada pelos professores Dr. José da Silva Mourão e Dr. Rômulo Romeu da Nóbrega Alves, durante o mestrado. Nesse momento, tive um maior contato com as diferentes subáreas da Etnoecologia e Etnobiologia e, dessa maneira, pude aprimorar os objetivos e métodos da minha pesquisa de dissertação.

Posteriormente, após alguns anos de dedicação acadêmica, quando estava cursando o doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza, fui surpreendida pela oportunidade de realizar estágio de docência na disciplina de Etnoecologia, que já vinha sendo ministrada pelo professor Dr. Ângelo Giuseppe Chaves Alves há cerca de 20 anos para os cursos de

graduação em Ciências Sociais e Ciências Biológicas, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Como minha experiência curricular formal com a Etnoecologia se deu apenas em nível de pós-graduação, a realização do estágio de docência foi uma oportunidade para que eu pudesse verificar a aplicação de conteúdos relacionados à Etnoecologia (e áreas correlatas) no quadro curricular da graduação em Ciências Biológicas e, conseqüentemente, na formação profissional de futuros biólogos⁹. A Etnoecologia se sobressalta quando nós, estudantes de Biologia, refletimos sobre o papel do ser humano na diversidade de relações da natureza. Talvez, nossa primeira reflexão nesse sentido seja acerca dos impactos negativos que o modelo de desenvolvimento econômico industrial e o nosso modo de vida produzem no ambiente. Contudo, basta um pouco mais de interesse no assunto para nos questionarmos também sobre outros modelos de desenvolvimento possíveis e outros modos de vida das populações humanas no ambiente. E então, um leque se abre: diferentes culturas apresentam diferentes conhecimentos e práticas na sua interação com a natureza.

Tal reflexão acerca da diversidade cultural e da interação dos seres humanos com o ambiente pode ser estimulada por conteúdos tanto curriculares quanto extracurriculares. No meu caso, esse estímulo tinha sido desenvolvido mais por vivências extracurriculares que despertaram meu interesse etnoecológico do que por experiências de educação formal. Já no caso dos estudantes de graduação do curso de Ciências Biológicas da UFRPE, devido à oferta da disciplina de Etnoecologia ao longo de aproximadamente 20 anos, o estímulo curricular pode ser mais evidente nas suas escolhas profissionais ligadas à Etnoecologia ou Etnobiologia do que o estímulo de experiências extracurriculares.

Hoje, penso que se naquela época eu e meus colegas de graduação tivéssemos sido estimulados a discutir Etnoecologia (e suas áreas correlatas) em sala de aula e em nossos respectivos grupos de pesquisa, talvez existissem mais etnoecólogos atuantes ou mesmo mais biólogos conscientes do papel do ser humano e da diversidade de culturas na natureza.

9 Ainda que na UFRPE a disciplina de Etnoecologia tenha sido ofertada também ao curso de graduação em Ciências Sociais, meu relato aqui se concentrará na análise de sua aplicação ao quadro curricular da graduação em Ciências Biológicas.

Nessa perspectiva, o que pude constatar durante o estágio de docência em Etnoecologia foi que esse campo de pesquisa contribui de forma relevante na formação profissional do biólogo, especialmente quando inserido como disciplina na matriz curricular acadêmica das Ciências Biológicas. Tal contribuição, a meu ver, deve-se sobretudo ao fato de que a Etnoecologia oferece ferramentas para que nós, cientistas naturais em formação, entendamos como a diversidade cultural e biológica interagem e se transformam e para que, a partir desse entendimento, possamos avançar com os propósitos de conservação da biodiversidade.

Desse modo, não me surpreendeu que o primeiro tema abordado em aula pelo professor responsável pela disciplina tenha sido a compreensão do termo “etnoecologia” em seus aspectos etimológicos e epistemológicos. Antes que adentrássemos nos ramos da Etnoecologia propriamente dita e em seus procedimentos metodológicos, foi necessário entender o significado do prefixo “etno” quando utilizado antes de “ecologia” e quando empregado em outros ramos da ciência convencional, bem como compreender a existência de uma multiplicidade de conhecimentos, práticas, crenças e sentimentos que conectam as populações humanas ao resto da natureza.

A Etnoecologia foi então apresentada como abordagem científica que investiga a multiplicidade de saberes ecológicos. Foi nesse ponto que a disciplina propiciou uma reflexão epistemológica importante, aquela acerca do conceito de “ciência” e de suas relações com o chamado “conhecimento local” ou “conhecimento tradicional”. Nesse momento, foi interessante perceber o debate gerado em sala de aula quanto aos conceitos de “conhecimento científico”, “conhecimento local”, “conhecimento tradicional”, “conhecimento técnico”, “senso comum”, “sabedoria popular”, etc.

Durante a aula expositivo-dialogada e a partir da leitura de textos e artigos, os alunos foram estimulados a analisar as definições utilizadas por diferentes autores para o termo “etnoecologia”, assim como a pensar sobre as características necessárias para que um conhecimento seja considerado científico, tais como a utilização de métodos bem definidos, a replicabilidade dos resultados, a falseabilidade das hipóteses e a sistematização do conhecimento.

A metodologia usada para avaliação desse conteúdo foi bastante pertinente. Aos estudantes foi solicitado que escolhessem um artigo da área

da Etnoecologia, publicado *on-line* em periódico especializado nos últimos 10 anos e justificassem os motivos pelos quais consideravam esse artigo “etnoecológico” e, ao mesmo tempo, “científico”. Dessa maneira, os alunos tiveram a oportunidade de, após as discussões em sala de aula, elaborar seus próprios argumentos para a definição conceitual dos termos estudados e relacionar essas definições a estudos já publicados na área.

De forma complementar a esse conteúdo inicial, o segundo tema apresentado em aula na disciplina compreendeu as “dimensões êmica e ética” nos estudos em Etnoecologia. Primeiramente, aos estudantes foi explicada a origem etimológica e o conceito dos termos “êmico” e “ético” na perspectiva linguística da fonêmica e fonética. Logo após, foi analisada a aplicação desses termos tanto nas ciências humanas e sociais quanto na pesquisa etnoecológica. Assim, os alunos puderam entender que um estudo em Etnoecologia envolve um diálogo contínuo entre o saber científico do pesquisador e os saberes locais ou tradicionais das populações humanas estudadas.

Para o desenvolvimento do conteúdo referente às dimensões êmica e ética, o professor explorou a aplicação desses dois termos em diferentes contextos: na Biologia, na Etnoecologia, na literatura e no cotidiano do aluno. Foram apresentados, então, os textos “A muralha de pedra” de Charles Darwin, escrito em 1871; “Interpretando e utilizando a ‘realidade’ dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos?” de Darrell Posey, impresso em 2001; e um trecho de “Os Sertões” de Euclides da Cunha, publicado em 1902. Como atividade avaliativa, foi solicitado aos alunos que explicassem o significado das dimensões êmica e ética e sua aplicação nas situações descritas nesses três textos. Além disso, os alunos tiveram que indicar uma situação de seu cotidiano pessoal em que fosse possível verificar a distinção entre essas dimensões. Tal forma de avaliação relacionando diferentes contextos é muito significativa para a fixação de conteúdos, já que oferece aos discentes a oportunidade de aprender não somente por meio de uma abordagem científica restrita, mas também de outras abordagens, como a artística, e mesmo de uma perspectiva pessoal, a exemplo do exercício solicitado pelo professor.

A introdução da disciplina a partir dos conteúdos supracitados foi importante para o entendimento da ideia de diversidade cultural dentro das Ciências Biológicas. Por meio do estudo dos aspectos etimológicos e

epistemológicos da Etnoecologia e das dimensõesêmica e ética presentes nas pesquisas dessa área podemos reconhecer o “outro”, verificar a alteridade. Quando temos a oportunidade de deslocar nosso conhecimento de uma posição central e superior podemos reconhecer uma variedade de formas de organizar e classificar o mundo, ou seja, uma variedade de crenças, valores e hábitos. Dessa maneira, compreendemos que a diversidade biológica convive com a diversidade cultural e que o cenário ambiental que temos hoje é resultado dessa convivência. A partir dessa compreensão, as Ciências Biológicas podem avançar em direção aos propósitos de conservação da biodiversidade, tendo em vista não apenas o estudo da diversidade de formas de vida e ecossistemas, mas também o diálogo entre os diferentes saberes ecológicos das populações humanas.

Nessa perspectiva, outro assunto abordado em aula na disciplina foi justamente a temática “biologia da conservação e etnoecologia”. A discussão desse tema teve como objetivo compreender de que forma pesquisas etnoecológicas podem colaborar com programas de manejo e conservação dos ambientes e da biodiversidade. Desse modo, em sala de aula foi debatido o papel do conhecimento ecológico local na manutenção dos ecossistemas ocupados pelas populações humanas, isto é, a forma como os saberes, as práticas, as crenças e os sentimentos das populações locais podem interferir no funcionamento dos ecossistemas. Além disso, ressaltou-se a importância do diálogo entre conhecimento científico, técnico e local na efetivação das políticas públicas de conservação.

Outro tema abordado no plano de aula da disciplina e que merece destaque neste relato é o das questões éticas e legais que envolvem uma pesquisa etnoecológica. Essa temática foi discutida concomitantemente às aulas que abordavam os “métodos científicos”, nas quais foram apresentadas as fases e os procedimentos metodológicos do planejamento de uma pesquisa em Etnoecologia. Nesse momento, os estudantes puderam examinar o passo a passo de um estudo na área, incluindo a definição do tema, a elaboração das perguntas que se pretende responder, a determinação dos objetivos e das hipóteses, a escolha das técnicas de coleta e análise dos dados e a redação dos resultados, da discussão e das considerações finais.

Inicialmente, aspectos éticos e legais foram discutidos em sala de aula a partir de um texto disponibilizado pelo professor referente ao documento

de Ética para o ensino que compõe os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do Ministério da Educação, visto que grande parte da turma daquele semestre pertencia ao curso de licenciatura em Ciências Biológicas. Após esse momento, questões éticas e legais da pesquisa com seres humanos foram apresentadas tendo como base o Código de Ética da Sociedade Internacional de Etnobiologia (ISE), também disponibilizado pelo professor. Em sala de aula, debateu-se assim a importância de que, antes da coleta de dados, sejam esclarecidos os objetivos e as implicações dos estudos para os sujeitos que comporão a amostra de uma pesquisa etnoecológica. Com a discussão desse conteúdo, os estudantes puderam compreender que uma pesquisa em Etnoecologia envolve tanto questões legais referentes à permissão para coleta de material biológico e acesso a áreas protegidas quanto questões éticas e legais relativas ao acesso ao conhecimento local ou tradicional das populações humanas e ao patrimônio biológico associado a uma cultura local.

A fim de contribuir para o desenvolvimento e a fixação do conteúdo, o professor responsável pela disciplina exibiu o documentário intitulado “Napëpë”, realizado no ano de 2004 pela antropóloga Nadja Marin. Esse documentário expõe a reivindicação da etnia Yanomami de recuperar suas amostras de sangue retiradas no final dos anos 1960 por uma equipe de pesquisadores norte-americanos, os quais pretendiam utilizar as amostras em uma pesquisa genética e cultural. Nesse caso, a utilização do recurso audiovisual mostrou-se importante para aprendizagem e ilustração do conteúdo, visto que, após a exibição do documentário, foi gerado um maior debate entre os estudantes sobre questões de patente e direitos de propriedade de populações locais e tradicionais, bem como sobre as responsabilidades dos pesquisadores acerca do consentimento livre dos informantes que participarão da pesquisa.

Filmes, documentários, música e literatura de ficção constituíram um recurso didático empregado pelo professor de forma recorrente para a explanação e a aprendizagem dos conteúdos da disciplina. Todos os temas abordados nas aulas foram relacionados a algum material artístico e as respectivas atividades avaliativas também incluíam uma reflexão concernente a esse material. Tal recurso didático colaborou bastante no envolvimento dos estudantes com os conteúdos ministrados. Após a apresentação pelo professor de algum material artístico vinculado ao assunto da aula era

perceptível que os discentes participavam mais ativamente da discussão. Em alguns casos, inclusive, os alunos contribuíam com o desenvolvimento do conteúdo a partir da apresentação de outros materiais artísticos afins ou da interpretação e eventual tradução de canções e textos literários.

Outro recurso empregado pelo professor que colaborou para o engajamento dos estudantes com a disciplina foi o uso de redes sociais virtuais, a exemplo do Facebook, como forma de facilitar a interação entre docente, estudantes e estagiárias. Informações referentes ao conteúdo das aulas, reportagens, divulgação de eventos e cronograma de avaliações eram compartilhados virtualmente em um grupo fechado no Facebook, criado especialmente para a disciplina. O uso desse recurso de comunicação foi muito bem recebido pelos estudantes, que frequentemente movimentavam as postagens por meio de comentários ou perguntas e ainda compartilhavam reportagens e vídeos associados aos conteúdos da disciplina.

A interação estabelecida entre professor e estudantes durante as aulas e mesmo no grupo virtual foi, a meu ver, muito importante para o desenvolvimento da disciplina e a aprendizagem do conteúdo. O professor responsável mostrou-se frequentemente disponível para tirar dúvidas e fazer esclarecimentos, tanto presencial quanto virtualmente, mantendo assim uma proximidade com os alunos que permitiu confiança e compartilhamento de saberes no processo de aprendizagem. Ao final da disciplina, muitos discentes relataram de forma espontânea suas impressões e agradeceram ao professor e às estagiárias pelo “conhecimento partilhado” e pela “desconstrução” de ideias equivocadas sobre o conhecimento local ou tradicional. Alguns alunos expressaram ainda as “saudades” que anteviam em relação à disciplina e ressaltaram o quão “enriquecedor” tinha sido aprender os conteúdos de Etnoecologia. Esses relatos espontâneos dos estudantes exemplificaram de maneira clara a minha própria impressão acerca da disciplina: uma ocasião curricular favorável à construção crítica sobre a ciência, a Biologia e a própria Etnoecologia, a partir de um processo de aprendizagem coletiva.

Ressalto aqui a contribuição ao pensamento crítico proporcionada pela disciplina de Etnoecologia devido à capacidade dessa abordagem científica interdisciplinar de favorecer a discussão sobre a diversidade de saberes ecológicos e, conseqüentemente, sobre o papel das ciências nesse contexto. Em meu entender, no momento em que os estudantes estão cursando a graduação em Ciências Biológicas, essa contribuição é tão valiosa

quanto o estudo propriamente dito das subáreas da Etnoecologia e de seus respectivos procedimentos metodológicos. Ao afirmar isso, não tenho a intenção de resumir a importância da disciplina apenas ao seu caráter crítico. Todavia, se considerarmos que os alunos que cursam a disciplina não necessariamente irão trabalhar com pesquisa etnoecológica em seu cotidiano (para parte deles, inclusive, essa pode ser a primeira e única experiência acadêmica com as Etnociências), podemos afirmar que a disciplina proporciona uma valiosa contribuição crítica e educativa para biólogos em formação, para além da contribuição técnica na formação específica de possíveis etnoecólogos.

Portanto, independentemente de qual seja a área de atuação escolhida pelo discente dentro das Ciências Biológicas, as bases teóricas e epistemológicas da Etnoecologia podem auxiliar a compreender a conservação da biodiversidade e os problemas ambientais de um ponto de vista mais abrangente e relacional, conectado à diversidade cultural. É nesse sentido que considero que a Etnoecologia educa biólogos e que essa disciplina tem o potencial de contribuir educativamente na formação de profissionais que irão atuar em áreas relacionadas ao manejo e à conservação da natureza.

Pensar a diversidade biológica e a conservação pela perspectiva da diversidade cultural é uma contribuição da Etnoecologia para as Ciências Biológicas como um todo, em todos os seus ramos. Além disso, quando nos questionamos sobre o papel da ciência e de outros saberes ante as mudanças socioeconômicas e ecológicas, podemos contribuir de forma mais efetiva para o avanço do próprio fazer científico. Afinal, nas ciências são os questionamentos, mais do que nossas certezas, que podem nos fazer avançar em busca de respostas e soluções para os problemas universais.

Concluo, assim, que ter a oportunidade de cursar a disciplina de Etnoecologia durante a graduação em Ciências Biológicas em uma universidade pública brasileira torna a experiência estudantil ainda mais plural e desafiadora. Mais plural porque, a partir daí, estudamos não apenas a diversidade biológica e a complexidade de ecossistemas, mas também a diversidade cultural de saberes e práticas na interação com a natureza. É mais desafiadora porque, agora, a defesa por menores impactos ambientais busca salvaguardar tanto a diversidade de relações naturais quanto as diferentes culturas em prol de uma convivência harmônica e sustentável entre diversidade biológica e cultural.

ETNOECOLOGIA NA UFRPE: COMO UM ESTÁGIO DE DOCÊNCIA SE TORNOU UMA EXPERIÊNCIA TRANSFORMADORA?

RAFAEL RICARDO VASCONCELOS DA SILVA¹⁰

Ao aceitar o convite para escrever sobre o meu estágio de docência na disciplina de Etnoecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), precisei resgatar memórias que estavam guardadas há alguns anos. Essa prazerosa tarefa me proporcionou uma reflexão sobre os diferentes momentos em que essa disciplina esteve presente na minha trajetória acadêmica, o que me fez perceber o quanto essa experiência de estágio permanece viva em minhas práticas profissionais cotidianas, já que me tornei professor universitário.

Em uma leitura recente, encontrei na frase “*Se a minha casa pegasse fogo, eu salvaria o fogo*”, atribuída ao filósofo e sacerdote francês Jean-Yves Leloup, um significado especial para a minha tentativa de explicar meu principal aprendizado com o estágio de docência, ou seja, aquilo que salvaria dessa experiência. Após o estágio, passei a desejar a prática docente e a considerá-la uma força tão transformadora e decisiva para as partes envolvidas quanto o fogo para um incêndio.

Seria impossível determinar um marco para essa transformação pessoal, assim como seria impossível não me deparar com a disciplina de Etnoecologia da UFRPE e, de brinde, com o professor que era responsável

10 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o doutorado no PPG Ciências Florestais (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque.

pela disciplina em diferentes momentos ao longo desse processo. Diante disso, o meu objetivo neste relato será expor, em um formato quase autobiográfico, o que essa disciplina e esse professor representaram para a construção da minha identidade docente.

O começo de uma história: por que resolvi fazer estágio nessa disciplina?

Soube da existência da disciplina de Etnoecologia da UFRPE ainda durante a minha graduação em Engenharia Florestal. Nas conversas pelos corredores da universidade, essa disciplina surgiu no discurso de colegas do movimento estudantil, que a apresentavam como uma possibilidade de um olhar mais crítico e abrangente do que o da disciplina de Ecologia Florestal, obrigatória no curso.

Alguns desses colegas se anteciparam em tentar uma experiência no campo de conhecimento da Etnoecologia e entraram em contato com o professor responsável pela disciplina. Soube que foram bem recebidos e chegaram, inclusive, a esboçar um projeto de pesquisa. Infelizmente, esbarraram em algumas dificuldades e não deram andamento aos trabalhos. Para mim, mesmo ouvindo os relatos dos colegas com o entusiasmo e o interesse de quem já namorava os poucos livros de Ecologia Humana então disponíveis na biblioteca da universidade, a ideia de encarar uma disciplina à noite e no curso de Ciências Sociais me parecia pouco atraente. Por esse motivo, fiquei apenas no plano da *ideia* do que seria cursar a disciplina. Desse modo, ao longo da minha graduação, a Etnoecologia passou a ocupar um lugar especial no que seria o meu imaginário de uma ecologia crítica e libertadora.

Passada a graduação, já no ano de 2008, tive o meu segundo contato com a disciplina de Etnoecologia. Na época, eu estava cursando o mestrado em Ciências Florestais na UFRPE, sob a orientação do professor que era responsável por essa disciplina na graduação. Tais circunstâncias me pareciam muito favoráveis para que eu pudesse realizar o estágio de docência em Etnoecologia. Porém, mesmo tendo como orientador o professor responsável pela disciplina, não foi possível formalizar um vínculo de estágio de docência, já que uma norma do Programa de Pós-Graduação

restringia a realização do estágio às disciplinas da matriz curricular obrigatória da graduação em Engenharia Florestal. Lamentavelmente, a disciplina de Etnoecologia não atendia a esse critério. Então, depois das negociações frustradas para que eu pudesse realizar o estágio com aquele professor, fiquei no *quase*, e, ao longo do meu mestrado, a Etnoecologia passou, então, a ocupar um lugar especial no meu interesse de formação para a docência.

Após finalizar o mestrado, já no ano de 2010, ocorreu o meu terceiro e mais efetivo contato com a disciplina. Durante o doutorado, também pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais da UFRPE, agora sob a orientação do professor Ulysses Paulino de Albuquerque, a norma do Programa para estágios de docência foi flexibilizada. Graças a isso, pude realizar os dois semestres de estágio com o Professor Ângelo Giuseppe Chaves Alves, sendo um deles na disciplina de Etnoecologia. Assim, depois de anos de espera, após ficar na *ideia* e passar pelo *quase*, pude efetivamente *fazer* a disciplina de Etnoecologia. A essa altura da minha trajetória acadêmica, já não tinha mais dúvidas em relação à minha escolha. cursar o estágio de docência em Etnoecologia, disciplina oferecida à noite para o curso de graduação em Ciências Sociais, me parecia uma opção atraente, desejada e necessária.

***“Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia”*: quais transformações essa experiência me trouxe?**

A primeira atividade na disciplina, durante o estágio de docência, consistiu em uma “aula-palestra” sobre minha experiência de pesquisa em Etnoecologia. Na ocasião, abordei um capítulo da minha dissertação de mestrado, que trata da relação entre auxiliares mateiros e pesquisadores em trabalhos florestais. Essa apresentação serviu de mote para uma discussão acerca das relações entre os diferentes saberes e visões de mundo na produção do conhecimento científico. Lembro que a preparação dessa aula-palestra me gerou grande ansiedade, especialmente pela expectativa de lidar com uma turma de Ciências Sociais. Acredito que o terreno da Sociologia pareceria pantanoso até mesmo para os engenheiros florestais menos ortodoxos.

Após a minha exposição, fui surpreendido positivamente pela participação e pelo interesse da turma na minha experiência de trabalho. Embora algumas intervenções dos alunos viessem acompanhadas de referências a autoridades da Sociologia, estranhas para mim, o clima e o temperamento do debate me fizeram querer mais. As atividades do estágio de docência tiveram continuidade, e participei de todas as aulas como mais um dos alunos interessados nas discussões. Lembro que sentia um grande prazer em fazer parte daquelas aulas noturnas no curso de Ciências Sociais.

Acredito que pude vivenciar uma prática educacional literalmente interdisciplinar, pois estava envolvido em uma disciplina conduzida por um professor que era engenheiro agrônomo, lotado em um departamento de Biologia, e que orquestrava uma sinfonia de alunos de Ciências Sociais, sem perder o tom em nenhum momento. Essa experiência me encorajou a transformar o desconhecido em algo atrativo e me levou a sair daquelas aulas pensando que só a carreira docente tornaria possível fazer daquela vivência algo permanente na minha vida. A partir de então, comecei a pensar que atuar como professor universitário poderia ser interessante e que eu poderia dedicar a minha vida a isso.

Penso que tal acontecimento só foi possível porque as experiências construídas durante o estágio de docência em Etnoecologia me fizeram encarar a sala de aula como um espaço de reflexão crítica e de transformação, e não apenas como um espaço de transmissão unidirecional de conhecimento. Essa vivência me trouxe uma lição que carrego até hoje: **o respeito às diferentes visões de mundo, essencial para a pesquisa etnoecológica e indispensável para a prática pedagógica.** Após essa experiência, eu não poderia voltar para casa ou para uma sala de aula sem esse entendimento, que passou a fazer parte de minha identidade docente. Era de se esperar, como diria Raul Seixas, *“pois a chuva voltando pra terra traz coisas do ar”*.

Sobre o que falávamos?

Um tema de destaque nas discussões da disciplina consistia no relativismo crítico. Entre os textos de diferentes autores empregados para provocar as discussões, um dos que mais me chamou a atenção foi artigo

intitulado “Como redividir a Grande Divisão”, de Bruno Latour, antropólogo e filósofo das ciências. Nesse texto, Latour objetiva estabelecer um campo comum para duas abordagens distintas, a do etnólogo e a do historiador ou sociólogo das ciências. O autor destaca que é notável a desigualdade na valorização do saber produzido pelo pesquisador, a partir de um discurso/saber compartilhado localmente. Esse tratamento desigual pode ser evidenciado pela forma como a visão de mundo local passa a ter menor valor pelo fato de ser local e perde importância em comparação à visão de mundo “universal”, representada pelo pesquisador. Contudo, para o autor, o saber do pesquisador, embora tenha o intento de se tornar universal ou de estabelecer redes mais longas, também pode ser compreendido como “local”. Diante disso, o autor propõe um tratamento simétrico, de forma que os cientistas e pesquisadores sejam igualmente investigados com as questões, os métodos e os procedimentos da pesquisa etnográfica, como parte integrante do campo de investigação antropológica e sociológica.

Pensar a influência da ideia apresentada no texto de Latour para a atividade docente, seja em Etnoecologia ou em outras disciplinas, representa um convite interessante para as seguintes reflexões: como ensinar os conhecimentos científicos sem abdicar de uma análise cuidadosa de suas práticas? Quando um saber é considerado verdadeiro, sob uma perspectiva científica, a sua explicação sob uma perspectiva social ou cultural se torna desnecessária? Seria a relação entre professor e aluno uma das dicotomias reforçadas pela grande divisão?

Embora não tenha a pretensão de responder a esses questionamentos neste texto, cabe registrar aqui que as minhas respostas para essas perguntas vêm passando por constantes mudanças. Talvez eu nunca chegue a respostas definitivas, e isso não me incomoda, da mesma forma que não me incomoda com muitas outras perguntas para as quais não tenho resposta. Uma das coisas que aprendi com a minha experiência de estágio de docência é que não se pode ter respostas para tudo, a não ser que o “*não tenho uma resposta*” possa ser uma resposta aceitável.

Abrindo a caixa-preta: as disciplinas acadêmicas têm alma

Um fato que merece destaque e que me marcou fortemente durante o estágio de docência ocorreu em uma reunião de planejamento das atividades didáticas. Na ocasião, o professor responsável apresentou-me o programa da disciplina, o que para mim foi uma grande surpresa, tendo em vista a minha total inexperiência docente. Nesse programa, além da ementa, dos objetivos e dos métodos, constava um cronograma completo das aulas. Esse cronograma foi o que mais me chamou a atenção. Consistia em uma tabela com cinco colunas: data, conteúdo, atividade, local e carga horária. Lembro que conhecer aquele planejamento detalhado foi algo impactante, era como abrir a caixa-preta da disciplina. Não tinha a menor noção se aquele formato havia sido determinado pela instituição ou se tinha sido elaborado pelo professor com propósitos didáticos. Entretanto, achei aquele cronograma tão importante que hoje em dia adoto um modelo bastante semelhante: apresento o programa da disciplina aos meus alunos já no primeiro dia de aula, incluindo todo o cronograma das atividades a serem desenvolvidas ao longo do semestre – o que atende, inclusive, a uma recomendação institucional.

De acordo com o que foi programado, a metodologia da disciplina estaria centrada em aulas expositivo-dialogadas. Por se tratar de uma disciplina noturna, em que grande parte dos alunos exercia outras atividades durante o dia, não ocorreram aulas externas ou atividade de campo. Desse modo, as atividades de caráter prático consistiam em debater os conceitos, os estudos de caso e as teorias expostas, contextualizando-os com as realidades observadas. Em um primeiro momento, o professor responsável pela disciplina apresentava os textos propostos e provocava o debate, e os alunos precisavam responder por escrito a um roteiro de análise de cada texto. Os estagiários de docência, por sua vez, participavam ativamente dessa primeira etapa da disciplina, apresentando alguns dos textos recomendados pelo professor e guiando a respectiva discussão.

Em um segundo momento da disciplina, os alunos foram divididos em grupos para elaboração e apresentação de seminários. Os temas dos seminários, propostos pelo professor, e consistiam em artigos teóricos ou resultantes de pesquisas de campo. Os alunos eram, então, orientados a

seguir um roteiro metodológico para a apresentação, de modo a manter a coesão entre o grupo, tanto na forma da apresentação quanto no domínio do conteúdo. Após a apresentação, o trabalho era debatido por toda a turma.

Para fechar: algumas considerações

Penso que o ensino de Etnoecologia deveria estar presente nas matrizes curriculares de diferentes cursos de graduação, não só de Ciências Sociais, mas também dos diversos cursos ligados às ciências naturais e agrárias. Trata-se, sem dúvidas, de uma disciplina importante para a formação de profissionais com uma visão crítica das relações de força entre as diferentes formas de saber e com competência para dialogar com as distintas visões de mundo.

Sou imensamente grato por ter tido a oportunidade de desenvolver o estágio de docência na disciplina de Etnoecologia da UFRPE, sob a tutoria do professor que já tinha sido meu orientador no mestrado. Acredito que essa experiência e esse contato foram decisivos para que eu passasse a enxergar a carreira acadêmica como algo desejável. Espero, sinceramente, ser capaz de manter a salvo o “fogo desse incêndio” – que é a força transformadora da atividade docente.

EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM ETNOECOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES À FORMAÇÃO DO PROFESSOR-ESTUDANTE

MARIA CAROLINA SOTERO¹¹

Sou Maria Carolina Sotero, Carol para os amigos e alunos. Sou uma professora-bióloga, licenciada pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em 2008. Nossa, já faz tempo!

Desde a graduação, venho conciliando a carreira docente no ensino fundamental e a acadêmica (universitária). Não é uma tarefa fácil, mas tenho conseguido. Hoje, estou no terceiro ano do doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza, também na UFRPE, e continuo sendo professora da educação básica.

Como professora, minha maior experiência tem sido com adolescentes nas séries finais do ensino fundamental (do sexto ao nono ano). Também já fui vice-diretora por quatro anos e trabalhei com educação especial e na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Minha vida acadêmica começou na Ecologia Vegetal, instaurando uma experiência que durou quase quatro anos. Construí minha monografia nessa área, que envolvia muita contagem de plantas, medições, prensa, estufa e planilhas de Excel. Sentia falta de algo que pudesse ser mais interessante para a vida das pessoas. Era difícil, na minha visão, vislumbrar o retorno à sociedade das pesquisas que eu desenvolvia na época.

11 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Doutorado no PPG Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE), sob orientação da Profa. Dra. Maria Franco Trindade Medeiros (MN/UFRJ).

Desde a graduação, tinha ouvido falar da disciplina de Etnoecologia, sempre com boas referências. Na época, essa matéria era ministrada no curso de graduação em Ciências Sociais. Como a possibilidade de integrar o conhecimento local ou tradicional à minha área de atuação como pesquisadora era algo que me empolgava, pensei em cursá-la. Contudo, na correria e burocracia da vida de graduanda, acabei por deixar passar a oportunidade.

Anos depois, acabei realizando o estágio de docência em meu doutoramento nessa mesma disciplina, sob a orientação de um professor que também era meu coorientador. Trazendo uma bagagem de professora e pesquisadora, com alguns trabalhos voltados ao estudo da interface entre ser humano e meio ambiente, o que um estágio na disciplina de Etnoecologia poderia adicionar à minha formação? A resposta é: muito mais do que eu poderia pensar!

Em princípio, a perspectiva era de organizar e desenvolver meus conhecimentos básicos sobre Etnobiologia e Etnoecologia. Afinal, apesar de já ter trabalhado com pesquisas que envolviam as visões e os conhecimentos locais das pessoas em relação ao ambiente que as cercava, não eram trabalhos essencialmente etnoecológicos. Portanto, foi no doutorado que construí inúmeros conhecimentos no campo das Etnociências.

Dessa forma, a experiência do estágio de docência não apenas foi importante em relação aos conteúdos abordados, como também me fez compreender o papel de um professor universitário e a importância de uma disciplina como essa (com suas bases na pluralidade cultural) para a formação de um graduando, futuro profissional atuante na sociedade.

Outro ganho que me surpreendeu durante o estágio de docência consistiu na diversidade de metodologias utilizadas. A referida disciplina caracterizou-se como dialógica e aberta e, ao mesmo tempo, estruturada, dinâmica e muito interativa.

O meu estágio de docência na disciplina de Etnoecologia foi realizado durante o primeiro semestre letivo de 2017, com uma carga horária de quatro horas semanais, em que eu acompanhava as aulas destinadas aos discentes da graduação dos cursos de licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas. Nessa disciplina, os momentos de aprendizagem presencial não aconteceram somente dentro da sala de aula. Em algumas ocasiões, fomos convidados pelo professor a realizar as atividades em áreas

verdes próximas ao prédio da Biologia. Ao final da disciplina, nosso ciclo de troca de saberes com os graduandos foi encerrado em no Restaurante Ecológico e Espaço Cultural Quilombo Experimental, situado em um espaço limítrofe entre o *campus* e o ambiente florestal do Parque Estadual de Dois Irmãos.

Uma forma de interação que me impressionou bastante durante esse processo foi o grupo formado no Facebook para integrantes da disciplina. Logo na primeira aula, o professor informou que criaria esse elo de comunicação complementar, com a finalidade de disponibilizar virtualmente os materiais a serem utilizados e promover o compartilhamento de informações simples, como, por exemplo, o local onde seria a aula, e de conteúdos diversos relacionados aos diálogos ocorridos em sala de aula. Ali também haveria espaço para a troca de experiências e ampliação dos debates.

Embora a participação no grupo do Facebook não fosse obrigatória, já que as leituras-base e informações-chave poderiam ser repassadas por e-mail, nenhum dos graduandos optou por não ser adicionado. Acredito que o fato de os estudantes já estarem habituados a utilizar essa rede social cotidianamente, ou até mesmo a se manterem *logados* o tempo inteiro, facilitou a aceitação e a satisfatória utilização dessa ferramenta complementar.

As atividades do estágio de docência incluíram, assim: reuniões de planejamento; observação participante das aulas; estudos prévios dos textos (artigos científicos, entrevistas e artigos de divulgação científica) e outros materiais didáticos (obras de arte cinematográficas, musicais e literárias); acompanhamento da correção dos exercícios; avaliação dos seminários; observação participante e moderação do grupo de Facebook; elaboração e regência independente de um dos conteúdos da disciplina; e elaboração e execução de uma atividade prática.

A partir deste ponto, descreverei detalhadamente cada uma dessas atividades e tentarei mostrar ao leitor a importância de cada uma delas em minha formação acadêmica e em minha prática de sala de aula. Na primeira reunião de planejamento da disciplina, o professor indicou os conteúdos que seriam trabalhados durante as aulas, com um detalhamento prévio dos objetivos de cada uma delas, bem como a metodologia e as formas de avaliação a serem utilizadas.

O professor-orientador do estágio solicitou, então, que eu colaborasse na organização de um calendário (cronograma) da disciplina, verificando

o tempo necessário para o desenvolvimento de cada tema junto aos estudantes e o melhor período para a realização dos seminários, de forma que estes fossem distribuídos por toda disciplina e intercalados com as aulas ministradas por mim e pelo professor. Foi necessário, assim, sobrepor o planejamento com o calendário de feriados e o acadêmico, dando atenção especial aos períodos de avaliações.

O fato de eu ter elaborado com certa tranquilidade um calendário de planejamento da disciplina, em virtude de isso já fazer parte da minha rotina de trabalho anterior como professora e gestora, não tornou essa etapa menos importante na minha formação. Consegui perceber que a experiência prévia do professor-orientador o fez desenhar a disciplina de modo crescente, pautada no amadurecimento dos novos conhecimentos construídos pelos discentes. Ele sabia quais aulas demandariam mais tempo, quais os conteúdos que precisariam estar próximos entre si, quais as possíveis dificuldades que os estudantes poderiam ter...

Ao final, o professor adicionou um novo tópico à disciplina, intitulado Etnoecologia e Educação, que contemplava a temática da minha tese, bem como trazia para a prática os conceitos que seriam trabalhados. Considero que a inclusão desse tópico foi de grande importância, principalmente para os estudantes de licenciatura.

Gostaria de reforçar a relevância desse momento de planejamento conjunto com o professor antes do início do estágio, tendo em vista que é comum ver os pós-graduandos atuarem somente ministrando as aulas e aplicando as atividades em substituição ao professor-orientador, dentro do número de horas estabelecido pelo respectivo programa de pós-graduação. Muitas vezes, o estagiário atua somente como um substituto ao docente oficial da disciplina, acarretando uma visão fragmentada da prática no ensino superior.

Assim, a forma com que o professor iniciou o meu estágio me fez ter uma noção geral da história e importância da disciplina, criar minhas próprias expectativas e anseios e entender a dinâmica geral do que é lecionar para turmas de graduação. Com o estágio de docência, foi possível ter a experiência prática de planejamento, adequando o cronograma à realidade acadêmica.

Ressalto, ainda, algumas situações observadas no acompanhamento da disciplina que chamaram a atenção: um crescente engajamento dos

estudantes durante as aulas; a necessidade de realização de alguns ajustes nas datas dos seminários devido a coincidências com outras atividades das pessoas envolvidas; e a evasão (era uma turma com 21 estudantes, em que dois desistiram). Nas observações das aulas, também pude compreender um pouco da dinâmica de sala de aula no ensino universitário, com base na postura do professor e dos estudantes, nas formas de argumentações e nas principais dificuldades dos discentes.

Durante as aulas de Etnoecologia, foi possível perceber uma considerável mudança nos estudantes ante as questões relacionadas a esse campo de conhecimento. Partindo de um comportamento de apenas curiosidade diante de uma disciplina diferente das outras já consolidadas e clássicas, passando pelo estranhamento por terem suas certezas confrontadas, os alunos culminaram em uma mudança de suas cosmovisões.

É interessante destacar, da mesma forma, o perfil da turma que acompanhei. Seus integrantes eram, em sua maioria, jovens, dos quais basicamente metade cursava bacharelado, e a outra metade, licenciatura em Ciências Biológicas. Alguns já tinham realizado trabalhos que envolviam o conhecimento local ou tradicional, e outros lecionavam na educação básica ou já haviam lecionado em algum momento. Outros ainda desenvolviam estágios em áreas mais clássicas da Biologia, tais como a Ecologia.

Ao longo do semestre, pude perceber mudanças de postura de alguns graduandos em relação aos conhecimentos locais ou tradicionais, bem como sobre as populações humanas estudadas em Etnoecologia e áreas afins. As posturas iniciais eram diversas: havia aqueles extremamente cientificistas, e outros que romantizavam ou supervalorizavam os conhecedores “locais”. Com o passar do tempo, notei que compreenderam o papel da Etnoecologia em transformar os conhecimentos locais em objeto de estudo, e não em constituir um contraponto com a ciência. Além disso, entenderam que essas informações não precisam do referendo científico para se tornarem relevantes.

Durante as aulas, foram contemplados conteúdos específicos para o entendimento da Etnoecologia que contribuíram para essas mudanças, tais como: etimologia, origem, objetivos e metodologias dessa ciência; estudo de conceitos-chave, a exemplo de conhecimento tradicional, local e outras formas de conhecimento; e terminologias como *êmico*, *ético*, *corpus*, *cosmos* e *práxis*. Além desses pontos, em vários momentos da disciplina,

foram abordadas as questões éticas, inerentes às pesquisas que utilizam os conhecimentos dos seres humanos construídos em seus contextos culturais, incluindo aspectos como: a dimensão emocional dos informantes e pesquisadores, a ética do pesquisador, as posturas dos pesquisados e dos pesquisadores, exemplos de pesquisas cuja interação entre os envolvidos não fora exitosa e ainda os problemas legais e possíveis conflitos decorrentes dessa interação.

Tais questões foram trabalhadas também com o auxílio de um documentário, intitulado “Napëpë”, da cineasta Nadja Marin (2004). Trata-se de um documentário sobre os índios Yanomami, após a atuação de antropólogos em sua aldeia durante vários anos. A referida interação aconteceu para a realização de um grande programa de pesquisa estadunidense, cujo objetivo era traçar o perfil genético da espécie humana e assim desenvolver pesquisas biomédicas importantes. Porém, tal atuação (relatada no filme) acabou por resultar em um grande impasse cultural e ético, já que amostras de sangue de muitos indígenas tinham sido recolhidas e levadas para serem estudadas no exterior, não retornando para o Brasil. O problema exposto pelo documentário consistia no fato de que os Yanomami costumam cremar os corpos dos seus mortos e acreditam que, se não o fizerem, o espírito da pessoa falecida ficará preso ao mundo físico.

Esse era apenas um dos problemas relatados no documentário sobre a relação entre pesquisadores e pesquisados, tendo sido abordados outros temas que faziam os estudantes refletirem a respeito das seguintes questões: qual é o papel do pesquisador em uma comunidade? Qual é a postura que esse cientista deve ter? Que deveres legais e éticos ele possui com os povos estudados? Quais são os limites de uso das informações recolhidas? A partir disso, os estudantes puderam se colocar na posição de pesquisados ou informantes, que por vezes têm seus costumes ignorados e se sentem enganados.

Outra competência trabalhada em meu estágio de docência foi a forma de avaliação na educação universitária, em especial em uma disciplina híbrida como a Etnoecologia. Assim, fez parte das minhas atribuições como estagiária colaborar na correção de exercícios resultantes da análise dos textos, eventualmente relacionados a documentários ou outros filmes referentes às temáticas trabalhadas.

Para isso, além de participar das aulas, precisei assistir às obras cinematográficas indicadas, bem como realizar as leituras dos textos de divulgação científica e dos artigos científicos referentes a cada tópico estudado. Vale a pena destacar a qualidade das obras trabalhadas, a maioria desconhecida por mim e pelos estudantes. Aprecio essa postura em um professor, de ampliar os horizontes e o repertório cultural dos estudantes, pois, além de trabalhar os conteúdos específicos da disciplina, temos a oportunidade de despertar interesses e questionamentos nas pessoas que estamos formando, assim como um novo leque de possibilidades.

A forma de correção, o objetivo de aprendizagem, as possíveis dificuldades dos estudantes e as pontuações a serem atribuídas de cada questão foram aspectos preestabelecidos em reunião com o professor. Verifiquei que os estudantes desenvolveram com excelência as atividades, tendo, inclusive, incorporado outras referências além das indicadas, bem como conhecimentos cotidianos, em seus textos.

Outro momento de minha aprendizagem quanto às formas de avaliação ocorreu durante a apresentação dos seminários dos estudantes, momento em que foi possível perceber que estes haviam sedimentado as leituras propostas e conseguiram expor aos colegas as suas impressões. Para tal atividade, o professor disponibilizou uma ficha de avaliação *on-line*, na qual os estudantes podiam conferir quais aspectos das suas apresentações seriam levados em conta na atividade. Essa mesma ficha foi a que eu e o professor utilizamos para avaliar os seminários.

Destaco, aqui, as formas de apresentação que os estudantes se propuseram a fazer. Uns me pareceram mais conteudistas, outros mais performáticos, outros mais tímidos, e outros bem eloquentes, já experientes em falar em público. Acredito que atividades como essas são muito importantes na formação dos profissionais, uma vez que, em muitos momentos de suas carreias, irão se deparar com situações em que será necessário apresentar uma boa desenvoltura em público, poderes adequados de persuasão e domínio da linguagem. De modo geral, os seminários mobilizaram a participação efetiva de toda a sala de aula, com satisfatório engajamento dos participantes e a incorporação de outras referências, inclusive artísticas.

Para descrever as próximas considerações sobre meu estágio de docência, destaco uma lembrança da minha graduação. Certa vez, uma professora nos disse: “Alunos de licenciatura, vocês têm um laboratório

nas mãos todos os dias, aproveitem isso!”. Aquela fala se referia ao fato de que, na época, achávamos, erroneamente, que os estudantes de bacharelado teriam uma formação mais “científica” do que a nossa. Pois bem, essa frase ficou muito marcada para mim, vindo à tona novamente em meu estágio de docência.

Após todas as observações, reuniões de planejamento e avaliações, também se fazia importante e necessário que eu ficasse responsável por ministrar algumas das aulas da disciplina. Como mencionei no início deste relato, o professor-orientador do estágio de docência decidiu incluir o tópico Etnoecologia e Educação nos conteúdos a serem contemplados na disciplina. Assim, meu estágio de docência tornou-se um laboratório, pois pude experimentar como as informações de que eu já dispunha, advindas das minhas leituras, junto com alguns outros dados levantados, poderiam ser apresentados a um público com familiaridade com Etnoecologia e com a própria docência em si.

Além disso, pude aplicar uma atividade prática que havia desenvolvido com meus orientadores do doutorado para o capítulo de um livro que foi posteriormente publicado. Nela, os estudantes deveriam descrever as “crenças populares” que conheciam sobre plantas, animais e corpo humano. O objetivo dessa tarefa era que os estudantes percebessem que, mesmo possuindo conhecimentos científicos acerca dos temas em questão, eles continuavam mantendo em seus repertórios os conceitos apreendidos por meio da transmissão cultural nos ambientes de que provinham.

Um dos desafios nessa etapa, proposto pelo professor-orientador do estágio, foi que eu desenvolvesse uma prática que envolvesse os conceitos de êmico (perspectiva da pessoa observada, ou seja, de alguém que está dentro do contexto cultural) e ético (perspectiva do pesquisador externo, ou seja, daquele que vê o fenômeno com um distanciamento por fazer parte de outro contexto cultural). Para tal, decidi recorrer a um cantor e índio Pankararu, Gean Ramos, que já havia desenvolvido atividades educativas em ambiente escolar e com quem eu já tivera o prazer de trabalhar no passado.

Após construir as etapas e os objetivos da atividade e compartilhá-la com o professor, era hora de pôr a mão na massa. Essa tarefa seguiria a linha das outras já desenvolvidas pelo professor, propondo que os estudantes desenvolvessem algum material antes da aula e trouxessem os

resultados para serem compartilhados e debatidos com os seus pares no momento seguinte. Assim, os estudantes foram convidados por mim a interagirem, por meio do grupo virtual do Facebook, com o artista indígena Gean Ramos, podendo efetuar perguntas sobre a atuação dele em escolas de sua região.

Para que os estudantes também conhecessem o colaborador em questão, compartilhei com eles dois vídeos: um chamado “Cartão Postal Pankararu”, no qual o artista mostrava uma canção que havia composto a respeito do seu povo, bem como apresentava várias imagens do seu lugar e das suas atividades culturais; e outro intitulado “Projeto Interpretar 2015”, no qual Gean Ramos apresentava seus trabalhos na área da educação.

A proposta daquela atividade consistia em proporcionar aos estudantes a oportunidade de conhecerem a cosmovisão de um indivíduo que normalmente é um agente passivo (observado) nos trabalhos de Etnoecologia e que agora estava ali como sujeito ativo na conexão entre diferentes formas de conhecimento. Assim, antes da aula expositivo-dialogada, foi feita uma leitura coletiva das respostas dadas pelo artista, realizando-se, em seguida, um debate a respeito. Foi uma experiência muito proveitosa, pois os estudantes tiveram a oportunidade (mesmo a distância) de interagir com uma pessoa que geralmente ocuparia o papel de observado ou informante nas pesquisas etnociêntíficas.

De modo geral, ao término do meu estágio de docência, pude verificar a importância da disciplina de Etnoecologia na formação docente de estudantes de pós-graduação, já que essa área trabalha em um contexto interdisciplinar e multicultural, além de abranger questões básicas na formação do docente-pesquisador, tais como a ética, as diferentes formas de conhecimento e o interacionismo. Ademais, a diversidade de atividades realizadas me mostrou que é possível envolver um pós-graduando em diferentes etapas da formação dos estudantes de graduação, preparando-o para situações que enfrentará na prática docente.

Ao atuar como professora de ensino básico, já recebi alguns graduandos para o estágio de docência e nunca havia pensado em trabalhar com eles da mesma forma que o professor-orientador conduziu o meu estágio. Nessas ocasiões, os meus estagiários cumpriam somente o tempo previsto de observação e de aulas ministradas.

Após essa minha experiência como estagiária, pretendo incluir, em minhas próximas orientações, todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem, de modo similar ao que experimentei, a fim de que meus estagiários possam compreender que a prática docente é muito mais complexa do que os momentos em sala de aula.

Outra mudança de postura em minha prática docente advinda desse estágio diz respeito a um resgate e maior incorporação das diferentes visões de mundo dos estudantes durante minhas aulas. Pretendo, ainda, manter uma constante postura que tente mostrar para eles que as informações que chamam de “superstições”, “crendices” ou “o que o povo diz...” são fruto de um contexto cultural. Ou seja, são conhecimentos e valores importantes, que não devem ser menosprezados.

Percebi que o meu interesse em ouvir tais relatos tem estimulado os meus alunos a contar seus saberes, ajudando a criar conexões com aquilo que eles estão aprendendo. Isso contribui para torná-los sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem. É gratificante!

Finalizo este relato afirmando que, para mim, o estágio de docência em Etnoecologia cumpriu suas funções de formação de um professor, seja em nível universitário ou outro nível de ensino, por meio do planejamento, das avaliações e das aulas ministradas. Foi um momento muito proveitoso, que me apresentou novas metodologias e posturas junto aos educandos e me ensinou a necessidade de incluir suas cosmovisões e estabelecer uma abordagem mais dialógica e interativa em sala de aula, habilidades essas que eu já pude incluir em minha prática docente na educação básica.

ETNOCIÊNCIA COMO OPÇÃO PEDAGÓGICA E CIENTÍFICA

HENRIQUE FERNANDES DE MAGALHÃES¹²

Etnociência e educação

Segundo a prática pedagógica “convencional” (ou arcaica, eu diria), o professor é o único e pleno detentor do saber. Tal concepção, no entanto, não leva em consideração a diversidade cultural presente nas salas de aula, instaurada por meio dos estudantes. De fato, não é difícil evidenciar que o ensino de ciências no Brasil, ao longo dos anos, não vem estimulando o intercâmbio entre outras possibilidades de relacionamento com o mundo, ou seja, entre diferentes culturas. Isso é particularmente preocupante se considerarmos que, nos espaços de salas de aula, a diversidade cultural pode ser inferida, ao menos, por dois caminhos, conforme ressaltou Cobern (1996): pela cultura da ciência, representada por professores e recursos didáticos; e pela cultura dos estudantes, oriunda de seus diferentes contextos sociais.

Por outro lado, inúmeras evidências empíricas têm apontado que o estudante – seja oriundo da educação básica ou do ensino superior – é detentor de uma grande gama de saberes, muitas vezes subvalorizados no âmbito escolar e acadêmico. A nossa prática docente evidencia, conforme

12 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Doutorado no PPG Etnobiologia e Conservação da Natureza (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque (UFPE).

as palavras de Baptista (2010), que a diversidade de culturas presente nas salas de aula é uma valiosa ferramenta para o ensino de ciências, a partir do estabelecimento de relações de semelhanças e/ou de diferenças entre os conteúdos abordados e os conhecimentos dos estudantes, advindos de diferentes universos culturais. Mas, para que isso se concretize, os professores devem se propor a investigar e compreender os saberes que os discentes trazem consigo para as salas de aula (Baptista 2007). Dentro dessa proposta, acredito baseado na minha experiência pessoal, que a Etnobiologia – como uma ciência que estuda as complexas relações existentes entre seres vivos e sistemas culturais (Posey 1986) – constitui a ponte para uma excelente ferramenta pedagógica.

Partindo das premissas até aqui expostas, pretendo expor neste relato algumas de minhas reflexões teóricas, produto de minhas vivências docentes na Etnobiologia e em áreas correlatas (a exemplo da Ecologia Humana), destacando minha experiência pessoal com a disciplina de Etnoecologia – que há mais de 20 anos vem sendo ministrada em nível de graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) – com enfoque às motivações que me levaram a buscar maior contato com essa disciplina e à minha visão global a seu respeito. A partir dessa abordagem, busco elucidar como as Etnociências podem contribuir, do meu ponto de vista, para a formação docente em ciências, trazendo um olhar mais sensível à diversidade cultural presente em sala de aula. Espero que as explanações aqui apresentadas sirvam como embasamento nesse sentido.

Etnobiologia como prática docente: uma breve experiência pessoal

Como tudo começou?

Meu primeiro contato com a Etnobiologia foi em 2003, quando eu cursava o quarto semestre da graduação em Ciências Biológicas, na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Na época, eu realizava estágio voluntário no Laboratório de Entomologia (LENT) e me interessei – ou, no mínimo, fiquei curioso – pela proposta de um curso intitulado “Introdução à Etnoentomologia”, ofertado pelo professor Eraldo Medeiros Costa Neto. Eu participei do curso, e, a partir de então,

a Etnobiologia passou a fazer parte de toda a minha formação e prática acadêmico-científica.

Anos depois, em 2017, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza, da UFRPE, como doutorando. Dessa forma, hoje, passados tantos anos, eu diria que a Etnobiologia me escolheu antes mesmo que eu optasse por ela. Gosto de pensar como a professora Geilsa Baptista, que afirma que, no ensino de ciências, a Etnobiologia é um caminho importante para uma formação docente culturalmente sensível, uma vez que considera os conhecimentos locais dos discentes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (Baptista 2007, 2012; Baptista & Araújo 2018). É exatamente a partir desse diálogo de saberes entre pessoas inseridas em diferentes contextos socioculturais que ocorre a reflexão crítica e a ação dos sujeitos envolvidos (Freire 1987).

No decorrer do meu doutorado, tive a oportunidade não somente de revisar tudo o que eu já havia aprendido em termos de Etnobiologia, mas, também, de me aprofundar em abordagens que até então desconhecia (ou conhecia muito superficialmente). Grande parte desse aprofundamento ocorreu por meio da minha experiência docente na disciplina de Etnoecologia, realizada como parte do estágio de docência II, um dos pré-requisitos obrigatórios da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES). A seguir, descrevo um pouco dessa minha vivência na disciplina e do legado das Etnociências ao longo da minha trajetória educacional e científica.

Experiência com a disciplina de etnoecologia

A opção pela disciplina Etnoecologia se deu naturalmente, uma vez que eu já estava completamente sensibilizado pela proposta dessa área de estudo. O fato de eu, naquele momento, estar inserido em um Programa de Pós-Graduação – nível doutorado – focado diretamente na Etnobiologia, potencializou ainda mais essa afinidade e, conseqüentemente, a minha escolha pela disciplina em questão. Eu esperava encontrar uma disciplina que evidenciasse e aumentasse minha convicção de que a Etnobiologia poderia atuar como uma importante ferramenta na formação de professores e de cientistas (ou de “professores-cientistas”). E foi exatamente o que eu encontrei.

Desde o início, as aulas eram precedidas de reuniões de planejamento, nas quais algumas informações acerca do cronograma do semestre e da disciplina, bem como das atividades a serem desenvolvidas em sala de aula e da linha metodológica a ser adotada, eram passadas. Logo percebi que o enfoque seria mais didático-pedagógico mesmo, visando formar educadores e considerando sempre o papel das Etnociências nesse processo. Não faria sentido algum aprofundar os conteúdos da disciplina de forma desconexa da realidade dos discentes, até porque se tratava de uma turma de graduação, com um grupo de discentes cuja formação pedagógica e científica ainda estava acontecendo.

A comunicação entre nós, estagiários, e o professor responsável pela disciplina era constante, seja por mídias sociais ou por contatos pessoais. Creio que o sucesso da disciplina se deu muito graças a essa interação, sempre alimentada com muito diálogo, trocas de experiências e trabalho. Em sala de aula, essa relação também ocorria com os discentes. Concordo com – e sempre busco por em prática – o pensamento de Mortimer (2002), de que a relação de diálogo no ensino de ciências deve acontecer por meio de uma comunicação simétrica acerca dos conteúdos a serem abordados em sala de aula. Dessa forma, as oportunidades para a exposição das ideias e dos argumentos devem acontecer de maneira democrática, sempre considerando os diferentes universos culturais dos alunos.

Na disciplina Etnoecologia, logo percebi o quanto o pluralismo epistemológico era enfatizado – e adotado – em sala de aula (ou até mesmo em espaços não formais) em detrimento do cientificismo, o qual tende a não reconhecer e aceitar o valor de outras formas de conhecimento que se não se enquadrem no pensamento científico ocidental (Cobern & Loving 2001). Essa vivência me permitiu reforçar a crença pessoal de que o ensino de ciências precisa decorrer dos interesses dos próprios sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, a fim de que as suas concepções científicas sejam enriquecidas. Por essa razão, sempre busquei, durante o estágio de docência, atuar no sentido de instigar os estudantes a discutirem cientificamente as questões que eram propostas em sala de aula, a fim de que algumas de suas concepções fundamentadas em seu universo cultural fossem também questionadas. Apesar de essa missão ter me soado desafiadora desde o princípio, creio ter sido bem-sucedido, especialmente nos momentos em que os discentes apresentavam seminários.

Por fim, posso dizer que aprendi, com a disciplina de Etnoecologia, que a criatividade pode ser uma excelente ferramenta didática a ser utilizada para melhorar as aulas e tornar os encontros mais atraentes e instigantes. Reafirmo, ainda, o meu desejo de continuar a contribuir com as Etnociências ao longo de minha trajetória docente e científica, sempre com uma prática alicerçada na riqueza das trocas de experiências entre sujeitos amalgamados por seus diferentes contextos culturais. Encerro aqui o meu relato, fazendo minhas as sábias palavras de um grande comunicador científico do mundo contemporâneo, o biólogo Edward O. Wilson: “O ingrediente básico para o amor ao estudo é o mesmo do amor romântico, ou do amor pelo país, ou por Deus: a paixão por um determinado assunto” (Wilson 2008, p. 145).

Referências

- Baptista G.C.S. 2007. A contribuição da Etnobiologia para o ensino e a aprendizagem de Ciências: estudo de caso em uma escola pública do Estado da Bahia. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências), Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana, Salvador.
- Baptista GCS. 2010. Importância da demarcação de saberes no ensino de Ciências para sociedades tradicionais. *Ciência & Educação* 16: 679-694.
- Baptista GCS. 2012. A Etnobiologia e sua importância para a formação do professor de ciências sensível à diversidade cultural: indícios de mudanças das concepções de professoras de biologia do Estado da Bahia. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências), Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana Salvador.
- Baptista GCS, Araújo GM. 2018. Práticas etnobiológicas para o desenvolvimento da competência intercultural na formação do professor de biologia. *Gaia Scientia* 12: 76-88.
- Cobern WW. 1996. Constructivism and non-western science education research. *International Journal of Science Education* 4: 287-302.
- Cobern WW, Loving CC. 2001. Defining science in a multicultural world: implications for science education. *Science Education* 85: 50-67.

- Freire P. 1987. *Pedagogia do oprimido*. 17º. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Mortimer EF. 2002. Uma agenda para a pesquisa em educação em ciências. *Revista Brasileira em Educação em Ciências* 1: 25-35.
- Posey DA. 1986. Introdução – Etnobiologia: teoria e prática. In: Ribeiro B. (eds.). *Suma Etnológica Brasileira. Série 1: Etnobiologia*. Petrópolis, Vozes p. 15-25.
- Wilson, EO. 2008. *A criação: como salvar a vida na Terra*. São Paulo, Companhia das Letras.

ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM ETNOECOLOGIA: CONTRIBUIÇÕES PARA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

MARIANA CAVALCANTI GOMES DA SILVA¹³

Escrever sobre minhas experiências do estágio de docência na disciplina de Etnoecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco trouxe de volta diversas memórias de uma das épocas mais importantes da minha formação acadêmica. Ao longo dos seis anos de pós-graduação, entre o mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais da UFRPE, cursei essa disciplina três vezes. Na época, muitos colegas me perguntavam: *“Mariana, por que você não realiza o estágio de docência do doutorado em outra disciplina? Já que você já cursou o estágio na disciplina de Etnoecologia no mestrado?”* A resposta para mim sempre foi muito clara! Compartilharei com vocês nas próximas páginas os principais motivos dessa minha escolha e alguns acontecimentos que me marcaram e contribuíram para formar a profissional que sou hoje.

O caminho até chegar ao estágio de docência

Minha relação com a Etnobotânica e Etnoecologia iniciou-se desde os primeiros períodos da graduação em Bacharelado em Ciências

13 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Mestrado e o Doutorado no PPG Ciências Florestais (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Angelo Giuseppe Chaves Alves (UFRPE).

Biológicas pela UFRPE. Me encantei com os estudos relacionados após assistir algumas palestras no Congresso Nacional de Botânica de 2007 em São Paulo (SP). Ao retornar para a Universidade em Recife, após alguns dias de congresso, fiquei refletindo sobre todo aquele conhecimento que tinha sido compartilhado nas discussões. Após alguns meses conversei com professor Ulysses Paulino de Albuquerque, coordenador do então Laboratório de Etnobotânica Aplicada (LEA) da UFRPE, na tentativa de integrar o referido laboratório. Infelizmente não tinha espaço para mais uma estagiária, então ele, acertadamente, me direcionou a entrar em contato com a professora Laíse de Holanda Cavalcanti Andrade coordenadora do Laboratório de Etnobotânica e Botânica Aplicada (LEBA) da Universidade Federal de Pernambuco. E assim, em meados de 2008, começou efetivamente minha história com as etnociências, tendo a professora Laíse Andrade como orientadora durante uma parte da minha graduação, inclusive orientando minha monografia de conclusão de curso.

Logo nas primeiras semanas de estágio, a professora me ofereceu diversos textos e artigos científicos que abordavam a relação entre humanos e plantas, e, ao iniciar as leituras dei os primeiros passos nos estudos desta área de conhecimento tão vasta e diversa. Após esta ambientação fui direcionada a acompanhar a pesquisa de dissertação de uma colega de laboratório. Nesta etapa do estágio fui diversas vezes a campo e hoje, rememorando esta fase, percebo a importância das inúmeras idas à Reserva Biológica de Salinho, localizada em Tamandaré (PE). O contato direto com os pescadores me permitiu realizar reflexões sobre questões relacionadas ao “fazer ciência”. Durante as leituras iniciais, indicadas por minha orientadora, passei por uma fase de “estranhamento”. Contudo, a cada texto lido minha percepção sobre as diversas possibilidades do fazer ciência se expandia e percebi, na prática, quando fui a campo, que não precisávamos necessariamente estar dentro da Universidade para tal.

Por questões logísticas e com muito pesar tive que interromper meu estágio com a professora Laíse Andrade na UFPE, e, por consequência, não pude dar continuidade ao projeto que tinha acabado iniciar. Recordo que fiquei decepcionada quando tive que tomar esta decisão. Contudo, as reflexões realizadas nos primeiros meses de estágio foram muito importantes para minha decisão de retornar às pesquisas etnobotânicas alguns anos mais tarde. Restando um ano para a conclusão do curso de

graduação, meus horários estavam mais flexíveis e assim, procurei a professora Laíse Andrade, que prontamente aceitou me orientar na monografia de conclusão de curso! Retomamos o projeto que tinha sido interrompido alguns anos antes com os *erveiros* dos mercados públicos do Recife.

Defendi minha monografia no final do primeiro semestre de 2011 e, até então, não tinha interesse em cursar o mestrado, diferentemente de diversos colegas de turma na época. Preferi aceitar um convite para trabalhar no Instituto Filadélfia, uma Organização Não-Governamental que direciona seus esforços em orientar crianças em situação de vulnerabilidade no Bairro do Bongi, Recife (PE). Foi uma experiência ímpar. Nos seis meses de contato intenso com as crianças, trabalhamos diversas questões relacionadas ao meio ambiente, como descarte do lixo, reutilização de produtos, desperdício de alimentos e fechamos o trabalho montando uma pequena horta no espaço. Mas vocês devem estar se perguntando... *Qual a relação do seu trabalho na ONG com a disciplina de Etnoecologia?* Foi durante este período, sem contato direto com a academia, que tive espaço para reflexões pessoais. Para mim, sempre foi muito difícil e complexo decidir qual caminho seguir. E este tempo foi fundamental para minhas escolhas.

Em meio as diversas experiências que obtive na graduação (sim, durante o período que não pude permanecer na UFPE com a professora Laíse Andrade, passei por diversas áreas das Ciências Biológicas), decidi seguir estudando, no mestrado, a etnoecologia/etnobotânica. E tive a sorte de escolher o professor Ângelo Giuseppe Chaves Alves como orientador. Em 2012 iniciei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais da UFRPE. No início do ano, meu orientador sugeriu que eu cursasse o estágio de docência na disciplina de Etnoecologia, que ele próprio ministrava, para o curso de graduação em Ciências Sociais. Sentindo a necessidade de aprofundar os conceitos básicos da disciplina, prontamente aceitei o convite.

A preparação para a disciplina

Comecei a me preparar para realizar o estágio de docência em Etnoecologia (disciplina então ministrada para o curso graduação em

Ciências Sociais) no final do primeiro semestre de 2012. Na ocasião soube que eu iria, realizar as atividades em dupla, pois uma colega pós-graduanda estava interessada em realizar esse estágio no mesmo semestre que eu. Assim, tivemos uma reunião com o professor orientador do estágio e, neste momento, conhecemos todos os textos que seriam trabalhados durante a disciplina Etnoecologia. Como primeira atividade, o professor orientador solicitou que preparássemos o cronograma das aulas. Textos, capítulos de livros, artigos científicos, reportagens, seminários, filmes, músicas... a diversidade de recursos metodológicos logo me chamou atenção. E como iríamos distribuir todos estes recursos ao longo do semestre? Após longas horas de discussão, elaboramos o cronograma procurando distribuir os seminários ao longo do semestre letivo.

Poucos dias após a reunião inicial recebemos outro desafio! O professor nos enviou um e-mail informando que seria ofertada uma segunda turma de Etnoecologia no semestre 2012-2. Uma turma específica para os alunos Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas, que cursavam Etnoecologia como disciplina optativa. Assim, eu e minha colega pós-graduanda tivemos que nos separar. Cada uma ficaria ligada diretamente a uma turma diferente. Contudo iríamos trabalhar de maneira associada. Então, readaptamos o cronograma já elaborado anteriormente para a turma do curso de Ciências Sociais e fizemos uma programação específica para a turma de Ciências Biológicas.

As aulas

Passada esta etapa inicial, de elaboração dos cronogramas e definição da turma pela qual cada uma ficaria responsável, foi o momento de efetivamente iniciar a disciplina! Eu fiquei ligada diretamente à turma de Ciências Biológicas. Logo no primeiro encontro, já fiquei totalmente encantada pela maneira com que o professor conduzia a aula e a turma. Lembro que o texto trabalhado nesta ocasião foi “Quando crescer, vou ser... Etnobiólogo” do Igor Waltz. Achei interessantíssima a opção do professor de iniciar as discussões a partir deste texto. Percebi que a forma como o autor aborda o assunto (com uma linguagem simples, como um tom de conversa) instigou a curiosidade dos estudantes e a discussão

foi muito proveitosa. Durante essa aula, permaneci em silêncio, apenas observando e anotando pontos importantes da conversa.

Logo na segunda semana da disciplina fiquei responsável por conduzir a aula! Foi um desafio e tanto para mim. Fui orientada a explorar, ao longo de dois encontros, o texto de Alves e Souto (2010) que tinha por objetivo aprofundar as questões sobre o que é a Etnoecologia. Sem praticamente nenhuma experiência docente anterior, me recorro perfeitamente do nervosismo que estava sentindo quando entrei em sala. O “frio na barriga” durou praticamente todo o tempo que estive à frente da aula. E o fato de o professor orientador estar presente na sala só fez este sentimento aumentar! Entre a aula expositiva e as discussões, decidi trabalhar as relações cronológicas do surgimento dos diferentes conceitos das Etnociências e como estes conceitos foram se adaptando ao longo do tempo. Confesso que fiquei um pouco decepcionada com o meu desempenho naquele momento. O que tinha planejado para trabalhar em duas horas se transformou em 45 minutos. Após minha primeira participação efetiva nas aulas, o professor interveio e deu continuidade às discussões planejadas para aquele momento.

Durante toda a disciplina ainda estive à frente da aula durante outros três momentos, guiando as discussões. E a cada aula ministrada (sempre com o professor orientador presente na sala) me sentia cada vez mais confiante. Quando converso com colegas a respeito de estágios de docência sempre pontuo a questão que considero primordial para meu crescimento profissional durante aqueles meses. O feedback! Me recorro que ao final de todas as aulas que ministrava me reunia com o professor orientador para discutir os pontos positivos e negativos do meu desempenho em sala. Nossa, como esse momento era enriquecedor!! Eu não nego e sempre comentei com o professor Ângelo Alves que sou encantada com sua habilidade em guiar as discussões em sala de aula e um ponto que sempre falávamos era a respeito sua aptidão em realizar os “links” e pontes entre os assuntos debatidos durante as aulas e as falas dos estudantes. Esse foi um tema discutido demasiadamente durante todos os seis anos que estive sob sua orientação. E hoje em dia, como professora substituta do Instituto Federal de Pernambuco, procuro sempre guiar minhas aulas dessa forma, me espelhando na metodologia de ensino aplicada por esse professor por quem nutro tamanha admiração, apreço e profunda gratidão.

As atividades

Conforme já comentado aqui, a construção do cronograma da disciplina aconteceu de forma coletiva, com o professor indicando uma lista de textos base, artigos científicos, capítulos de livros e filmes e nós (eu e minha colega de estágio) estabelecendo as datas das atividades que seriam realizadas ao longo do semestre. Um ponto que sempre recorro e me baseio no momento de realizar a elaboração dos cronogramas das minhas disciplinas atualmente é em relação aos seminários. Por indicação do professor orientador esta atividade deveria ser diluída, espaçada durante todo o semestre. Considerei esta experiência bastante proveitosa e rica. A cada aula apenas um grupo se apresentava e, por consequência, as discussões eram mais completas e complexas, com o professor sempre estimulando a participação de toda a turma nesses momentos.

Outro ponto que acho interessante destacar aqui é em relação as sugestões para a preparação e apresentação desta atividade pelos alunos. Logo nas primeiras semanas do semestre letivo o professor apresentou uma lista contendo 11 sugestões a serem seguidas. Listarei aqui algumas para conhecimento:

- 2. Apresentar informações sobre o(s) autor(es) do texto indicado (procurar no Google, Plataforma Lattes e outras fontes). Trazer também informações sobre o veículo de imprensa (livro, periódico, etc.) onde foi publicado o texto.*
- 4. Trazer um roteiro impresso da apresentação (de uma página apenas) para entregar cópias à plateia.*
- 5. Incentivar participação da plateia durante a apresentação.*
- 6. Demonstrar integração interna entre os membros do grupo: evitar que cada apresentador enfatize somente aquela “parte” do texto que estiver sob responsabilidade individual; ao invés de enfatizar a divisão dos assuntos, deve-se mostrar claramente as relações entre as partes do texto.*

8. Escolher uma definição de Etnoecologia no texto de ALVES & SOUTO (2010) e relacionar essa definição com o conteúdo do texto do seminário.

9. Apresentar para a plateia alguma obra de arte (poesia, música, pintura, fotografia artística, vídeo, etc.) que se relacione com o tema do seminário.

Na época fiquei impressionada com tamanho cuidado para com esta atividade, e só posteriormente, no decorrer das semanas, ao longo das apresentações, compreendi o real motivo. A impressão que tive no fechamento do semestre foi de que o “ápice” da disciplina ocorria nos dias das apresentações dos seminários. Os textos foram cuidadosamente escolhidos para serem relacionados com os assuntos vistos nas aulas “fechando com chave de ouro” cada tema abordado.

Outra atividade interessantíssima sugerida pelo professor era a de relacionar textos acadêmicos com filmes. Isso estimulava os estudantes a desenvolver, aplicar e fixar as ideias discutidas em sala. No referido semestre o filme escolhido foi “The Hunter”, dirigido por Daniel Nettheim. O filme foi exibido em sala de aula e, logo após, os estudantes foram direcionados a responder um exercício no qual os conceitos trabalhados no texto de Diegues (2001) a respeito da Biologia da Conservação, Etnoconservação e Ecologia Profunda foram destacados, evidenciados e correlacionados.

A forma avaliativa da disciplina também merece ser mencionada. Considero que a avaliação ocorreu de forma processual, na qual o professor orientador do estágio levou em consideração a participação em sala de aula, realização das atividades e apresentação dos seminários.

Para finalizar: As Ciências Sociais e Biológicas

Ao realizar a seleção para o doutorado em Ciências Florestais da UFRPE, permaneci com o mesmo comitê de orientação, porém, na época da minha defesa de mestrado e seleção para o doutorado, meu orientador estava no exterior, realizando um estágio pós-doutoral. Como ele só retornou ao Brasil no mês de setembro e eu precisei realizar o estágio de docência I no doutorado, sugeri estagiar novamente na disciplina de

Etnoecologia. Contudo desta vez a experiência foi no curso de graduação em Ciências Sociais. E, de quebra, fiquei responsável por guiar a turma nas primeiras semanas de aula. Confesso que fiquei bem apreensiva por conta desta responsabilidade.

Apesar da disciplina ser a mesma, estava sendo orientada a readaptar a forma de abordagem. Novos textos, novas discussões. Estas questões me estimularam a me preparar com mais entusiasmo do que a dois anos atrás, na minha primeira experiência.

Logo no primeiro encontro já senti a diferença. Não apenas porque eu estava guiando a aula, mais ainda por conta do perfil dos estudantes que compunham a turma! Este novo olhar para a mesma disciplina só reforçou a ideia que vinha nutrindo ao longo daqueles anos: a disciplina de Etnoecologia deveria estar presente em outros cursos de graduação, e não apenas nas Ciências Biológicas. Seus ensinamentos e discussões levam os estudantes a refletir e valorizar as diversas formas de conhecimentos e saberes, inclusive durante a formação em Ciências Sociais (ver, por exemplo, Diegues 2001b).

Cursar o estágio de docência na disciplina de Etnoecologia em diferentes fases da minha trajetória acadêmica e com olhares distintos reforçou ainda mais a ideia de interdisciplinaridade dentro das Etnociências.

Agradeço profundamente confiança do meu orientador de estágio e de pós-graduação! Levo sempre comigo os inúmeros ensinamentos adquiridos ao longo dos meses de estágio e dos anos de convivência. Com toda certeza eles foram essenciais para minha formação e prática profissional. Obrigada!

Referências

Alves AGC, Souto FJB. 2010. Etnoecologia ou etnoecologias? encarando a diversidade conceitual. In: Alves AGC; Souto FJB.; Peroni N. (eds.) Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação. Recife, NUPEEA.

Diegues AC. 2001a. A Construção de uma nova ciência da conservação nos trópicos. São Paulo, NUPAUB-USP.

Diegues AC. 2001b. O papel das ciências sociais na análise das questões ambientais e a globalização. In: Diegues AC (ed.). Ecologia humana e planejamento costeiro. 2º. ed. São Paulo, NUPAUB-USP. p. 21-37.

DRAMA ETNOBIOLÓGICO

DANIEL CARVALHO PIRES DE SOUSA¹⁴

Sou Daniel Carvalho e realizei o estágio de docência na disciplina de Etnoecologia em 2015, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob a supervisão do Professor Ângelo Giuseppe Chaves Alves. Na ocasião, estava cursando mestrado em Botânica na mesma universidade com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que exigia, naquela época, que seus bolsistas vivenciassem, pelo menos uma vez, a experiência de acompanhar um professor em uma disciplina de graduação (e com toda a razão). Como já havia cursado essa disciplina durante minha formação como professor de Biologia e estava praticamente ciente da paixão que iria desenvolver pela Etnobiologia, não tive dúvidas do estágio de docência que queria fazer. Foi uma experiência bastante agradável, principalmente por ter me proporcionado uma melhor compreensão sobre o que é e como ensinar Etnoecologia, mas também pela oportunidade de acompanhar um professor (e pessoa) excelente e pelo desafio de ministrar aulas para uma turma de graduação. Participar como estagiário dessa disciplina constituiu um dos importantes degraus do meu percurso pela Etnobiologia (o qual continuo a trilhar). A seguir, tentarei contar um pouco sobre minha trajetória como aspirante a etnobiólogo.

14 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Mestrado no PPG Botânica (UFRPE), sob orientação do Prof. Dr. Júlio Marcelino Monteiro (UFPI).

“Ethno what?”¹⁵

Meu primeiro contato com a Etnobiologia foi em 2011, em uma disciplina de graduação de Sistemática em Fanerógamas, ainda no início do curso. Naquela época, o professor responsável era Ulysses Paulino de Albuquerque (carinhosamente, UPA), líder do então Laboratório de Etnobotânica Aplicada (LEA). Atualmente, UPA é orientador de meu doutorado, e o laboratório mudou de nome para Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos, preservando a sigla LEA. Naquele tempo, sabia que Etnobiologia era uma mistura dos estudos de Biologia e Antropologia, mas a minha profundidade do meu conhecimento sobre o assunto terminava nessa frase. Sempre tive muito interesse no estudo das sociedades, de suas culturas e de sua relação com o ambiente (uma de minhas professoras do ensino médio falava que eu era o aluno de “saúde” mais “humanas” que ela tinha), e a faculdade de Biologia me permitiu redescobrir uma paixão pelo estudo da vida e da evolução. Então, após passar pela experiência de atuar nos laboratórios de Fisiologia e Herborização Vegetal, o LEA me pareceu um ótimo lugar para um estágio de iniciação científica na graduação.

Depois de uma conversa com UPA, fui convidado para participar do laboratório. Foi então que comecei a ler os primeiros clássicos sobre a “etno” (a exemplo de Eugene Hunn, Fikret Berkes e Darrell Posey), conhecendo conceitos-chave como conhecimento ecológico local e sistemas socioecológicos e me apropriando dos trabalhos e das hipóteses do meu grupo de pesquisa sobre Etnobotânica e Ecologia. O LEA sempre incentivou a prática de apresentações, seminários e discussões acerca de literaturas científicas, visando ao livre pensamento de ideias. Posso dizer, assim, que tive o privilégio de iniciar minha carreira científica em um grupo de pesquisa que não só é produtivo naquilo que faz – literatura etnobiológica de qualidade – como também se preocupa com a formação de cientistas independentes para “espalhar a palavra da ‘etno’”.

15 “Ethno what?” Terminological problems in ethnosciences with a special emphasis on the Brazilian context. In: Recent developments and case studies in Ethnobotany. SBEE-NUPEEA, Recife, p. 67-79.

Um ano e meio mais tarde, no sexto período da graduação, dei mais um passo na expansão de meus conhecimentos sobre a Etnobiologia. Na grade do curso, havia uma disciplina eletiva chamada Etnoecologia, na qual, logicamente, não pensei duas vezes em me matricular. Ao cursar a disciplina, também ministrada pelo professor Ângelo, tive outra visão dos estudos sobre o conhecimento das sociedades tradicionais a partir de uma abordagem bastante construtivista do desenvolvimento dos conteúdos em sala de aula. Foi a primeira vez que tive contato com conceitos socioculturais importantes relacionados a sociedades tradicionais, como êmico, ético, *corpus*, *cosmos* e *práxis*. Essa noção da perspectiva do pesquisador e de que o conhecimento local se apresenta nessas várias dimensões foi uma grande revelação “etnobiológica” para mim na época. Até hoje, esses conceitos fundamentam minha forma de pensar a Etnobiologia.

O estágio de docência em Etnoecologia

Iniciei o estágio de docência em 2015, quase dois anos depois da matrícula no mestrado. Com um pouco mais de entendimento sobre a “etno”, considerava meu estudo como de Etnobotânica moderna e objetiva, já que utilizava o cenário teórico atual da Psicologia Cognitiva na época e a lógica hipotético-dedutiva¹⁶. Eu entendia que isso podia fazer parte do grande ramo da Etnobiologia. Porém, ao iniciar minha preparação para o estágio de docência, me deparei com um problema: quais eram as diferenças entre Etnoecologia e Etnobiologia? Essa questão “forçou” uma imersão maior na epistemologia dessas duas ciências, visto que eu tinha um desafio de ensinar para uma turma de graduação o que era Etnoecologia. Afinal, seria um tipo de pergunta que eu provavelmente faria para mim mesmo durante a aula. Para mim, entender os limites da Etnoecologia como uma disciplina científica diferente da Etnobiologia foi (e provavelmente continuará sendo) uma tarefa complexa, até mesmo porque distinguir as duas matérias exige uma discussão em nível epistemológico. Enquanto alguns acreditam que a Etnoecologia pode ser considerada semelhante à Etnobiologia, justamente

16 Caso tenha curiosidade sobre o assunto, ver Sousa et al. (2016) Information retrieval during free listing is biased by memory: evidence from medicinal plants. PLoS ONE 11. doi:10.1371/journal.pone.0165838.

por envolver as mesmas questões teóricas e metodológicas, outros entendem que a Etnobiologia, junto com outras “etnos” que estudam o comportamento das pessoas ante a natureza, faz parte do grande ramo da Etnoecologia¹⁷. Essa aparente “confusão” conceitual foi muito importante para meu enriquecimento sobre as diversas formas de pensar o campo das Etnociências como um todo.

Das aulas

Acho que esse foi um dos períodos mais intensos de meu mestrado. Confesso que não lembrei que a CAPES exigia que seus bolsistas cursassem estágio de docência, de modo que tive de me matricular nessa disciplina no último semestre do curso. Ou seja, no período mais tenso do curso, em que estava finalizando as coletas de dados e a escrita do Seminário B (última avaliação antes da defesa), preocupado com a análise e discussão dos resultados obtidos e fechando os prazos administrativos da defesa. O estágio de docência seria só um fator a mais para intensificar minha gastrite e as noites não dormidas. E, logicamente, como queria muito aproveitar a experiência com intensidade, busquei me esforçar tanto no desenvolvimento das etapas de didática quanto nas discussões incentivadas em sala de aula. Apesar de todos esses processos, consegui acompanhar quase todas as aulas da disciplina (precisei viajar a campo pelo menos uma vez nesse período) e conduzir os encontros em quatro oportunidades. Esses momentos foram bons para o meu aprendizado científico, pois pude praticar outras habilidades importantes que o ato de ensinar envolve.

A ementa da disciplina na época era composta dos seguintes temas: “definição, histórico e delimitação do âmbito da etnoecologia, bases epistemológicas da etnoecologia, noções de ecologia e recursos naturais, metodologia da pesquisa etnoecológica e implicações sociais da etnoecologia”. Naturalmente, como os primeiros assuntos previam o aprofundamento das questões sobre o que é Etnoecologia, comecei a estudar as particularidades

17 Esse tema, bem mais complicado, é desenvolvido de forma detalhada por Alves & Albuquerque (2014) em *Etnobiologia ou Etnoecologia?* In: Albuquerque UP, Alves RRN. 2016. *Introdução à Etnobiologia*. Recife, NUPEEA. p. 29-33. Caso interesse sobre essa polêmica discussão, sugiro a leitura complementar dessa obra.

dessa disciplina e, por comparação, acabei aprimorando meus conhecimentos sobre a Etnobiologia. Na aula, o professor responsável pela disciplina trabalhou as relações históricas por trás do surgimento dos diferentes conceitos das Etnociências, mostrando como, no decorrer do tempo, essas disciplinas foram se adaptando aos contextos de cada época. Os conceitos trabalhados eram sempre orientados à construção do conhecimento com base em diálogos e avaliações constantes. Com essa experiência, fui percebendo aos poucos a sutil diferença entre aquela “etno” que estava sendo treinado a realizar na academia e no LEA e a outra “etno” que estava agora aprendendo como aluno estagiário de docência em Etnoecologia. E isso ampliou minha percepção de como a Etnobiologia pode ser explorada.

Êmico e ético

Talvez seja importante mencionar que, aqui, começo a falar sobre minhas interpretações e conclusões das aulas e dinâmicas realizadas pelo professor responsável pela disciplina de Etnoecologia e sobre como elas formaram minha base crítica acerca do conhecimento ecológico local. Por isso, não necessariamente o que relato como aprendido por essa experiência esteja de acordo com os objetivos de aprendizado que o próprio professor tinha quando ministrava suas aulas naquele momento; embora eu acredite não ter desviado muito do foco central das discussões, acho prudente fazer essa ressalva. Por esta razão, julguei conveniente o título desta parte do texto: tanto por minha interpretação pessoal da Etnoecologia quanto por ser um dos conceitos-chave trabalhados em sala de aula.

O que aprendi no estágio de docência foi uma Etnoecologia mais próxima dos saberes locais, que considerava fortemente os aspectos históricos, sociais, antropológicos e políticos de determinado grupo humano. Não que o conhecimento ecológico local não fosse caracterizado por meio dos usuais métodos de coleta de dados da Etnobiologia moderna, mas havia um foco muito importante sobre os aspectos socioculturais dos grupos humanos em estudo. Além de uma ampla discussão sobre todo o processo que envolve a interpretação ética do pesquisador ao analisar o conhecimento êmico do informante, a disciplina debateu amplamente a cosmologia, a cognição e a prática (ou cosmos, *corpus* e práxis) envolvidas

no local de estudo. Ser apresentado novamente a esses termos, já bastante discutidos pelas ciências sociais, foi para mim muito agregador. Saber que o conhecimento ecológico local é profundamente influenciado por essas e várias outras questões abriu minha percepção para diferentes possibilidades de fazer Etnobiologia.

Passsei a entender que a Etnoecologia poderia ser uma ciência que compartilha das mesmas questões que a Etnobiologia, mas, eventualmente, aquela apresenta, mais do que esta, um olhar mais aberto às relações socio-culturais que auxiliam na construção do conhecimento ecológico local. O conhecimento socioecológico, de definição compartilhada por essas duas disciplinas, é composto por informações que dependem de componentes biológicos e/ou ecológicos para ser desenvolvido¹⁸. Como uma informação sobre a forma de preparo de um remédio feito de planta medicinal poderia existir sem alguma unidade vegetal associada, por exemplo? Por outro lado, o conhecimento sociocultural não necessita de uma unidade biológica ou ecológica para compor uma informação, visto que permite abstrações resultantes da interação das pessoas vivendo em sociedade (a exemplo de modas, estilos musicais, moral, leis, normas e tabus). Então, passei a entender a Etnoecologia como a ciência que considera os fatores socioculturais ao estudar o conhecimento das pessoas sobre a natureza. Uma “etno” construtivista, por assim dizer, que investiga diversas instâncias institucionais e a visão histórica e contemporânea dos vários atores sociais poderia até ser uma boa maneira de descrevê-la a meu modo.

Experiência de docência

Durante o estágio de docência, fui responsável pelas atividades didáticas em sala de aula em algumas ocasiões. Para todas essas aulas, busquei elaborar um plano de aula, seguindo as regras da didática básica. Sempre em meio a um diálogo bastante aberto com o professor-orientador do estágio, decidíamos os temas e os tópicos a serem abordados em cada aula. Determinamos, então, que a primeira delas seria sobre o estudo das etnotaxonomias ou classificações *folk*. Como eu havia acompanhado quase

18 Por exemplo, uma planta, um animal ou uma relação ecológica.

todas as aulas anteriores da disciplina, já tinha certa intimidade recíproca com os alunos. “Um desafio a menos”, pensei na época. Acertei os assuntos com o professor e preparei as aulas segundo o plano que tinha feito. Vendo que os slides estavam ok, fui ensinar sobre etnotaxonomia em duas horas e dez minutos de aula programada.

O “ensino”, porém, só durou os quinze minutos de apresentação dos slides. Confesso que bateu um desespero quando estava chegando ao final da apresentação e ainda nem tinham se passado dez minutos do “bora começar?!”. Talvez, uma total inexperiência docente tenha contribuído para esse resultado, já que até aquele momento só havia realizado duas intervenções pedagógicas na vida (experiências obrigatórias dos últimos estágios supervisionados da graduação): uma delas consistira em um projeto de pesquisa de curta duração sobre a dieta dos alunos de uma turma do 5º ano do ensino fundamental, e a outra ocorrera durante três meses de aulas semanais de histologia para uma turma de 2º ano do ensino médio, ambas no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). “Zerado”, praticamente.

Contudo, consegui tirar pelo menos mais uma hora e meia de assuntos etnotaxonômicos da cartola antes de liberar mais cedo os alunos para suas respectivas casas. Lembro que, depois, ao relatar esse acontecimento para o professor responsável, ele considerou que talvez eu estivesse muito condicionado a realizar apresentações objetivas e curtas (como seminários de banca e eventos científicos) e que uma apresentação didática envolvia muitas outras habilidades de ensino na construção do conhecimento em sala de aula além de administrar o tempo máximo de apresentações orais. Era necessário problematizar e contextualizar situações que levassem ao entendimento do que se pretendia ensinar/aprender, ao invés de “depositar” o conhecimento nos alunos sem incitar o vantajoso debate conceitual. Ter uma noção dessa diferença foi importante para mim a tal ponto que me lembro dessa conversa até hoje.

A definição do segundo tema que iria apresentar aos alunos surgiu após uma conversa conjunta com o professor da disciplina e com outro docente que então ministrava aulas de Biologia da Conservação no mesmo Departamento de Biologia na UFRPE. Este professor comentou acerca de seu interesse para que nós apresentássemos algo sobre relações entre etnoecologia e conservação, e eu aceitei prontamente a sugestão. Elaborei, então,

um plano de aula que mostrasse como a Etnoecologia poderia auxiliar, na condição de ferramenta teórico-metodológica, a Biologia da Conservação, e os professores concordaram com quase tudo que eu tinha pensado. Essa aula foi significativamente melhor que a primeira. Dessa vez, durou mais de uma hora e meia e terminou com todos os assuntos bem debatidos com os alunos em sala de aula. Essa experiência foi tão agradável que ainda tive a oportunidade de corrigir um exercício com eles sobre o assunto em outra oportunidade.

A terceira aula ministrada partiu de uma sugestão minha ao professor responsável pela orientação do meu estágio de docência. Tive a ideia de ensinar desenho experimental para a graduação e até me lembro da irônica frase daquele que era meu orientador de mestrado ao me ver organizando os slides: “queria ver tu dando essa aula”. Revendo agora meus slides daquele tempo, percebo que eu praticamente revisei a estrutura básica de um artigo científico e apresentei meu “Seminário B” para os alunos, objetivando a explicação do método hipotético-dedutivo. Essa aula, que durou um pouco mais do que a primeira, refletia o momento que eu estava vivendo na academia e me lembrou das considerações do professor responsável pela disciplina sobre as habilidades necessárias para o ensino. Recordo que esse episódico rendeu bons debates sobre como planejar uma pesquisa etnoecológica.

A quarta e última experiência de docência não envolveu uma aula convencional, mas outro tipo de intervenção didática, partindo de uma ideia também bastante dialogada com o professor-orientador do estágio. O objetivo era que os alunos desenvolvessem um miniprojeto de pesquisa que buscasse responder à seguinte pergunta: “Tendo por base os seus conhecimentos sobre Etnoecologia, que atitude(s) deve um pesquisador tomar quando ele supuser que determinada população humana está exaurindo ou degradando os recursos naturais de um ambiente?”. A fim de auxiliar os alunos, projetei no quadro três temas-guias para iniciar os trabalhos: algumas técnicas de seleção dos participantes, análise de vegetação e coleta de dados etnoecológicos e um mapa da população humana hipotética. Essa aula também rendeu boas discussões sobre o conhecimento ecológico local e as relações socioecológicas.

O interesse emancipatório

Desde o período do estágio de docência até agora, defendi minha dissertação de mestrado, consegui publicar minha pesquisa na revista que eu almejava e, antes de me matricular no Programa de Pós-graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGEtno – UFRPE), em que estou cursando doutorado atualmente, fiz um ano de doutorado em Botânica pela mesma universidade¹⁹. Nesse meio-tempo, nunca deixei de estar em contato com as Etnociências, seja nas minhas leituras, seja nas minhas atividades de campo. Recentemente, minha última etapa acadêmica relacionada à Etnobiologia foi cursar a disciplina de Introdução à Etnobiologia, pelo PPGEtno, como parte dos requisitos obrigatórios para o meu doutorado. Cursar uma disciplina de Introdução à Etnobiologia depois de sete anos de atuação em Etnobiologia (eu era o estudante mais “velho” da “etno” dessa turma) permitiu que eu relese os clássicos fundadores e me reorientasse na metodologia e epistemologia dessa ciência, inclusive no que concerne ao avanço dos estudos sobre direitos dos povos locais e tradicionais. Foi muito enriquecedor cursar essa disciplina estando cientificamente mais “maduro”, com mais bagagem etnobiológica, e tendo como facilitador aquele mesmo professor que me tinha orientado no estágio de docência durante o mestrado. O interesse emancipatório, um dos conceitos trabalhados nessa disciplina, significa uma etapa “final” da maturidade científica: um momento em que o aluno deixa de ser apenas o orientando e passa a se preparar para orientar segundo suas próprias visões de como devem ser feitas as pesquisas.

Agora, em 2018, momento em que escrevo este relato para vocês (àqueles que se depararam, por algum motivo, com este capítulo deste livro), acredito que me encontro em uma etapa decisiva de minha carreira como pesquisador, porque decidi investir em Etnobiologia Cognitiva, que considero um ramo muito interessante da Etnobiologia. Sei que isso irá demandar (e já está demandando) tempo e disciplina – “Aproveite seu doutorado para ler”, me disse uma vez UPA. Aposto nessa escolha, porque

19 Um ano sem bolsa, difícil tanto pessoalmente quanto profissionalmente, que renderia outro capítulo.

acredito que ela pode auxiliar bastante na pesquisa que venho realizando hoje e em nosso entendimento sobre o conhecimento ecológico local, sua evolução e adaptação. Confesso que, como estudante, ainda me pergunto se um dia terei uma linha de investigação científica definida, se coordenarei um grupo de pesquisa, com uma competência similar à de meus orientadores e colegas...

Considerações finais

Cursar estágio de docência em Etnoecologia foi um desafio pessoal e profissional. Entender sobre o conhecimento ecológico local e suas relações com vários fatores, assim como entender as ferramentas para coletar dados etnobiológicos, não é uma tarefa fácil para alguém iniciante na área. Eu era um estudante de mestrado na “etno”. Então, para ensinar sobre ela, eu precisava aprender. Esse exercício da pedagogia foi ótimo para entender vários conceitos etnobiológicos e etnoecológicos e me fez perceber que a experiência pedagógica é importante para qualquer pessoa.

Sou grato pela oportunidade de participar da história dessa disciplina tão fundamental para formar futuros etnobiólogos e etnoecólogos. Agradeço ao professor-orientador do estágio, pessoa que merece todo o prestígio que possui, e aos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas que cursaram essa disciplina, pelas discussões e pelos questionamentos sempre interessantes relacionados à “etno”. Por fim, sugiro fortemente a prática do estágio de docência nessa disciplina, principalmente para aqueles alunos que pensam em seguir carreira na Etnobiologia ou em áreas afins.

RECORTES DE UM ESTÁGIO DE DOCÊNCIA

MARIANA GIRALDI²⁰

Reviver a experiência do estágio de docência trouxe-me diversas memórias e me conduziu a uma análise dos arquivos que ainda guardo daquele tempo. A pasta “Estágio de Docência” está dentro de outra, chamada “Disciplinas PPGB”, que, por sua vez, insere-se no arquivo “Mestrado em Botânica UFRPE”. Faço referência a isso, pois algo marcante ao longo do estágio foi, justamente, a organização do professor responsável pela condução dessa experiência, bem como a clareza e a minúcia na apresentação das informações sobre o que seria feito ao longo daquele primeiro semestre letivo de 2011. Com uma abordagem bastante metódica, assim como pastas dentro de outras pastas, o professor ia esclarecendo aos estudantes da disciplina de Etnoecologia e a nós, estagiários, o que se pretendia construir coletivamente ao longo das aulas, ministradas sempre nas terças e quartas-feiras, das 18h30min às 20h10min.

Recordando o estágio e revendo esses arquivos, o aspecto que mais me chamou a atenção foi a metodologia utilizada pelo professor. Quantas instruções! Quanta organização! Estive relendo os critérios avaliativos, as orientações para a realização de atividades, o cronograma, alguns e-mails daquela época, e, de fato, são de inspirar qualquer estagiário. Então, fui me lembrando da forma como as aulas eram conduzidas e me dei conta de que não poderia deixar de mencionar também os aspectos atitudinais do professor, pois sua maneira de ministrar as aulas era muito cativante. Ele tinha extrema habilidade em conduzir e instigar reflexões e, ao mesmo

20 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o mestrado no PPG Botânica (UFRPE), sob orientação da Dra. Natália Hanazaki (UFSC).

tempo, parecia estar curtindo muito fazer aquilo tudo, como se fosse uma grande diversão. E como não falar da fundamentação teórica? Além de textos excelentes, as aulas contavam com documentários, também, a exemplo de “Estamira”, que até hoje revejo de vez em quando. Quanta riqueza nas palavras daquela protagonista...

Diante de um cenário tão rico, decidi, então, relatar minha experiência de estágio de uma forma mais ampla, ressaltando aspectos atitudinais, metodológicos e conceituais. Vamos lá... Munidos de informações sobre a estrutura da disciplina, meu colega Rafael Silva e eu nos organizamos para participar do estágio em dupla. Para isso, recebemos diversos documentos: o plano de ensino, o cronograma de aulas, informações específicas sobre as atividades que seriam desenvolvidas, os textos principais e complementares, bem como orientações detalhadas quanto aos critérios de avaliação daqueles 33 estudantes do curso de graduação em Ciências Sociais que constavam no diário de classe (documento do qual nós, estagiários, também recebemos cópia). Além de todo o acervo de dados que nos foi disponibilizado, tivemos algumas reuniões antes do início das aulas. Uma delas ocorreu dentro de um centro comercial, em um café. Foi uma reunião descontraída, favorável ao desenvolvimento de um tipo de *rapport* que o professor-pesquisador estava estabelecendo conosco. Aquela figura docente representava para mim, além de um professor muito organizado, um pesquisador, curioso da vida, que gostava de observar, instigar a reflexão e realizar experiências, como a de se reunir em um café com seus estagiários. Entre um gole e outro, íamos “quebrando o gelo” e conversando sobre como seria a nossa participação ao longo do semestre.

Faço, aqui, uma pausa em meu relato para refletir sobre o período que antecede a sala de aula. Acho fundamental lançar um olhar especial para essa fase que integra o mosaico de momentos que há no estágio de docência. Como estagiários, muitas vezes pensamos que o objetivo do estágio é apenas ministrar uma quantidade “x” de horas-aula, aprender a falar em público, saber o conteúdo e avaliar a turma e acabamos esquecendo ou deixando em segundo plano a interação com o professor. Desconstruir essa ideia pode tornar o estágio mais proveitoso, tanto para o professor quanto para os estagiários. A partir do momento em que o professor compartilha as informações da disciplina e se dispõe a conhecer seus estagiários – saber quem são, como pensam e o que fazem da vida –, é estabelecido um campo

de aproximação que, se bem explorado, favorece sentimentos de parceria e de cumplicidade, influenciando positivamente a autoestima e segurança dos estagiários. Não digo que tais sentimentos não possam ser cultivados ao longo do processo, mas, se isso for feito no início, cria-se uma atmosfera muito favorável. No meu caso, era isso o que eu sentia, e o semestre letivo estava apenas começando.

Não me recordo exatamente do primeiro dia de aula. Tenho uma vaga lembrança do prédio, das escadas e da sala de aula. Sei que era 16 de março de 2011, pois tenho isso anotado nos meus registros. Cheguei antes do professor e fiquei esperando-o do lado de fora da sala. Apesar de falhas na minha memória, lembro bem quando o professor chegou, com seu chapéu estilo Indiana Jones e um jeitão desbravador de mundos, e tive de entrar na sala de aula com todos aqueles estudantes me olhando. Confesso que eu estava um pouco nervosa, mas a figura peculiar do professor deixava a atmosfera mais branda; afinal, ele chamava bem mais a atenção do que eu. Entrei, me acomodei e fiquei quietinha observando o que estava por vir. A pauta daquele dia era “simples”. Como acontece muitas vezes no início das disciplinas, o primeiro dia é destinado às apresentações, costumando transcorrer de forma bem tranquila. Nesse período, os alunos estão chegando das férias, o ano letivo está recomeçando, e a turma, entrando no ritmo... De fato, nesse dia foram feitas diversas apresentações – do professor, dos alunos, dos estagiários, do plano de ensino e do cronograma. Entretanto, penso que, na visão dos estudantes, não foi tão “simples”. Digo isso porque o cronograma estava tão bem sistematizado que a mensagem que se passava era do tipo: “bem, pessoal, as férias acabaram, agora mãos à obra”. Ficou bem claro que seria um semestre dinâmico, com aulas do tipo expositivo-dialogadas e com muitas atividades a serem realizadas. A proposta da disciplina era, sem dúvidas, um incentivo à aprendizagem ativa. Eu achei tão importante, no primeiro encontro com a turma, ter o plano de ensino e o cronograma bem organizados e explicados! Afinal, dizem que “o primeiro encontro a gente nunca esquece” e que “a primeira impressão é a que fica”. E a impressão que ficou para mim foi a de um professor que tinha planejado o semestre com muita dedicação e que esperava o mesmo da turma. Esse tipo de postura me ensinou algo que hoje, como professora, vivencio frequentemente na escola: os alunos percebem quando nos dedicamos ao preparo das aulas e costumam responder com o mesmo tipo

de atitude. Para finalizar aquela aula e deixar claro que seria um semestre dinâmico, foi solicitada (como tarefa de casa) a leitura de um texto para discussão na aula seguinte, intitulado “Quando crescer, vou ser etnobiólogo!” e publicado por Igor Waltz na revista *Ciência Hoje das Crianças*.

Logo percebi que a visão estrategista do professor não abarcava somente os discentes de graduação matriculados na disciplina de Etnoecologia, mas também nós, pós-graduandos estagiários. A aprendizagem ativa era para todos! Já na semana seguinte, meu colega de estágio ficou responsável pela apresentação do texto “Etnoecologia ou Etnoecologias? Encarando a diversidade conceitual”, que tinha como autor principal, justamente, o nosso professor-orientador daquele estágio de docência. Quanta responsabilidade! Eu estava relativamente aliviada por não ser eu a conduzir a reflexão do texto e também porque ainda faltava um mês para que eu entrasse em cena tendo de apresentar algum conteúdo. Mas, como éramos uma dupla de estagiários, tínhamos combinado que ambos deveríamos ler os textos e estar prontos para possíveis perguntas e intervenções em aula. Estava claro que eu não era apenas uma espectadora das atividades de estágio de meu colega Rafael e vice-versa. Isso me confortava. Afinal, “a união faz a força”, e, quando chegasse minha vez de conduzir uma atividade, eu poderia contar com sua ajuda. Além disso, éramos integrantes do mesmo grupo de pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Botânica e já tínhamos feito disciplinas juntos e saídas a campo para coletar informações etnobotânicas. Ou seja, havia certa familiaridade, o que era muito positivo.

Li o texto de Alves & Souto (2010) algumas vezes, fiz anotações e cheguei a montar um esquema em slides para estudo próprio (Figura 1). Eu já tinha uma quedinha pelo tema “metodologia”, mas acho que aquele estágio me instigou ainda mais e, na época, comecei a sistematizar minhas leituras nesse tipo de formato – as informações ficavam mais claras ao elaborar o esquema. Continuo, ainda hoje, fazendo isso de vez em quando; leva um pouco mais de tempo do que sublinhar partes importantes ou fazer anotações no corpo de um texto, mas, com o tempo, se ganha prática. Quando estou muito inspirada, faço esse tipo de exercício com meus alunos; eles reclamam um pouco no início, pois isso os tira da zona de conforto, mas, após três ou quatro tentativas, há uma nítida evolução.

Etnoecologia ou Etnoecologias?
Encarando a diversidade conceitual
Alves & Souto 2010

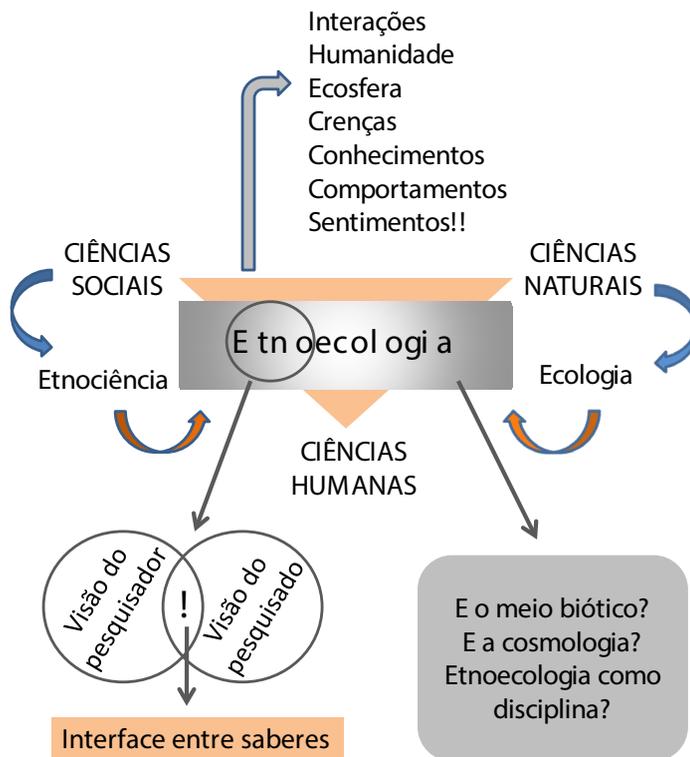


Figura 1. Minha representação esquemática do texto “Etnoecologia ou Etnoecologias? Encarando a diversidade conceitual”, da autoria de Alves & Souto (2010).

A leitura desse texto foi muito interessante e significativa para mim, especialmente dos tópicos “Diferentes sentidos para o prefixo ‘etno’ no âmbito das etnociências” e “Denominações para o conhecimento sobre o ambiente natural”. Na graduação, quando conheci a Etnobiologia e as Etnociências em geral, eu estava habituada a ouvir e utilizar os termos “conhecimentos tradicionais” e “conhecimentos científicos” sem grandes reflexões sobre o tema; era algo automático. Inclusive, o título de minha

monografia contém a palavra “tradicional” (“Uso e conhecimento tradicional de plantas medicinais no Sertão do Ribeirão, Florianópolis/SC, Brasil”), mas isso não significa que eu tenha assumido a visão deste ou daquele autor. Foi uma criação espontânea, talvez influenciada por tantos outros artigos que eu tinha lido e que iniciavam de modo semelhante. Foi durante o estágio de docência que comecei a refletir sobre o fato de eu e outros colegas da Etnoecologia e de áreas correlatas estarmos reproduzindo em nossas pesquisas (mesmo sem fazer isso propositalmente) uma visão das Etnociências que nos colocava em uma posição privilegiada com relação aos conhecimentos de outros grupos humanos – como se nós, acadêmicos, fôssemos a ciência e os pesquisados fossem a tradição; ou, em outras palavras, como se eles não fossem ciência e nós não fôssemos tradição. Vejam a que reflexão epistemológica interessante aquela leitura fluida e instigante estava me conduzindo...

Até aquele momento, eu reproduzia o vocábulo “tradicional” sem o arcabouço teórico que me estava sendo apresentado. A partir da leitura do texto de Alves & Souto (2010), eu comecei a olhar para o prefixo “etno” e os termos usados para adjetivar os conhecimentos pesquisados sob um novo prisma. Alguns trechos daquele capítulo foram especialmente importantes na gênese de uma nova forma de pensar e produzir meu discurso acadêmico. Passei a usar, ainda no mestrado, a expressão “conhecimentos locais sobre”, que passou a fazer mais sentido para mim desde então. Dois desses trechos problematizam, justamente, o uso dos termos “científico”, “local” e “acadêmico” nas pesquisas etnoecológicas. São eles:

“Os termos ‘ciência’ e ‘científico’ podem não ser completamente adequados para caracterizar o saber acadêmico e diferenciá-lo de outros saberes. Diversos autores consideram que populações iletradas também usam procedimentos científicos em sua experiência cotidiana com o meio natural”.

“Usa-se preferencialmente o termo ‘local’, em referência às populações pesquisadas em estudos etnoecológicos, e ‘formal’ e ‘acadêmico’ para referir-se aos pesquisadores treinados em instituições formais de ensino e pesquisa, por considerar-se estes mais adequados que outros como ‘indígena’, ‘tradicional’, ‘científico’ e ‘técnico’”.

Reparem na riqueza dessas frases! Uma das partes de que mais gosto é quando os autores escrevem “*pesquisadores treinados em instituições formais de ensino e pesquisa*”. Com essa colocação, passavam uma mensagem nas entrelinhas que eu achava estar entendendo bem. Pensava eu: “oras, não seriam as benzedadeiras, os extrativistas de pequi e as catadoras de aratu pesquisadores da vida? Não lidam eles, assim como nós, pesquisadores acadêmicos, com a observação de fenômenos, a realização de experimentos, a obtenção de resultados, a eliminação de hipóteses e a categorização? Fazem isso sem o tal do ‘treinamento’ acadêmico ao qual se referem Alves & Souto (2010), mas, sim, são pesquisadores do grupo dos ‘não treinados’”. Menino (se pronuncia ‘minínu’ em Recife): eu estava curtindo muito aquilo tudo, visse! Pense em uma leitura boa!

O texto “Etnoecologia ou Etnoecologias? Encarando a diversidade conceitual” era só o começo da nossa jornada, naquele primeiro semestre de 2011, junto a uma turma de graduandos do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)! Essa leitura e a respectiva discussão embasavam apenas um dos exercícios que compunham a primeira verificação avaliativa dos estudantes. O sistema de avaliação que o professor organizou para aquele semestre era formado por três partes, cada qual contendo atividades e pontuações muito bem especificadas. Não as transcrevo na íntegra por não ser esse o objetivo deste relato.

Estavam previstos cerca de 30 encontros para aquele semestre letivo, e o professor tinha montado um cronograma com diversificadas estratégias de ensino e aprendizagem. Os encontros mesclavam, assim, aulas expositivas, debate de textos, apresentação de seminários, exibição de vídeos e outras atividades, algumas das quais conduzidas por nós, estagiários. Essa forma de pensar o cronograma concedia certo dinamismo aos encontros, seja com relação aos recursos utilizados, seja com relação ao protagonismo dos personagens. Não havia monotonia, e os estímulos mudavam frequentemente, de forma que nenhum de nós figurava por muito tempo apenas na condição de “plateia”. Propor a apresentação de seminários durante todo o semestre, por exemplo, me pareceu uma ideia genial. Ao contrário do que eu tinha vivenciado algumas vezes na minha graduação e até mesmo na educação básica, não se tratava de uma ou duas semanas pontuais de seminários dentro de um semestre letivo, mas, sim, de um semestre letivo recheado de seminários que se intercalavam entre

uma aula e outra. Dessa forma, parecia haver maior coesão entre as ideias que estavam sendo estudadas; os seminários seguiam a lógica dos conteúdos trabalhados, e assim se estabeleciam, com maior fluidez, relações entre as abordagens dos autores.

Quanto aos textos que embasavam os debates, de um modo geral, havia um roteiro de questões a ser respondido para cada leitura. As orientações do professor eram, aproximadamente, as seguintes: os estudantes deveriam ler o texto, responder ao roteiro de questões como tarefa de casa e entregar individualmente tal exercício no mesmo dia em que se faria a discussão daquele material. Essa metodologia facilitava o aprendizado e a participação da turma nos debates, pois se esperava que todos tivessem feito reflexões prévias. Eis aqui outro ponto que destaco do que observei durante meu estágio de docência: a leitura de textos é mais bem aproveitada quando acompanhada de um roteiro. Esse roteiro pode ser na forma de um conjunto de questões, como era o caso, mas pode ser em outro formato também, como um desenho, um esquema, a simulação de uma capa de revista ou uma história em quadrinhos. São ideias um tanto “simples”, mas que podem gerar resultados surpreendentes. Algumas dessas sugestões eu testei com meus alunos quando comecei a lecionar no ensino médio e no ensino superior, depois que finalizei o mestrado. Penso que são excelentes ferramentas para conduzir o processo de ensino e aprendizagem.

Chegou o momento, então, em que eu teria de organizar e ministrar uma aula, baseada em um dos textos! Fiquei com a tarefa de conduzir uma aula com base no artigo “Emics/etics revisitado: ‘nativo’ e ‘antropólogo’ lutam pela última palavra”, da autoria do antropólogo português Luís Batalha (1998). Contudo, não me parecia tão fácil “desenrolar” as palavras daquele autor, seja por meio de esquema, um desenho ou uma história em quadrinhos; precisei ler umas quantas vezes o material! Poxa vida, fiquei logo com um texto de 25 páginas, sem figuras, escrito por um antropólogo! Rapaz, aquilo era assustador! Aquele artigo era do tipo que dá um nó na cabeça do sujeito, e não posso deixar de ressaltar que os estudantes que estavam me aguardando para o debate eram, nada mais nada menos, que graduandos do curso de Ciências Sociais. Cheguei a comentar com o professor que esse fato me preocupava. Na minha forma estereotipada de pensar sobre os cientistas sociais, eu os imaginava como leitores vorazes, daqueles que gostam de falar palavras difíceis e estabelecer reflexões

complexas. Aquilo estava me angustiando, mais pela minha própria imaginação do que pela realidade em si. Respirei fundo e, meio que a contragosto, fui lendo, lendo mais uma vez, relendo, sublinhando, até que consegui elaborar o primeiro slide (basicamente com o título do artigo) e dali segui em frente.

O artigo de Batalha (1998) ia ao encontro da publicação de Alves & Souto (2010): tratava-se de textos que se complementavam. A essência do que eu estava lendo e iria apresentar tinha muito a ver com a construção de discursos. No meio daquelas tantas páginas que problematizavam o discurso etnográfico, em parte trazendo um pouco do histórico sobre a origem da distinção entre êmico e ético, achei uma tábua de salvação: um quadro pequeno, em que o autor sistematizava e exemplificava as expressões “êmico” e “ético”. Aquele quadrinho, apesar de parecer perdido no meio de tantas informações, teve uma grande importância para mim. Por fim, eu começava a compreender aquele antropólogo – o autor esclarecia os discursos êmico e ético, indicando que esses discursos poderiam ser subcategorizados em comportamental e mental.

O autor nos fazia refletir sobre as seguintes perguntas: de quem é o discurso que estou lendo? Dos pesquisadores? Dos pesquisados? Esse discurso se refere àquilo que se pensa sobre algo ou, de fato, é algo que acontece? Uma frase que me chamou atenção no artigo e que problematiza o discurso etnográfico é: *“Nem todos os etnógrafos são suficientemente claros quanto à natureza do seu discurso, e alguns misturam mesmo as suas categorias ‘etic’ com as categorias ‘emic’ do nativo, por vezes não se percebendo claramente quem está a falar”*. Era isso mesmo! Eu estava no caminho certo: minhas conclusões me levavam a um ponto de intersecção entre os discursos do “nativo” e do “antropólogo”, e eu começava a compreender o título daquele texto, em que Batalha mencionava a luta desses sujeitos pela última palavra. Como exemplo, o texto trazia o caso de discurso etnográfico bem definido, relacionado à sacralidade da vaca na Índia. Todavia, eu não estava muito contente, pois esse exemplo me pareceu pouco elucidativo, para ser sincera. Então, em uma tentativa de esclarecer melhor a teoria, me atrevi a criar outros dois exemplos, baseados em situações de pesquisa de campo que eu presenciara, que chamei de “pescadores e tartarugas” e “extrativistas de pequi”. Sem saber, eu estava testando um novo tipo de roteiro para a leitura de textos: criar novos exemplos! Feliz e

aliviada eu fiquei quando, ao mostrar meus exemplos para o professor, ele, com um semblante amigável, disse que concordava comigo.

A aula que conduzi naquele mês de abril ficou perdida na minha memória. Eu estava tão ansiosa pelo término daquele momento que pouco registrei da ocasião. Recordo muito vagamente de passar os slides para a turma e do professor fazendo uma ou outra intervenção para instigar reflexões. Finalizei a condução daquela atividade com a seguinte frase do texto: *“A chave para o entendimento do fenômeno está no estudo comparativo do ‘emic’ e ‘etic’ mentais e do ‘emic’ e ‘etic’ comportamentais, em cada situação [...] A diferença está entre o que as pessoas (membros de uma cultura) dizem, pensam e fazem e a nossa visão (externa) sobre o que elas dizem, pensam e fazem”*. Vejam se não é para dar um nó na cabeça do sujeito? Pronto! Cheguei ao último slide com a sensação de missão cumprida. Minha impressão inicial sobre essa experiência não foi das mais agradáveis, mas foi enriquecedora. Eu adquirei conhecimentos, insisti em uma leitura que não era tão atrativa para mim, preparei slides, consegui até criar novos exemplos e me coloquei diante daquela turma (de graduandos em Ciências Sociais) com coragem, sabendo que estava sendo avaliada pelo professor-orientador. Foi uma boa batalha.

Encerrada essa etapa do semestre letivo, seguíamos em frente: nada mais nada menos do que com o documentário “Estamira”... A exibição desse documentário ficou sob meus cuidados, pois naquela noite o professor não pôde comparecer à universidade. Repassei aos estudantes as questões que deveriam servir de orientação para a apreciação do filme e comecei a exibí-lo. Aquele documentário, com uma protagonista tão cativante, me marcou... Mais uma vez, estávamos analisando discursos... E o discurso daquela senhora, diagnosticada com problemas mentais, me parecia tão razoável! Quando fecho os olhos, posso escutar a voz de Estamira quase com perfeição – uma voz, por vezes, agressiva e, por vezes, triste. Estamira fazia pausas às vezes longas e, antagonicamente, em outros instantes falava sem parar. Não havia uma lógica linear na sua fala, mas sua fala tinha muita lógica. Repetidas vezes, mencionou a expressão “esperto ao contrário”. Dizia ela: *“Neste mundo de maldades, não tem mais o inocente. O que tem, isto sim, por todo lado, é o esperto ao contrário”*. O que o Batalha, antropólogo português, autor do texto a que me referi anteriormente, diria sobre o discurso de Estamira? Seria um “emic” mental?

Pus-me a refletir acerca de quantas vezes nos consideramos espertos nesse mundo onde impera a vantagem de uns sobre outros. O Gramacho parecia ser um exemplo dessa esperteza às avessas. Para quem não assistiu ao documentário, Gramacho foi um dos maiores lixões da América Latina, cenário onde Estamira, uma catadora de lixo, passou boa parte de sua vida, à margem, como dizia ela: *“eu sou a beira do mundo”*.

“Estamira é assim”, ela nos faz pensar! Porém, prestem muita atenção: *“você não vão entender de uma só vez”, “isso aqui é um depósito de restos. Às vezes é só resto. E às vezes vem também descuido”*. Com as mãos sujas, paradoxalmente, Estamira *“limpava”* um vidro de conserva que retirava dos entulhos por onde caminhava e, com sua fala e sua atitude, nas linhas e entrelinhas, nos ensinava sobre consumo, ecologia, restos e descuido. À medida que passava as mãos pelo vidro e retirava a camada grossa e escura de sujeira que o recobria, ela ia desvendando o que havia ali dentro: *“Isto aqui eu como purinho. Palmito! Veio uma carga muito boa”*. Ao perceber que eram palmitos, sorriu e, com ternura, complementou sua fala: *“Amanhã, por causa disso, vou fazer uma bela de uma macarronada”*. Eis que o descuido de uns gerava restos aproveitados e apreciados por outros tantos. Estamira não estava só na imensidão do Gramacho.

O cineasta Marcos Prado foi realmente fantástico. Que documentário! Triste era saber que aquela rica senhora, que era tão sábia, vivia em condições tão precárias. Lembro-me de sua face, de seu olhar. Estamira tinha um olhar vívido e, ao mesmo tempo, perdido no tempo e na vida... O que pretendia o professor com aquilo? Seria apenas induzir a um exercício mental? Relacionar o documentário ao texto de Capra sobre ecologia profunda, trabalhado em uma das aulas, e à afirmação de Giddens (1986) de que *“Todos os atores sociais são teóricos sociais, que alteram suas teorias à luz da experiência e que são receptivos às informações que adquirem nessas experiências”*? Estamira, a meu ver, se encaixava perfeitamente na frase de Giddens, pois o que não lhe faltavam eram teorias. Relembrando também o texto de Alves & Souto (2010), entendo Estamira como uma cientista. Ela só não foi treinada em instituições formais de ensino e pesquisa. Sua sorte foi outra. Indo além em minhas reflexões, eu indagava: existiria uma intenção relacionada ao componente emocional, pensada propositalmente pelo professor com a exibição daquele documentário? Se ele tinha essa intenção, não sei, mas posso dizer que cada minuto naquele lixão me tocou profundamente.

No mesmo ano em que o documentário foi exibido à turma, Estamira faleceu. A notícia, publicada em 28 de julho de 2011 no portal G1, anunciava: “Morre Estamira, personagem-título de premiado documentário brasileiro”. No corpo da reportagem, constavam especificações sobre a causa da morte: “Estamira, de 70 anos, estava internada no Hospital Miguel Couto, na Gávea, Zona Sul da cidade, desde a última terça-feira (26) e morreu com consequência de uma septicemia (infecção generalizada)”. Fiquei pensativa, seria tal desfecho causado por restos? Ou seria por descuido? Minhas reflexões iam tão longe...

Ah, Etnoecologia! Quanto se aprende do outro e com o outro.

RELATO DE SUBSTITUTO: UMA EXPERIÊNCIA SUBSTANTIVA

ALYSON LUIZ SANTOS DE ALMEIDA²¹

A experiência docente é algo forte. Substantivo. Não tenho a intenção de romancear a minha, mas não é todo dia que se tem a oportunidade de contribuir para um projeto como esse. Tive a oportunidade de viver na pele a dinâmica docente a partir das disciplinas que o Prof. Ângelo Alves ministrava na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ele me disse um dia que trocava cartas com seu “*objeto de estudo*” – típica entrada com o sentido claro de nos fazer ficar com cara de ponto de interrogação. Gostei desse estilo. Foi uma das coisas que trouxe pra mim. E sobre as cartas? Hoje converso com meus “*objetos de estudo*”, felicito nos seus aniversários, troco sementes e vejo suas vidas passarem. Também deixo que eles vejam minha vida passar pelas suas *timelines*, pois a vida, assim como a etnobotânica, etnoecologia..., é via de mão dupla. As cartas que *ele* trocava com os seus eram sobre *loiça*. Eu queria saber mais sobre isso. Estava apenas no quarto período da faculdade, e muita coisa ainda iria acontecer. Ficar em seu lugar foi algo substantivo. Havia um, entre essa classe gramatical, que eu ansiava experimentar: o substantivo liberdade. E o que é que iria *fazer com essa tal liberdade*? Bem, isso eu queria poder viver pra saber.

21 Ministrou a disciplina Etnoecologia na condição de Professor Substituto, pouco depois de concluir o mestrado no PPG Botânica (UFRPE), sob orientação da Profa. Dra. Cibele Cardoso de Castro (UFAPE)

Foi um ano daqueles. Um ano em que dormi na praça. Foi massa!

No ano de 2004 fui estudante da disciplina de Ecologia geral na Universidade Federal Rural de Pernambuco, foi lá onde me formei. O professor Ângelo Alves ministrava a disciplina e as aulas terminavam como ele planejara. Sentíamos, os que ficavam até às 22:10, que *ele* sabia bem o que estava fazendo. Dizia que nós **não** estávamos fazendo “*perguntas de quem leu o texto*”. E eu pensava: *como ele sabe que eu não li sobre ecologia de populações?*

Falava sobre as cartas que seus “*objetos de pesquisa*” enviavam para *ele*. Percebíamos imediatamente que essa forma de se remeter aos participantes da sua pesquisa era dita em tom sereno e certo de ter feito um retorno digno e que conferiria dignidade e melhores condições de vida ao outro. Referia-se aos ceramistas como se falasse de um bom amigo. Daqueles que se compartilham longas conversas esperando o pôr do sol à beira do Rio Capibaribe tomando umas no *Capibar*. Com aquele carinho e disposição de só sair do recinto na hora das vassouradas. Eu achava tudo isso muito massa. Eu o via como um *mangueboy* – as características da cultura mangue em seu discurso e exemplos didáticos eram coisas que eu percebia que tínhamos em comum – que me fez ver as suas aulas com mais entusiasmo. Apontava questões pra pensar durante a semana toda. Eu pensava que seriam necessárias respostas complexas e rebuscadas, mas quando nos apresentava as explicações, percebia que era tudo mais simples e orgânico do que imaginava.

Fazer com que a complexidade de interações ecológicas seja trabalhada em sala de aula de uma forma simples – e não simplória – é resultado de comprometimento com a própria prática e empatia com seu público discente. No trato com as pessoas durante o trabalho de campo em etnobotânica, testando perguntas e calibrando métodos, vamos percebendo como é importante exercitarmos essa habilidade. Caso contrário, apenas se tenta, sem sucesso, conjugar e poder perceber o verbo *elicitar*. Foi através de Ângelo Alves que ouvi e pela primeira vez entendi o que isso significa.

Foi justamente essa simplicidade orgânica, de uma perspectiva sistêmica de abordagem de sua disciplina que marcou sua passagem pela minha trajetória formativa. Licenciatura tem dessas coisas: não dá pra aprofundar

em certos conteúdos. *Ele* estava ciente disso. Encarou a turma noturna da Licenciatura com essa pegada para fazer com que nós tivéssemos uma experiência significativa no ensino dos princípios de ecologia.

Mas não foi só nas atividades de graduação, enquanto discente de uma disciplina, que tive contato com *ele*.

Era uma expedição de campo, em que o Prof. Ângelo Alves apresentava uma comunidade de ceramistas tradicionais do Município de Altinho (Pernambuco) a um grupo de alunos da Universidade Estadual de Iowa (EUA), em 2006. Foi uma carona que eu e o então mestrando Ernani Lins-Neto (que hoje é professor num campus da UNIVASF na Bahia) pegamos para prospectar áreas para fundar nova base de pesquisas. Se fôssemos da área artística diríamos que estávamos buscando locais para rodar um novo filme. Ali, o Prof. Ângelo Alves também fez papel de cicerone ao que viria ser a nova base de pesquisas do Laboratório de Etnobotânica Aplicada (LEA-UFRPE) por bons e longos anos. Nos apresentou lideranças locais e autoridades políticas que seriam fundamentais futuramente durante o desenvolvimento das pesquisas. Certamente que ali *ele* também nos mostrava um pouco do que *não estava no manual*. Vi, pregado na parede da casa de uma das ceramistas, um certificado emitido pelo SEBRAE. Ela ostentava com orgulho aquele papel emoldurado. Qualquer visitante podia perceber logo que entrasse em seu humilde lar. Imediatamente lembrei que *ele* nos falara durante as aulas de ecologia que havia articulado, como uma forma de retorno aos seus *objetos de pesquisa* um curso de capacitação e empreendedorismo com o intuito de fazer com que aquela comunidade pudesse se inserir no mercado do artesanato, fazerem-se conhecidos e terem melhor retorno financeiro pelo seu trabalho tradicional. Um trabalho que rendeu novas informações à carta de solos da EMBRAPA. Conhecimento Etnopedológico. Com *ele eu* também aprendi sobre mais um sufixo associado ao prefixo *etno*. Esse está nos manuais.

Aí você me perguntaria: e o lance de ter dormido na praia? Bem, foi uma longa história de quase dois dias e uma noite muito legal no meio.

Já vinha desenvolvendo as ideias para o projeto de Doutorado e estava cursando uma disciplina como aluno especial no Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal na UFPE. E nesse período, já era dezembro, estava em semana de aplicação de provas nas turmas da graduação.

A Nação Zumbi iria gravar um DVD num show no Marco zero do Recife. Uma oportunidade única de fazer parte daquela multidão de *mangueboys*.

Quarta-feira, 9 de dezembro de 2009. O dia começou com aulas de estatística na UFPE, seguidas de um dos encontros semanais na turma de Etnoecologia na UFRPE. Em seguida fui esticar, alguns alunos da turma também foram, pra ver o tão esperado show. Eu senti que vivia aquele sentimento do trabalhador ordinário que se permitia momentos de diversão entre os de dedicação ao labor.

Caí na noite. Foi massa! Perdi o último ônibus pra casa. Era cedo, apenas três horas da manhã. Tinha provas para aplicar às sete na UFRPE na turma de Agroecologia e mais aulas de estatística de uma disciplina em que usávamos linguagem de programação para rodar nossos testes. Nessas horas, e em muitas outras, se percebe o quão importante pode ser não depender de bebida alcoólica para se divertir. Há quem me dissesse, várias vezes: “*Deus sabe o que faz. Imagina se ele bebesse?*”.

Qual solução? Seguir em frente e esperar a vida acordar no centro do Recife. Logo o *Barro-Macaxeira* voltou a circular e conheci o café da manhã daquele terminal. A vida e a lida começam bem cedo por ali. Que delícia é aquele pão com carne de panela e ovo frito às cinco da manhã. A vida do trabalhador que acorda cedo tem dessas coisas que eu desconhecia. São coisas que fazem valer a pena acordar cedo.

Já às 5:30h eu estava na praça Dois Irmãos, em frente ao complexo das ciências agrárias da UFRPE. Mas as provas só iniciariam às 7h. Sentado sozinho num dos bancos eu via o dia ficar cada vez mais claro e movimentado. O som dos numerosos passarinhos foram dando espaço para o vai e vem dos ônibus e carros naquele trecho movimentado de passagem do subúrbio ao centro. Deitei pra olhar o céu. Adormeci entorpecido pela noite agitada e umidade generosa da mata atlântica onde a Rural está encravada.

Foi isso. Dormi na praça. De sobressalto acordei, pois já passava das sete e dez da manhã. Dois dias em um. Foi massa!

Bem, voltando a 2009 e seus substantivos

Necessidade. Isso resume bem minha motivação para substituir e me tornar colega de um Professor particularmente intrigante. Pois estava às portas do mercado de trabalho logo após a defesa do Mestrado em botânica. E que mercado! De repente me vi diante do que eventualmente afeta estudantes de áreas importantes, mas não convencionais: o que fazer com todas aquelas experiências de campo, debates, construções teóricas e metodológicas? Será que eu teria chance de fazer parte daquilo tudo? Bem, a oportunidade estava posta e os jogadores em suas marcas.

Finalizado o mestrado, o departamento de Biologia da UFRPE publicou um edital para seleção de professor substituto. O Prof. Ângelo Alves iria fazer Pós-Doutorado em Portugal. Que massa! Era hora de colocar todos aqueles certificados, publicações e experiências na mesa. Então chegou o dia da prova didática. Nossa! Foram 24h quase insones lapidando plano de aula, projetando como seria cada momento. Banca posta, aula pronta e ensaiada. Colheres de passiflora ingeridas. Aula ministrada. Tudo nos conformes. Entre tantos colegas e outros não conhecidos, que imediatamente se tonaram concorrentes, passei. Grande felicidade. Felizmente seria um ano diferente. Finalmente receberia um salário e teria uma dinâmica nova pela frente.

Tudo correu bem, mas *ele* me disse que faltara **Paixão** – acho que foi por causa do extrato de maracujá. Foi dose única. Como eu nunca havia tomado aquilo antes, pode ter sido quase uma dose cavalar.

Faltou paixão

Dias depois do resultado do certame nós conversamos. Eu cheio de expectativas. Estava ali diante de um momento bem interessante pra trocar figurinhas com um, agora, colega. Mais a frente vou falar sobre um aspecto *sui generis* que percebo nesse cidadão. Mas não se *avexe*, que eu já explico. O que seguirá neste parágrafo abaixo seria o resumo de uma conversa travada em uma realidade pura e honesta, mas ingênua. A academia não tolera tal sinceridade. E por falar em coisas que a academia

mostra e esconde, tenho aprendido com as leituras em *Rubão* - o Rubem Alves - uma referência que ele nos trouxe ainda durante sua disciplina na graduação em Licenciatura nos idos de 2004.

O Prof. Ângelo Alves me relatou suas impressões sobre minha aula no concurso. Dissera ele que eu era o único candidato com perfil etno. Afinal, vinha de uma graduação e mestrado inserido em um ambiente intenso, de imersão, em temas ligados à etnobotânica, tinha as bibliografias e esquemas mentais à mão. As métricas e posturas preconizadas pela academia haviam tomado conta de mim. A etnoecologia, etnobotânica... elas trazem consigo a experiência da aproximação com o “outro”. Esse outro nos demanda coisas que, como ele me dizia, *não estão no manual*.

Poderíamos ter conversado sobre isso antes, como jogadores em preleção ante uma partida decisiva. Essa conversa poderia mesmo ter acontecido depois de minha aula (prova). Como seria bom ter com ele nessa perspectiva, sendo prévia ou subsequente. Mas era hora de mostrar-se distante. E essa conversa ficou na condição de produção da mente do aprendiz. Estar perto poderia ser visto como sinal de predileção. Isso ele não faz, o exercício da neutralidade acadêmica teve ali seu lugar.

Calma, logo entenderás.

Esse manual. Ele até surgiu. Não conheces? está tudo ali no livro *“Encontros e desencontros na pesquisa etnobiológica e etnoecológica: os desafios do trabalho de campo”*. Gosto muito de manuais, conversas e impressões sobre o que faço e o que deixo de fazer. Houve sim uma conversa - protocolar, sem muita profundidade - para haver a transição e situar-me sobre o que viria a desenvolver nas turmas que assumiria. Esse foi o momento da despedida sem dizer adeus. Era como se *ele* estivesse dando orientações, mas não era meu orientador. Foi meu professor em uma única disciplina. De lá pra cá não deixo de apreciar suas aparições. Sempre um bom papo e uma forma de mostrar que se pode ver ciência e etnociência nos cantos em que a academia insiste em fazer parecer *área escura* a seus satélites. Generoso, emprestou-me seus arquivos, transparências, fez poucas palavras sobre seus colegas de departamento - não me engravidou pelos ouvidos - e foi.

Ele, em minha perspectiva, é assim como diz a música de Chico Science e Nação Zumbi intitulada *Corpo de lama*:

Deixar que os fatos sejam fatos naturalmente, sem que sejam forçados para acontecer. Deixar que os olhos vejam pequenos detalhes lentamente. Deixar que as coisas que lhe circundam estejam sempre inertes, como móveis inofensivos, pra lhe servir quando for preciso, e nunca lhe causar danos morais, físicos ou psicológicos.

Percebo o Prof. Ângelo Alves como uma pessoa que exercita uma filosofia de vida em que *há tempos para tornar próximo o que está distante demais, e há tempos para tornar distante o que está próximo demais.*

Assim *ele* tem sido aos meus olhos. Tornou-se próximo e foi para distante. Não trocamos telefonemas nem e-mails durante sua estada em Portugal. O foco dele estava lá e o meu cá com as disciplinas Agroecologia para o curso de Engenharia Agrônômica e Etnoecologia para o curso de Ciências Sociais. Deixou seu cargo e abriu caminho para que eu experimentasse a liberdade para ensinar e aprender.

A dinâmica então seria outra: aulas a preparar, atividades para corrigir, diários a preencher. Era hora de conhecer um público novo de alunos das Ciências Sociais: um curso noturno com características sociais bem próximas às de minha turma de graduação. Eram estudantes adultos que, em sua maioria, trabalhavam durante o dia e tinham ainda o terceiro tempo na universidade.

Acredito que a primeira impressão que eles tiveram de mim foi de que eu fazia parte de um trote. Um tanto quanto tardio, mas o início de semestre é sempre uma oportunidade. Seus rostos e tipos, daqueles que entram na faculdade um pouco depois dos 18, mas com uma bagagem e carga laboral diária bem maior do que a minha até então, fitavam minha chegada com um ar de desdém. Uma aluna ruiva que, mesmo sentada, parecia que me olhava de cima. Do alto de não sei o que, mas me testava. Tinha que dar um jeito de quebrar o gelo. Desde então eu lanço mão do meu estrabismo, pois não há como não notar. Ainda bem que os tempos são outros e não se admite que adultos, especialmente em um meio universitário, façam pouco caso das pessoas por conta de traços físicos – aqui, com certo tom de ironia e esperança de que essa afirmação seja plena verdade em breve. Sim, o estrábico sofre no meio escolar. Crianças e adolescentes são implacáveis e a chacota contagia a multidão.

Saber o nome das pessoas é um ato de empatia. Eu gosto de conhecer os estudantes pelo nome. Imagine a cena: um estudante sentado no último lugar de uma fila, no fundão. Eu explicando os conceitos e dando exemplos para ensinar sobre *Corpus*, *Praxis* e *Kosmos*, temas frequentemente abordados pela vertente mexicana da etnoecologia. Então direciono uma pergunta ao aluno do fundão. Ele me olha de volta e pergunta se virando para a parede e diz: é comigo? Por isso gosto de saber o nome das pessoas. Mas uso essa característica física - o desvio ocular - em favor de aproximar os diferentes. Naquele momento éramos bem diferentes: de um lado o neófito, do outro um público desconfiado. Deu certo! Hoje aproveito esses momentos iniciais com os meus alunos e caio na risada junto. A experiência docente, em especial em etnoecologia me trouxe essa percepção de que a leveza no trato com o outro precisa sempre ser buscada. Foram dois semestres, duas turmas diferentes e a segunda vez, pelo menos no início, foi bem mais tranquila.

Os saberes e o saber

Cheguei a esta experiência com toda minha pouca bagagem cultural. Minhas impressões sobre o próprio curso de Ciências Sociais eram pouco precisas. Achava que os sociólogos eram pessoas muito próximas das causas e movimentos sociais, e que os estudantes dessa área não teriam dificuldades, estranhamentos ou mesmo resistência com relação à disciplina Etnoecologia. Olhando pra trás fico pensando se o fato de ter vivido a década de 1990 com um presidente sociólogo ou sociólogo presidente dirigindo o país pode ter afetado minha motivação em perceber com mais atenção as peculiaridades dessa ciência. Esse distanciamento estabelece trincheiras que, de parte a parte, vão sendo ratificadas mesmo no ambiente universitário. O que se espera de nós é que aproveitemos momentos de conexão como os de ensino-aprendizagem.

Um dos conteúdos que considero basais e mais interessantes é o estudo das diferentes dimensões cognitivas e práticas sobre as informações que vêm do nosso ambiente. Os conceitos relacionados aos saberes (*corpus*), fazeres práticos (*praxis*) e sobre os elementos simbólicos e/ou ideológicos das culturas humanas (*kosmos*) são fundamentais para uma

contextualização com os nossos interlocutores num ambiente escolar acadêmico.

Foi bem durante a apresentação desses conceitos que minha visão de mundo sobre a sociologia e os seus estudantes se puseram em choque com a realidade por mim percebida nos olhares e expressões faciais deles. Percebi pelos seus relatos que estavam muito mais voltados à compreensão dos fenômenos sociais numa base numérica e mais distante – muito mais do que imaginara – dessa complexidade gostosa e dual a que os etnocientistas vivem se propondo. Lembro-me de perceber o quão importante era a foto, transformada em slide para retroprojetor, que *ele* me cedera. Era a captura de um momento em que conversava, sentado no chão ao lado de um conjunto de peças de cerâmica e de pedaços de lenha, com uma senhora participante de sua pesquisa. A partir daquela imagem era possível perceber o aspecto didático de um momento que falava mais do que mil palavras. O tempo de intelecção e apropriação dos saberes, a oralidade como marca da transmissão do conhecimento, a magia moldada pela cultura e o encontro com o cientista. Tudo estava ali, e para mim que fora seu estudante, ouvira algumas de suas histórias e já tivera algumas experiências como aquelas não foi difícil de posicionar uma narrativa para aquele momento de interação e transmissão de conhecimento para os estudantes de Ciências Sociais.

A partir dessas primeiras impressões eu pude entender como a presença daquele componente curricular poderia provocar estranhamento nos que prestavam atenção na matriz de disciplinas daquele curso. Era então uma experiência curricular obrigatória ali. Foi também nessa oportunidade que percebi o quão importante era para aqueles estudantes passarem, mesmo que apenas com 60 horas de duração, por uma vivência que certamente teria a capacidade de lançar um novo olhar sobre suas formações, suas práticas profissionais e suas vidas fora do contexto acadêmico.

Naquela turma também vinham os estudantes de Ciências Biológicas. Chegavam em pequenos grupos. Curiosos e por vezes insatisfeitos porque, para eles, a disciplina era optativa. Traziam e faziam questão de trocar ideias sobre temas ecológicos, botânicos, zoológicos. Queriam mostrar naquele contexto as suas identidades. Nesse sentido relacionado com os exemplos, os das Ciências Sociais eram bem mais acolhedores dessas diferentes tribos. Foi um movimento interessante: a universidade de

conhecimentos e perspectivas se mostrando diante de mim e sendo adulta, gerando debate e construindo junto.

As imagens, e hoje mais frequentemente os vídeos, são os mecanismos didáticos que mais são usados para provocarem transposições temáticas: esses são aspectos especialmente presentes na minha prática docente atual. No entanto, em 2009 o contexto de uso de determinadas modalidades didáticas era um pouco diferente. Na verdade, há 12 anos era bem diferente. Essas limitações eram contornadas com o uso dos causos e da cotação de histórias. A oralidade, tanto na academia quanto, e principalmente, fora dela, tem papel fundamental na transmissão de informações etnoecológicas. No âmbito acadêmico, é didático lançar mão do registro escrito e fotográfico presente nas bases de dados sobre as culturas e diferentes povos humanos e seus legados.

Durante as aulas, assim como acontece na vida desses grupos humanos que acessamos, imagens e esquemas projetados nas lousas eram mote para trazer exemplos de atividades de campo que faziam com que aspectos teóricos e metodológicos ganhassem vida e significados fundamentais para a episteme associada com a etnoecologia.

A internet e o advento dos *smartphones* integrados à rede e todas essas relações tão corriqueiras nos dias de hoje não faziam parte ainda do arcabouço procedimental e instrumental dos docentes, mesmo no ambiente universitário de uma cidade do porte de Recife. Os textos, transparências e relatos, além das aulas expositivas e dialogadas, seminários e fichamentos eram as técnicas vigentes. Mas os textos e as partilhas em rodas de conversa configuravam os pontos altos de interação. Era nesses momentos em que mais e melhor nos encontrávamos. Eram momentos em que os alunos percebiam como estavam próximos daquele tipo de informação e como aquilo fazia parte de suas vidas ou pelo menos das vidas de quem estava nas histórias que eles ouviam desde os tempos infantis.

Rodas de conversa e discussão de textos criavam meios para conhecimento da complexidade metodológica – inclusive sobre o que não está no manual. Nesses eventos se faz com que o “outro”, ora ignorante a todos os métodos usados pelos etnocientistas para fazerem-se ouvidos e vistos pela academia, pudesse ter uma mínima noção da beleza e imbricada rede de ferramentas que possam dar conta de traduzir, em palavras e esquemas, o conhecimento ecológico tradicional. O uso dessa estratégia é tão mais

potente quanto maior for o nível de apreensão dos conteúdos basilares da etnoecologia como os conceitos associados ao *corpus*, *praxis* e ao *kosmos*.

Hoje eu continuo usando a discussão de textos em minhas aulas. Não tem sido fácil a sua execução, pois os estudantes com quem me relaciono onde leciono têm lido pouco e, mesmo estando por vontade própria em um curso universitário, vêm dedicando pouca energia no entendimento mais aprofundado de determinados assuntos.

Trago muito da experiência docente de 2009 para minha vida. Esse ano foi surpreendente. Consegui exercitar a liberdade de ação e os ensinamentos obtidos no ambiente acadêmico. Vinha de uma decisão tomada ainda em meados de 2008, daquelas que não fazem sentido pra ninguém, mas que você estufa o peito, faz o carão e segue em frente: havia definido que não faria seleção de doutorado e que testaria o poder do meu currículo. Imagina! Enveredaria pelo mercado de trabalho apostando na docência. Sem qualquer plano, mas com uma sequência bem imaginada de acontecimentos, senti felicidade em não saber no que iria acabar aquela história. Algo não estava certo para mim naquele período. Sentia que a academia me sufocava. Amarrava. Queria experimentar a liberdade. Uma dessas liberdades não assistidas e que, mesmo provisória, serviria para definir rumos futuros. Qual não foi a surpresa que consegui testar o currículo e ser livre na docência.

Acabou que não foi como estava em meus pensamentos. Foi muito melhor! Meu primeiro emprego foi como professor universitário, na universidade em que fui formado em Licenciatura em Ciências Biológicas e Mestre em botânica, substituindo um dos docentes que mais admirei durante minha graduação. Mas ainda havia um degrau a galgar: o doutorado, a volta à heteronomia.

Essa disciplina me trouxe novidades e me mostrou caminhos a serem percorridos em minha trajetória docente. Autonomia e liberdade são os melhores substantivos que tento dispersar aos estudantes por onde passo. Essas são as melhores colheitas dessa curta jornada.

SER DIFERENTE EM UM MEIO TÃO IGUAL: UM “ETNO” NA ZOOTECNIA

ROSALIA DE BARROS NASCIMENTO DE MEDEIROS²²

Desde que iniciei a vida acadêmica na Zootecnia, tive profunda admiração por pesquisas voltadas aos pequenos produtores. Afinal, minha base familiar vinha da agricultura e pecuária familiar. Durante a graduação, pude fazer iniciação científica, avaliando os parâmetros fisiológicos de caprinos e ovinos nativos, na área da Bioclimatologia. Já no mestrado, meu projeto original tinha como propósito analisar um rebanho remanescente de ovinos de raças locais. Contudo, por questões burocráticas, teve de ser interrompido, e com isso precisei elaborar um segundo projeto.

Foi então que a minha orientadora sugeriu que o novo projeto tivesse por base a Etnozootecnia – era a primeira vez que eu tinha contato com a área. Passei, conseqüentemente, a estudar as relações existentes entre os caprinos da raça moxotó e os seus respectivos criadores no local de origem da raça (Ibimirim, no Sertão de Pernambuco, Nordeste do Brasil). O tema me deixou bastante empolgada, mas, assim que terminou a conversa inicial, eu parei e pensei: “etno o quê”? Parece que essa é uma frase clássica quando nos deparamos pela primeira vez com o tema. Apesar de estar acostumada a trabalhar com animais de raças locais, meu foco sempre foi no animal e nunca em quem os criava. Sempre estive preocupada em avaliar parâmetros fisiológicos e de ganho de peso, mas nunca tinha me interessado na razão de se manter determinada raça e não outra, da existência

22 Realizou estágio de docência na disciplina Etnoecologia enquanto cursava o Doutorado no Programa de Doutorado Integrado em Zootecnia (UFRPE), sob orientação da Profa. Dra. Maria Norma Ribeiro (UFRPE).

de uma raça em um local e não em outro ou da presença de tantos animais do mesmo grupo genético em um mesmo local... Foram muitos questionamentos que nunca tinham passado em minha mente e a partir dali fizeram parte do meu cotidiano.

Assim, comecei minha jornada nas Etnociências ainda no mestrado. Confesso ter sido um momento muito mais técnico do que “etno”, mas o desafio estava apenas começando. Falar de “etno-isso” ou “etno-aquilo” causa uma estranheza notória e quase impeditiva em um meio onde as técnicas convencionais são tidas como a “nata” da pesquisa científica. E quando ainda estamos em processo de formação, agir de forma diferente em um meio tão igual pode ser mais desafiador do que se possa imaginar. Apesar disso, defendi minha dissertação e entrei no doutorado, dando continuidade à pesquisa em Etnozootecnia. Prossegui com as investigações porque existiam (e ainda existem!) vários problemas de pesquisa que foram sendo formulados ao longo da construção da dissertação, dos quais alguns foram elencados para integrar a tese de doutorado.

No meu curso, eu pouco conseguia dialogar sobre a Etnozootecnia com colegas que não fossem membros do grupo de pesquisa de que eu fazia parte. Na primeira vez em que pude expor meu projeto para os demais colegas, senti o quanto eu estava deslocada daquele meio, mas disposta a conseguir meu lugar entre eles. O espaço em que ainda conseguia alguns momentos de diálogos construtivos era no curso de licenciatura em Ciências Agrícolas, quando passamos a estudar as técnicas de diagnóstico rápido participativo (DRP) que eram usadas em trabalhos de extensão rural, pois técnicas semelhantes eram utilizadas em estudos voltados à abordagem do conhecimento local de alguns grupos específicos de criadores e produtores. O conhecimento dessas ferramentas de DRP foi muito proveitoso no momento da elaboração da metodologia que empreguei na minha pesquisa de doutorado. E assim, em meio a uma disciplina, muitas leituras e reuniões com meus orientadores, a Etnociência foi tomando forma e ocupando seu espaço na minha formação.

A perspectiva de realizar meu estágio de docência na disciplina de Etnoecologia surgiu no início do doutorado em Zootecnia. Eu precisava cumprir a carga horária obrigatória do curso, e o estágio de docência fazia parte disso. Fazer o estágio em uma disciplina que eu nunca tinha nem cursado foi um grande desafio – no meu curso de origem, disciplinas

“filosóficas” quase não faziam parte da grade curricular, e as que tinham um objetivo próximo possuíam o seu conteúdo voltado a regras de escrita acadêmica. Então, essa foi a chance de “cursar” uma disciplina voltada para minha nova área de pesquisa. Lembro que, na época, utilizei na íntegra o antigo ditado “quem ensina aprende duas vezes!”, pois até o momento eu não tinha ideia de como essa disciplina era formada, quais temas eram abordados ou que metodologia era utilizada. Eu estava disposta a aprender e ensinar no mais tradicional estilo: “siga o mestre”.

Assim que recebi o plano de ensino e todo o cronograma da disciplina, tive uma ideia de quão vasta e diferente ela era em relação a todas as demais disciplinas de que eu já havia participado, seja como aluna ou como colaboradora. Nas primeiras aulas, eu estava focada na didática do professor, de modo a verificar como ele transitava entre os conceitos e autores e empregava todas as informações para alcançar o objetivo daquele encontro.

Em alguns momentos, parava para observar também como os alunos estavam reagindo à metodologia e aos temas abordados. Na mesma sala de aula, havia estudantes dos cursos de Ciências Sociais e de Ciências Biológicas – a disciplina era optativa para estes e obrigatória para aqueles. Nas primeiras aulas, alguns rostos expressavam estranhamento aos temas. Mas eu já tinha em mente que era apenas o medo de “sair da zona de conforto” e encarar uma nova forma de ver o que eles já sabiam; afinal, muitos dos assuntos abordados durante as aulas já eram de domínio de alguns deles, porém vistos por outro ângulo.

No decorrer do semestre, foi possível observar que nem todos os graduandos matriculados tinham o mesmo interesse inicial nos temas da disciplina. Entretanto, com a metodologia empregada na disciplina, era praticamente impossível sair ileso.

A primeira vez que deixei de ser uma espectadora e assumi a coordenação da aula nessa disciplina constituiu um divisor de águas. Diante do tema da noite, os planos “êmico” e “ético” (ou fonêmico e fonético), ninguém se entendia, as mais inusitadas teorias sobre a temática eram postas em diálogo, e por alguns instantes pensei: “onde eu fui amarrar o meu bode?”. Foi a primeira vez que estava assumindo a turma sem ser vista como a “estagiária”, precisando pensar em como o professor responsável pela disciplina se posicionaria nesse momento. Fui, então, tentar pôr em prática o “siga o mestre”. E assim o fiz. Em meio à tempestade de ideias,

pouco a pouco as palavras foram se organizando no quadro e os conceitos foram sendo reformulados de forma conjunta e participativa. O que em outros momentos seria visto como ter perdido a “rédea” deu lugar a uma aula participativa e cujo objetivo tinha sido alcançado. Aquela turma possuía seus próprios conceitos sobre “êmico” e “ético”, e isso havia sido feito por meio de exemplos dados pelos próprios alunos acerca de trabalhos de pesquisa e de suas experiências. Agora conseguíamos falar a mesma língua! Foi muito prazeroso ver que cada indivíduo, dentro de suas linhas de pesquisa, descrevia exemplos reais das dimensões “êmica” e “ética” e que a Etnociência, percebida como algo tão distante a princípio, estava se aproximando da realidade de alguns (especialmente dos alunos de Ciências Sociais) com essa disciplina.

A cada semana, a cena tradicional de um mestre transmitindo seus conhecimentos para alunos que apenas o ouviam foi ficando menos usual. As aulas subsequentes se tornaram cada vez mais participativas, principalmente quando chegou a fase dos seminários, que contou com uma metodologia incomum para eles e para mim. E aqui vale mais um destaque: não se tratava de conhecer determinado método ou ferramenta estatística nem de verificar se certos resultados tinham sido significativos ou não. As discussões giravam em torno dos conceitos presentes no texto em questão e de como estes estavam ligados a sua formação dos alunos e aos trabalhos acadêmicos por eles realizados. A turma era, então, convidada a reconstruir os textos, dando-lhes outros títulos e fazendo conexões entre seus trabalhos acadêmicos e os temas ali descritos.

Tal metodologia propiciava uma personificação dos textos que era fascinante. Ante a sugestão ao grupo responsável pelo seminário da noite de que trouxesse um resumo biográfico e fotos dos autores dos textos que seriam trabalhados, surgia uma mudança evidente no discurso de apresentação dos seminários. Ali os autores dos textos científicos tinham gênero, idade, estado civil e nacionalidade, sendo vistos como pessoas de carne, osso e anos de pesquisa. Ficou patente naquele momento como algo que parece tão irrelevante ao objetivo de um artigo científico pode fazer com que o leitor veja muito além dos resultados ali apresentados e como isso poderia mudar a forma de compreender o artigo como um todo. Quantos artigos eu já tinha lido e relido sem, muitas vezes, nem me dar conta de quem os tinha escrito!

Além desse resumo biográfico, cada grupo também precisava trazer para seu seminário uma música, um poema ou uma pintura que se relacionasse com o tema abordado no artigo, o que permitia extrapolar as barreiras da sala de aula, bem como ler muito mais do que estava escrito em cada página dos artigos apresentados. Era mais uma forma de mostrar que a ciência está em todos os lugares e que a possibilidade de identificá-la vai depender do ângulo em que está o espectador e pelo qual os seus olhos foram treinados a enxergar.

A cada novo seminário, eu me surpreendia com as inúmeras informações contidas em um artigo que eu ainda não havia percebido. Entretanto, como nem todas as metodologias contam com 100% de aceitação, alguns grupos tiveram dificuldades na apresentação. Mesmo nesses casos, contudo, o assunto era discutido pelo professor, e o tema que estava no cronograma para ser ministrado aquela noite era apresentado. A exposição do seminário pelo grupo de alunos não se tornava a aula em si, mas era a ferramenta para que o assunto fosse exposto. Passaram-se, assim, semanas de muito aprendizado até o término da disciplina.

Depois de ter passado pela experiência dessa disciplina, voltei a rever alguns pontos de metodologia. Também reformulei algumas técnicas de abordagem para a coleta de dados da minha pesquisa de doutorado. A minha visão acerca do material que eu tinha disponível era outra, agora muito mais ampla. As discussões com meus orientadores também mudaram, pois eu consegui começar a me enxergar como pesquisadora dentro da Etnozootecnia. Eu criei bases que me permitiram dialogar sobre como as Etnociências poderiam ser abordadas na pesquisa de um ou outro companheiro de turma. Nos seminários que precisei apresentar como parte dos requisitos do curso de doutorado, o estranhamento das pessoas acerca do tema da minha tese não me incomodava mais, pois eu sabia onde se encaixava cada conceito ali exposto. E até o sentimento de ser diferente no meio dos iguais tinha mudado: eu compreendi que o “etno” não é, necessariamente, contrário ao técnico, já que eles podem ser complementares, fornecendo subsídios um ao outro na construção de novos conceitos e entendimentos acerca de aspectos ainda não esclarecidos.

Até a defesa da tese, tive a oportunidade de participar como aluna de mais duas disciplinas que abordavam as Etnociências, agora com mais propriedade sobre como discutir os assuntos, as metodologias e os textos

da área com os demais colegas pesquisadores. Minha tese foi concluída com o auxílio de ferramentas e conceitos da Etnozootecnia e da própria Zootecnia para o estudo do conhecimento local dos criadores de caprinos da raça moxotó no local de origem da raça.

Após o término do doutorado, passei a percorrer outras áreas da Zootecnia. Contudo, os conceitos e as formas de observação e abordagem de temas que pude aprender durante o processo de estágio de docência naquela disciplina de Etnoecologia continuam comigo, fazendo parte do meu eu como pesquisadora. As metodologias utilizadas naquela época me acompanham em sala de aula, seja qual for a área da disciplina ministrada no momento. Sempre que possível, deixo um espaço no cronograma para abordar o tema das Etnociências e inicio uma discussão com meus alunos e orientandos sobre o assunto.

Depois de ter passado por todo o processo de estágio de docência, compreendo que, por mais técnico que seja considerado um curso (como Zootecnia, por exemplo), ao menos uma disciplina que aborde o tema das Etnociências deveria ser incluída em sua matriz curricular. Essa seria uma forma de ampliar o campo de visão dos alunos e formar futuros pesquisadores com uma perspectiva mais holística, principalmente quando o objeto de estudo for o conhecimento local de determinado tema.

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA

IMAGENS DE UMA AULA ETNOECOLOGIA NO CAMPO

ANGELO GIUSEPPE CHAVES ALVES

Universidade Federal Rural de Pernambuco/Departamento de Biologia

RENATA MANZI DE SOUZA

Rede Estadual de Educação de Pernambuco

As fotos apresentadas a seguir foram registradas numa aula de campo da disciplina Etnoecologia, com estudantes dos cursos de Graduação Ciências Sociais e Ciências Biológicas da UFRPE. A aula ocorreu no Município de Itapissuma (Pernambuco) em 12 de fevereiro de 2000. Durante a aula houve, inicialmente, debates na sede da Colônia de Pescadores Z-10, com presença de discentes, docentes e pescadoras. Esses debates tiveram como tema central as questões socioecológicas relacionadas à atuação das mulheres pescadoras. Posteriormente, realizou-se um percurso ao ar livre pelos manguezais adjacentes, tendo as pescadoras como guias. A aula tornou-se possível por meio da colaboração das Pescadoras Maria das Dores da Conceição, Joana Rodrigues Mousinho e Maria das Dores de Paula, da Colônia de Pescadores Z-10, bem como da Bióloga e Nutricionista Renata Manzi de Souza, da Rede Estadual de Educação de Pernambuco. Vale destacar também a presença da Professora Dra. Rosa de Lima Silva Mello, então docente da UFRPE e Presidente da Sociedade Brasileira de Malacologia.



























A reunião destas memórias individuais neste livro **Docência em Etnociências: um caminho como o Coração** tem a ação de nos colocar em face com a memória coletiva, como um elemento reflexivo para a identidade do “Coletivo: Professores Etnobiólogos e Etnoecólogos”.

Assim, a jornada de leitura desta obra certamente nos conduz à reflexão sobre a formação e prática docente, e à discussão em que medida estas narrativas nos impelem a criar vínculos na relação teórico-prática dos profissionais etnobiólogos e etnoecólogos.